

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA**

**Narrativas de Ana: corpo, consumo e *self* em um grupo pró-
anorexia na internet.**

Luciana Campelo de Lira

Recife
2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA**

Narrativas de Ana: Corpo, *self* e consumo entre um grupo pró-anorexia na Internet

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia – PPGA-UFPE como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre sob a orientação da Prof^a Dr^a Roberta Bivar C. Campos.

RECIFE
2006

Lira, Luciana Campelo de
Narrativas de Ana : corpo, consumo e *self* em um
grupo pró-anorexia na Internet / Luciana Campelo de
Lira. – Recife : O Autor, 2006.
151 folhas : il., fig., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal
de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2006.

Inclui bibliografia, anexo e apêndice.

1. Antropologia do corpo e da saúde – Anorexia.
2. Cultura de consumo – Representações e imagens
do corpo. 3. Construção de gênero e identidade –
Noções de feminilidade. 4. Conceito de *self* e
controle. 5. Práticas alimentares – Alimento e
simbolismo – Sentido de sagrado e profano. I. Título.

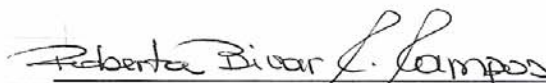
304
306.461

CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

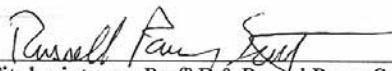
UFPE
BC2006-327

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BANCA EXAMINADORA



Orientador (a): Profª Drª Roberta Bivar C. Campos (PPGA-UFPE)



Titular interno: Profº Drº Russel Parry Scott (PPGA-UFPE)



Titular externo: Profª Drª Rosilene Alvim (IFCS-UFRJ)

Recife, 28 de abril de 2006.

Aos meus filhos, tudo que eu tiver e fizer de melhor.

Agradecimentos

À Prof^a Dr^a Roberta Bivar C. Campos pela dedicação e brilhantismo com que me orientou todos esses anos. Por seu papel fundamental em minha formação, apoiando-me desde minhas primeiras experiências em pesquisa acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por tornar possível a realização de meu mestrado e deste trabalho, com o apoio e incentivo essencial à formação acadêmica.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE, por nos conduzir no universo da teoria e prática antropológica.

Aos meus amorosos pais, pela compreensão, carinho e apoio incondicional com que sempre se dedicaram a mim e aos meus irmãos. Pela família maravilhosa que nos proporcionou, tornando possíveis nossas melhores realizações.

Aos meus irmãos Lula, Nadja, Bia e Dengue por ouvirem, se interessarem e participarem da minha vida nos melhores e piores momentos.

Ao meu marido, meu companheiro de todos os dias, que tanto me ajudou na realização deste trabalho.

Aos amigos queridos que sempre me apoiaram: Renata, Nínive, Rogério, Júlia, Gabriela, Roberta, Letícia e Lito.

Aos amigos do mestrado, que compartilharam comigo as dores e sabores dessa etapa de nossas vidas, em especial: Aluízio, Carlinha, Letícia, Karla, Dani, M^a Eduarda e Luciana.

Às funcionárias do PPGA: Regina, Ana, Miriam e Ademilda que tanto nos ajudam no dia-a-dia do mestrado.

Resumo

A anorexia se tornou, nos últimos tempos, objeto de estudo de diferentes especialidades, principalmente da área de saúde. Do mesmo modo, tem despertado bastante interesse das ciências sociais, o que se pode atribuir às próprias características da anorexia, que cada vez mais desponta como um fenômeno multifacetado, gerando uma grande diversidade de interpretações e de aportes teóricos e analíticos os mais diferentes possíveis. Esta dissertação aborda o fenômeno da anorexia nervosa a partir de uma pesquisa realizada entre 2003 e 2005 na internet, com base em *blogs* e *sites* pró-anorexia. O grupo estudado é formado por jovens mulheres que interpretam a anorexia como um estilo de vida e buscam, através das práticas, princípios, idéias e condutas classificadas como pró-ana, construir suas próprias identidades. Com base na linguagem, nos códigos e símbolos que compartilham para falar do próprio corpo, daquele que admiram ou rejeitam, do corpo do outro, da comida, das estratégias e das emoções foi possível identificar as relações entre a anorexia e as representações e práticas corporais presentes no âmbito da cultura de consumo. A partir de três eixos centrais de análise: **consumo, gênero e self**, procurei ressaltar, acima de tudo, a relação da anorexia com o corpo, suas representações e imagens produzidas pela cultura contemporânea.

Abstract

Anorexia has lately become a study aim in many specialties, mainly in the health area. It has also raised the social sciences interests, due to its own characteristics, which have come as a multiple phenomenon, creating varied interpretations as well as different theoretical and analytical basis. This work reports the nervous anorexia phenomenon from a research realized from 2003 to 2005 on the Internet, based on blogs and sites pro-anorexia. The studied group is formed by young women who face anorexia as a life style and; through practices, principles, ideas and behaviors classified as pro-ana, build their own identities. Based on the language, codes and symbols they share to talk about their body, strategies, and emotions it was possible to identify the relations between anorexia and the body representations and practices present on the consumption culture. From three central analysis patterns: consumption, genre and self, I tried to stand out the relationship between anorexia and the body, its representations and produced images by the contemporary culture.

Sumário

I.Introdução.....	8
Capítulo 1: O campo e o método: a comunidade pró-ana e a análise de narrativa.....	15
1.1. ANA: Permita me apresentar.....	27
1.1.1 O suporte afetivo: sentimento entre parceiras.....	29
1.1.2 A relação com os de fora: louvor, conflito e reação estratégica.....	37
Capítulo 2: Práticas alimentares: sentidos sagrados e profanos.....	46
2.1 Regimes e dietas construindo corpos femininos.....	47
2.2 Comida e simbolismo.....	50
2.3 O jejum das santas às anoréxicas.....	59
2.4 Purgação como mecanismo de redenção.....	67
2.5 A gordura: questões de natureza e cultura.....	71
2.6 Uma pró-ana de verdade não deve ultrapassar o limite máximo de 400 kcal por dia sem se punir.....	77
2.7 Da carne aos ossos.....	79
2.8 Estratégias de manipulação dos desejos: o uso de inibidores de apetite.....	85
2.9 O cálculo.....	87
Capítulo 3: Entre práticas e discursos.....	93
3.1 O primeiro eixo: o gênero.....	93
3.2 Gênero e geração: noções de feminilidade em conflito.....	98
3.3 O segundo eixo: o consumo.....	107
3.4 O papel da moda.....	118
3.5 Um discurso libertário: “controle é o que realmente importa quando se é pró-ana”.....	125
Considerações Finais.....	138
Referências Bibliográficas.....	142
Apêndice I.....	150
Anexo	151

Introdução

Os transtornos alimentares e, particularmente, suas representantes mais ilustres a anorexia e a bulimia, constituem um assunto que se encontra na ordem do dia e têm sido alvo de uma preocupação crescente, tanto por parte da classe médica quanto da opinião pública, conforme se depreende pelo número considerável de artigos científicos e jornalísticos, produzidos ultimamente. A maioria desses artigos aponta, claramente, para o aumento progressivo no número de casos de anorexia, sobretudo nos países mais desenvolvidos, especialmente no Ocidente. Entretanto, esse quadro tem se apresentado um pouco mais diversificado com o aumento do número de casos diagnosticados em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil e da Argentina, o mesmo ocorrendo fora do hemisfério ocidental.

Esta dissertação constitui uma reflexão antropológica sobre o fenômeno da anorexia nervosa, no contexto brasileiro, a partir de uma pesquisa teórica e etnográfica, conduzida entre 2003 e 2005 na internet, com base em *blogs* e *sites* classificados como pró-anorexia.

A anorexia se tornou, nos últimos tempos, objeto de estudo de diferentes especialidades, principalmente da área de saúde. Do mesmo modo, tem despertado bastante interesse das ciências sociais, o que se pode atribuir às próprias características da anorexia, que cada vez mais desponta como um fenômeno multifacetado, gerando uma grande diversidade de interpretações e de aportes teóricos e analíticos os mais diferentes possíveis.

A anorexia nervosa é caracterizada por uma deliberada perda de peso ou de sua manutenção, por vontade própria, em nível abaixo do recomendável pelos médicos. A perda de peso pode ser devida à abstenção de alimentos “que engordam”, regimes e dietas, uso de inibidores de apetite, consumo de purgantes e diuréticos, induzindo vômito e/ou praticando exercícios pesados. A pessoa com anorexia adota um comportamento voltado para o emagrecimento e tem um verdadeiro pânico de engordar. Passa a se impor um autocontrole permanente sobre o corpo, aprende tudo sobre a composição dos alimentos e cria um mundo do que é e do que não é permitido (HERSCOVICI, 1997).

Os primeiros diagnósticos de anorexia nervosa ocorreram em 1873, simultaneamente na Inglaterra e na França, por *Sir* William Gull e E. C. Lasègue, respectivamente (HERSCOVICI & BAY, 1997). De acordo com Showalter (1985), a anorexia nervosa foi considerada, por alguns médicos da época, como uma variante de histeria. Já a bulimia foi

somente descrita em 1979, por G. Russel (HERSCOVICI & BAY, 1997), como uma variante da anorexia, e só posteriormente ganhou *status* de transtorno diferenciado.

As características centrais dos transtornos alimentares podem ser descritas como o “pavor intrusivo de engordar” e a “percepção de se estar muito gordo/a”, que na anorexia conduzem a “um baixo limiar de peso auto-imposto”, obtido através da “evitação de comidas ‘que engordam’”, e, na bulimia, à combinação de “uma preocupação consistente com o comer e um forte desejo ou sentimento de compulsão a comer”, com práticas neutralizadoras dos efeitos de engordar (vômitos e purgação auto-induzidos, períodos alternados de inanição e uso de fármacos).¹

No entanto, a combinação das características de ambos os transtornos (anorexia e bulimia) tem sido cada vez mais comum, como, por exemplo, a anorexia com ingestões compulsivas, as bulimias entrecortadas por episódios anoréxicos, e situações que se iniciam em uma e depois enveredam pela outra e vice-versa. Esse fato se reflete nas práticas utilizadas para a perda de peso, que vão incluir desde as restritivas até as purgativas. Ou seja, tanto através da abstenção de alimentos “que engordam”, regimes e dietas, quanto através do uso de inibidores de apetite, consumo de purgantes e diuréticos, induzindo vômito e/ou praticando exercícios pesados. Rizzuto (1998 apud Kelner 2000) sugere a expressão bulimarexia para denominar essa nova configuração dos transtornos alimentares. No contexto etnográfico desta pesquisa, a combinação dos sintomas da anorexia e da bulimia é bastante recorrente.

Os dados epidemiológicos apontam que cerca de 90% dos casos de anorexia diagnosticados são em mulheres, e a incidência ocorre principalmente entre jovens de 14 a 25 anos (ROBEL, 1997). Além disso, verifica-se a maior freqüência dos casos nas classes sociais mais elevadas. Em 45% dos casos, a anorexia ocorre após uma dieta de emagrecimento; em 40% está relacionada a certas profissões que exigem uma maior exposição do corpo e um perfil de corpo magro, como, por exemplo, modelos, bailarinas, atrizes e atletas.

Garner e Garfinkel (1980) pesquisaram estudantes de dança profissional e de um curso de modelos. Demonstraram que a anorexia nervosa e as dietas excessivas são mais comuns entre esses grupos do que em outras mulheres da mesma idade e nível social,

¹ Cf. CID –10 – Critérios Diagnósticos para pesquisa / Organização Mundial de Saúde; Tradução de Maria Lúcia Domingues; Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, pp. 128-129.

concluindo que "estes achados favorecem a hipótese de que a pressão para emagrecer, quando incrementada por expectativas de um bom desempenho, caracteriza o meio social ideal para a expressão da anorexia nervosa em adolescentes vulneráveis" (Garner; Garfinkel, 1980: 653).

As hipóteses mais aceitas atualmente pela medicina para o surgimento dos transtornos alimentares baseiam-se em um modelo de múltiplas causas, que incluiriam fatores biológicos, psicológicos e sócio-culturais. Por fatores sócio-culturais entende-se a pressão social por um padrão de beleza excessivamente magro. Esses fatos demonstram que a anorexia nervosa tem relações com a cultura e com fatores de valorização social como a beleza. Tem sido discutido que a 'epidemia' dos transtornos alimentares nos últimos 20 anos teria acontecido também por conta de mudanças nos padrões estéticos e de comportamento. O estudo aqui proposto visa contribuir para a apreensão desses fatores socioculturais.

Como prova da influência sócio-cultural do fenômeno, Morgan e Azevedo (2000) ressaltam as particularidades de sua distribuição. Consideram que a anorexia e a bulimia nervosas são doenças que ocorrem em um número cada vez maior de sociedades, com níveis de desenvolvimento e traços culturais distintos, assim como em grupos, estratos sociais, étnicos e etários cada vez mais heterogêneos. E em ambos os sexos, tendo mesmo demonstrado uma tendência para aumentar no sexo masculino. No entanto, a verdade é que a distribuição social do fenômeno apresenta algumas tendências particulares, como a prevalência em grupos etários mais jovens, seu desenvolvimento preferencialmente em mulheres e sua concentração em grupos associados ao desempenho de certas atividades, como é o caso de modelos, atores (atrizes), bailarinas, atletas.

Esta compreensão veio a ser corroborada por vários estudos epidemiológicos demonstrando um aumento na incidência destes transtornos (MORGAN; AZEVEDO, 2000) concomitante à evolução do padrão de beleza feminino em direção a um corpo cada vez mais magro (GARNER; GARFINKEL, 1980). Os dados revelam também que anorexia nervosa e bulimia nervosa parecem ser mais prevalentes em países ocidentais e claramente mais frequentes entre as mulheres jovens, especialmente aquelas pertencentes aos estratos sociais mais elevados destas sociedades, o que fortalece sua conexão com fatores sócio-culturais.

A revista *Época* do dia 12 de abril de 2004 destaca o aumento do número de casos de anorexia e bulimia no sexo masculino, associando esse aumento à busca pela modelação da imagem corporal.

Não é de hoje que homens de todas as idades estão preocupados com a aparência. A cobrança estética já não é exclusividade feminina há um bom tempo. Mas, tal como as mulheres, muitos exageram na corrida contra a balança. O resultado tem sido um aumento no número de homens que mudam a própria alimentação drasticamente por conta própria e desenvolvem distúrbios como a anorexia e a bulimia, historicamente consideradas doenças femininas. Segundo dados do Núcleo de Transtornos Alimentares e Obesidade (Nuttra), da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, o número de homens que buscaram tratamento quintuplicou de 2002 para 2003.

A mesma reportagem aponta para uma característica marcante desse grupo em relação ao desenvolvimento da anorexia e bulimia: de forma geral, os homens acometidos pelos transtornos alimentares *“já foram obesos, fizeram dietas e exercícios radicais e ficam doentes por medo de engordar de novo”* (Revista *Época*, 12 de abril de 2004).

De fato, estudos conduzidos do ponto de vista histórico revelam que dietas para emagrecer são com frequência um dos precursores do desenvolvimento dos transtornos alimentares (MORGAN; AZEVEDO, 2000). Hsu (apud MORGAN; AZEVEDO, 2000: 24) sugere que "a prevalência dos transtornos alimentares parece aumentar na mesma proporção que a prevalência dos comportamentos relacionados à dieta". Patton (apud MORGAN; AZEVEDO, 2000) encontrou um risco para estes transtornos até oito vezes maior entre indivíduos em dieta.

Pesquisa realizada em Ribeirão Preto (SP) pela USP e pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto constatou que mais de 50% das jovens em idade escolar (entre 11 e 18 anos) apresentam algum comportamento de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares – fazem dietas excessivas e têm preocupação exagerada com o peso⁵.

De acordo com um estudo conduzido por uma equipe do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, com uma amostra de 700 estudantes de ambos os sexos, da área de saúde, oriundos de 11 universidades de vários estados do país, 13% dos estudantes pesquisados admitiram provocar vômitos, tomar laxantes ou diuréticos após comer, com o

⁵ Números apresentados no 3º Encontro Brasileiro de Transtornos Alimentares e Obesidade, realizado no Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1999. (www.anorexianervosa/hpg.com.br)

objetivo de não engordar. Embora tais comportamentos não sejam evidências suficientes para o diagnóstico de bulimia, sua alta incidência aponta para uma prevalência bem acima do esperado (RIBEIRO et al, 2004).

Tendo em vista os aspectos levantados até o momento, compartilho da idéia de que “cada época desenvolve suas próprias formas peculiares de patologia, que exprimem, em forma exagerada, sua estrutura de caráter subjacente” (LASCH, 1983: 66). A pressão cultural para emagrecer é considerada um elemento fundamental da etiologia dos transtornos alimentares, que interage com fatores biológicos, psicológicos e familiares (MORGAN; AZEVEDO, 2000). Dessa maneira, o modelo multidimensional é hoje legitimado como o mais eficaz na compreensão do desenvolvimento dos transtornos alimentares. É relevante salientar que, apesar desses estudos epidemiológicos apontarem para a importância dos fatores sócio-culturais, estudos que investiguem de maneira qualitativa essas questões ainda são escassos.

Tratada como “doença”, cultural e historicamente inserida na sociedade industrial avançada, com características de distribuição social peculiares, a atual configuração da anorexia define o papel da cultura não apenas na constituição de ideologias e de imagens, como também através da organização da família, da construção da personalidade, do treinamento da percepção – atuando não apenas como contribuidora, mas como promotora dos transtornos alimentares (BORDO, 1997).

Atualmente surgem novos desafios para a abordagem sócio-cultural dos transtornos alimentares. Acumulam-se evidências, originadas em estudos transculturais, de sua ocorrência em outras sociedades tais como Taiwan, China, Índia e Brasil (DAVIS; YAGER, 1992; NEGRÃO; CORDÁS, 1996), bem como em minorias raciais nos países ocidentais. Se anteriormente se pensava que estes transtornos estavam restritos às classes mais abastadas, nos dias atuais eles parecem estar representados em todos os estratos sociais. Além disso, o relato de casos de anorexia nervosa atípica, em que estão presentes todos os sintomas, exceto o medo de engordar, tem levado alguns autores a considerá-lo como um elemento típico da expressão da anorexia nervosa no ocidente, mas não inerente à doença em si (HSU; LEE, 1993 apud MORGAN; AZEVEDO, 2000). A anorexia ganha, assim, nuances culturais onde se apresenta.

Nos últimos anos, surgiu um movimento difundido mundialmente pela Internet, auto-intitulado *pró-ana* e *pró-mia*³, liderado por jovens mulheres, supostamente de classe sociais

³ Ana e Mia representam, respectivamente, personificações de Anorexia e Bulimia, de acordo com as classificações do grupo estudado.

mais elevadas, que consideram a anorexia um estilo de vida e reivindica o direito de viver sua condição anoréxica/bulímica de acordo com suas crenças.

Partindo dessas considerações, realizei uma análise do conteúdo de páginas Pró-ana (Pró-anorexia) na Internet, nas quais essas jovens mulheres buscam, através da adesão a certas práticas, princípios, idéias e condutas, construir suas próprias identidades. Através da linguagem, dos códigos e símbolos que compartilham para falar do seu próprio corpo, daqueles que admiram ou rejeitam, do corpo do outro, da comida, das estratégias, das emoções, etc, foi possível identificar as relações entre a anorexia e as representações e práticas corporais presentes no cenário cultural contemporâneo no âmbito da cultura de consumo.

De forma geral, este trabalho se apóia em três focos de análise: consumo, gênero e *self*, procurando ressaltar, acima de tudo, a relação da anorexia com o corpo, suas representações e imagens produzidas pela cultura contemporânea.

A dimensão que tem assumido e toda a problemática que envolve a anorexia na contemporaneidade sugerem um campo de investigação complexo que merece receber bastante atenção por parte das diversas áreas de conhecimento. Entre os modelos analíticos nos quais se baseiam boa parte dos estudos dirigidos ao fenômeno nas ciências sociais e na psicanálise, destacam-se os que interpretam a anorexia como um conflito de gênero, um conflito entre gerações, ou ainda como expressando uma noção particular de sujeito. Outra abordagem mais recente define a anorexia como um problema essencialmente relacionado à comida, ou seja, à alimentação. Acredito que esses modelos de análise não são incompatíveis, muito embora se observe uma tendência de isolamento desses fatores. Portanto, tentarei abordar esses tópicos transversalmente, nos capítulos desta dissertação, no intuito de exercitar o diálogo entre perspectivas que tradicionalmente têm sido trabalhadas de forma separada.

Na tentativa de articular esses modelos interpretativos apresento primeiramente o campo pesquisado em linhas mais gerais, e os *blogs* e *sites* pró-anorexia nesse contexto. A comunidade pró-ana e alguns dos elementos que compõem sua retórica e sua dinâmica e a economia emocional que rege as relações dos participantes entre si e com a Ana.

No segundo capítulo trarei uma análise da simbologia presente nas práticas do grupo, associando-a ao contexto social mais amplo, no que se refere a um padrão de relacionamento com a comida e com o corpo. A partir dessa associação emergem questões relativas ao gênero, à cultura de consumo e ao *self*, que serão aprofundadas no terceiro capítulo, em que

trabalharei o papel das relações de gênero assim como o conflito entre gerações na composição do discurso e práticas na anorexia.

A prevalência dos casos de anorexia em pessoas do sexo feminino aponta para a importância das relações de gênero na etiologia da doença (BORDO, 1997; TURNER, 1998; BRUCH, 1978). Revela relações de poder que envolvem os papéis de homens e mulheres no seio da nossa cultura. A perspectiva adotada neste trabalho entende que gênero, como uma construção, rompe com a separação entre ideologia e corpo, e, nesse sentido, a anorexia revela como esse gênero é vivenciado, expressando o conflito corporalmente.

Aliada à perspectiva de gênero, o conflito entre gerações, enfatizado em diversos estudos (KELNER, 2000; ORBACH, 1986; DE CERTEAU, 1996), sugere, como explicação central da anorexia, uma relação competitiva entre mãe e filha, em que a *práxis* anoréxica torna-se um instrumento de luta por autonomia da filha em relação ao poder exercido pela mãe. Ao articular esses dois modelos, procuro focalizar principalmente uma relação conflitante entre noções de feminilidade que convivem e competem nessas duas gerações. Percebendo estes dois fatores, ou seja, gênero e geração, como estritamente relacionados. Dito de outra forma, a maneira como o gênero feminino é experimentado provou distinguir-se entre gerações e, no caso do grupo estudado, essa experiência é conflituosa.

Finalmente, ao abordar o modelo analítico que concebe a anorexia como a expressão de uma noção de sujeito centrado na razão (GIDDENS, 2002; HAYLES, 1999; TURNER, 1997), focalizando uma noção de *self* altamente controlado, procuro associar essa exacerbção do controle através da construção do *self* como fenômeno associado a relações de gênero e a uma estrutura de dominação implícita a valores e ideais culturais que, por sua vez, orientam a constituição de subjetividades e sociabilidades femininas no seio da cultura de consumo contemporânea.

Apesar de realizar uma abordagem sócio-cultural do fenômeno da anorexia é importante ressaltar primeiramente a multiplicidade de aspectos envolvidos, sobre os quais outras áreas do saber científico se dedicam: aspectos de ordem fisiológica, biológica, cognitiva, psicológica, entre outros. Que obviamente não caberá a este trabalho discutir. Portanto, gostaria de frisar que estamos diante de um fenômeno cuja natureza encontra-se aberta a diferentes, mas não necessariamente excludentes interpretações.

Capítulo 1.O campo e o método: a comunidade pró-ana e a análise de narrativas

Nos últimos tempos, assistimos à emergência de novas formas de comunicação e interação com o avanço da tecnologia, mais precisamente da informática. Esta tecnologia permite, através de sua rede mundial de computadores, a interconexão entre indivíduos dos mais diferentes e distantes lugares, quebrando as barreiras de tempo e espaço. A Internet, conhecida como a "rede das redes" constitui-se em uma instância técnica que condensa uma série de características do *cyberspace*, ou *ciberespaço*, que designa, originalmente, o espaço criado pelas comunicações mediadas por computador (CMC).

Com o desenvolvimento e a popularização exponenciais do ciberespaço, mais e mais pessoas passam a ter acesso não apenas à informação, mas a novas formas de associação, sociabilidade e relacionamento entre indivíduos do mundo inteiro. As possibilidades de expansão e criação de novos vínculos sociais e afetivos através da rede motivaram, nas últimas décadas, a formação de grupos de interesse, que podem ser compostos por apenas algumas dezenas de participantes, ou por milhares deles, diversas vezes rompendo as fronteiras nacionais e se configurando como comunidades transnacionais. A Internet não é somente responsável por quebrar barreiras de tempo e espaço, ou pela circulação de dinheiro e de coisas, mas acima de tudo de idéias, compromissos, alianças, afetos, ideologias, valores e assim por diante. A comunidade pró-ana se encontra inserida no rol dessas novas redes de circulação de idéias e ideais que se consolidam a partir da Internet.

A pesquisa referente a esta dissertação se baseia nas narrativas de 43 *weblogs* e quatro *sites* visitados no período de 2003 a 2005. Apesar de ter visitado quase uma centena de sites e *blogs* e mais dezenas de comunidades pró-anorexia que fazem parte do *orkut*⁴, procurei ater-me a esses 43 *blogs* e quatro sites que mantinham uma relação mais próxima, com visitas freqüentes e que tinham seus *links* disponíveis na lista de amigos uns dos outros. Na verdade, poderíamos dizer que esses respectivos *blogs* e sites formam uma espécie de *webrings*, ou seja, um anel, um circuito de amizade mais fechado, circunscrito na rede pró-ana mais ampla. Apesar de, em diversos momentos, referir-me a Transtornos Alimentares, bulimia e ao movimento pró-mia, que surge posteriormente ao movimento pró-ana, mas que mantém uma relação estreita com este, como já foi comentado na introdução, não irei me ater ao problema da bulimia em si ou mesmo ao grupo pró-mia, nem a outros transtornos alimentares. Quando

⁴ Um tipo de aplicação web concebida como uma grande rede de comunidades virtuais, cujo objetivo é ajudar seus membros a criar novas amizades, a manter relacionamentos. Os números já somam milhares de membros em diversos países, inclusive no Brasil.

falo sobre o movimento pró-mia ou sobre a bulimia é devido à sua constante associação e similaridades com a anorexia e o movimento pró-ana.

LISTAS DOS BLOGS E SITES QUE FIZERAM PARTE DA PESQUISA

Blogs:

www.buscandoaperfeiçao.blogspot.com.br
www.anorexics.blogspot.com.br
anamiamiga.weblogger.terra.com.br
silent-tears.weblogger.terra.com.br
ynhazinhah.weblogger.terra.com.br
lookingforana.weblogger.terra.com.br
lacriminosa.blogspot.com.br
anamyliife.zip.net
loveannaforever.weblogger.terra.com.br
thin_forever.bravelog.com
cammy-ana.zip.net
lady_lina.zip.net
lifeanamia.zip.net
proanagorda.zip.net
sick_life.zip.net
antipeso.weblogger.terra.com.br
sadlife.weblogger.terra.com.br
ana_forever.blig.com.br
katyanna.blig.com.br
ana4life.zip.net
anaeana.weblogger.terra.com.br
vidaanorexica.blogspot.com.br
brooke_macqueen.blig.com.br
waitingfordeath.weblogger.com.br
noticiasmianna.weblogger.terra.com.br
proanita.weblogger.terra.com.br
anna_for_bone.zip.net
sem_comida.blogspot.com.br
gabiproana9.zip.net
livin_with_ana.blogspot.com.br
anorexicsgirl.weblogger.terra.com.br
nofoodeterno.weblogger.terra.com.br
proana.blog-city.com
porquechorasbundchen.weblogger.terra.com.br
muuuhhh.blogspot.com
dear_anna.zip.net
queroana.weblogger.terra.com.br
be-slim.weblogger.com.br
annabychoice.blig.ig.com.br
bluebutterfly.zip.net

fatnever-anaforever.blogger.com.br
annamia.weblogger.terra.com.br
poison_food.weblogger.terra.com.br

Sites:

proana_paradise.cbj.net
proanas.ubbi.com.br
www.Proanna.kit.net
anorexics.cjb.net

Comunidades do orkut:

Corpo Perfeito
Proana/Promia em Português
Joddi Kidd
Paranóicas por dieta
Maldita comida
Nós amamos Ana
Ossos, controle e perfeição
Por amor a Nancy
Shades of Ana
Minha obsessão
Anorexics Pride
Não me acho gorda, sou gorda!
Starvation

O movimento pró-ana/ pró-mia surge entre 2000 e 2001, na Inglaterra e nos Estados Unidos. No entanto, é difícil afirmar com precisão a origem da comunidade ou do movimento *pró-ana*, devido à própria natureza da formação dos grupos, que se dá por meios informais, e, particularmente, no que diz respeito a um grupo cuja argumentação foge dos parâmetros estabelecidos socialmente, chegando a ser classificados como posturas marginais. Sua rápida expansão, nos últimos cinco anos, o transformou em um movimento de alcance global, encontrando adeptos em diversos países e continentes, como é o caso de Brasil. Uma pesquisa rápida em um bom site de busca revela a grande quantidade de *weblogs*, *sites* e grupos de discussão dedicados ao tema, que possuem centenas de usuários cadastrados. Contudo, isso não significa que todas essas pessoas sigam o “estilo de vida” anoréxico, ou compartilhem das mesmas crenças, porém, sem levar em consideração a possibilidade de fraude, esse fato nos leva a crer que há, por parte desses usuários, um mínimo de identificação com a causa ou com as práticas pró-ana. Percebi, de fato, que muitas pessoas se filiam aos grupos ou recorrem às proprietárias e administradoras dos blogs e sites pró-ana, buscando estratégias, dicas e truques com o intuito de emagrecer. Contudo, a complexidade da rede pró-ana/ pró-mia não me permite,

nos limites desse trabalho, uma exploração mais profunda dos vários tipos de usuários, ou sobre as diferentes motivações que orientam a participação no grupo, assim como fazer uma real e detalhada análise acerca da extensão da rede pró-ana, no Brasil e no mundo.

Marcus (1991, 1998 apud RAMIREZ-GALVEZ, 2003) sugere a adaptação de práticas etnográficas ao estudo de objetos complexos que surgem dentro de novas esferas de trabalhos interdisciplinares – sobre mídia, ciência, tecnologia e estudos culturais. A etnografia passou, segundo Marcus, da pesquisa focalizada em um único lugar de observação, para uma outra forma de etnografia que se propõe indagar sobre a circulação de significados culturais, objetos e identidades que podem estar difusos no espaço-tempo.

Esse processo metodológico estaria sendo determinado por objetos de pesquisa contemporâneos, de grande circulação de capital não apenas econômico, mas também simbólico, produzido em múltiplos lugares, como afirma Frankim (apud RAMIREZ-GÁLVEZ, 2003), num contexto em que o modo de vida é mais descontínuo, fragmentado e incoerente.

Miler e Slater (2004) sugerem que, para ser considerada como etnografia, é necessário o compromisso de se relacionar o fenômeno estudado a contextos mais amplos, ao invés de considerá-lo um fenômeno auto-contido e autônomo. Neste sentido, os autores tecem algumas considerações:

Deve ficar claro que o compromisso etnográfico de colocar as coisas no contexto precisa evitar o perigo de reificar o objeto tanto quanto evitar o perigo de produzir um contexto reificado analiticamente. Isso significa desagregar “a internet” na profusão de processos, usos e “tecnologias” sociais que ela pode compor em diferentes relações sociais, ao invés de considerá-la como objeto único com propriedades inerentes que podem, no máximo, ser expressos de formas variadas em diferentes contextos. (Miler e Slater, 2004: 46).

Slater (MILER; SLATER, 2004) cita sua pesquisa em que abordou a troca de materiais sexualmente explícitos (*sexpics*) no *Internet Relay Chat* (IRC) que, apesar de ter sido conduzida inteiramente *on-line*, procurou considerar e entender os contextos mais amplos, ou seja, o contexto *off-line* onde tais práticas se inserem.

Ressalto, portanto, que a pesquisa que deu origem a esta dissertação, tem características etnográficas, principalmente no que concerne à chamada etnografia virtual, como, por exemplo: a descrição do local de interação e a abordagem do contexto mais amplo que se relaciona diretamente com o conteúdo da interação *on-line*, além de se voltar

para as vozes e os significados, de acordo com categorias êmicas. Apesar de considerar problemático romper com alguns pressupostos tradicionais da disciplina antropológica, como é o caso, por exemplo, da ausência de interação entre pesquisador e pesquisados, que impossibilita o “encontro etnográfico”, entendo que essa impossibilidade está relacionada às condições do campo e do objeto e, portanto, se trata de uma opção metodológica adequada a esse empreendimento.

Trata-se, dessa maneira, de uma metodologia de análise de textos (narrativos) etnograficamente orientada (TITSCHER et al, 2000), visando acessar os significados e as representações que constituem o universo pró-ana: as práticas, os sentimentos, os sentidos e as relações, a partir da linguagem textual de suas narrativas.

Além dos elementos narrativos presentes nos blogs, sua apresentação estética, as normas e regras que regem o grupo, as imagens e símbolos disponíveis nas páginas serviram como elementos de análise e interpretação desse universo.

Um problema crucial que emerge das pesquisas realizadas na Internet diz respeito ao *status* da interação *on-line*, quando público ou privado. Nesse sentido, elementos da análise de Goffman (1971) podem ser utilizados para pensar o estudo da interação *on-line*, como os de território do *self* e o de noção de *self* como uma construção subjetiva da interação social; espaço público e privado como produção da interação (GOFFMAN apud CAVANAGH, 2005).

A produção textual *on-line* é uma forma de representação do *self*, que ocorre em um espaço de interação, em um ritual de interação. Não se refere apenas a uma personalidade individual, mas, sobretudo, a uma estratégia que expressa significados e formas de interação.

Homan (apud CAVANAGH, 2005) argumenta que esse tipo de dado adquire a forma de uma percepção que não é peculiar a nenhum indivíduo especificamente, e, assim, não está atrelada à necessidade de obter o consentimento informado por parte dos participantes. Do mesmo modo, é aceitável observar o comportamento das pessoas em encontros, em lugares públicos, igrejas, shoppings, ou o de pedestres, nas ruas, sem o consentimento informado. E isto porque, segundo a autora, o comportamento em lugares públicos constitui um objeto legítimo ao escrutínio do pesquisador social (CAVANAGH, 2005).

A caracterização de espaço público ou privado é sempre relativamente definida pelos seus próprios ocupantes. No caso da Internet, a existência de ferramentas que definem o grau de observação dos participantes seria responsável por essa noção. Os espaços abertos ao observador comum implicam que a interação ocorre em espaço público, sendo, então, passível de investigação. Essa definição é, então, contingente, dependerá tanto da compreensão dos participantes quanto do pesquisador. Goffman (1963) se refere aos espaços privados dentro de espaços públicos e demonstra que a caracterização de público ou privado está longe de representar definições monolíticas que guiam as ações. Assim como na Internet, essas definições são produzidas, local e circunstancialmente, pelos membros das comunidades.

A escolha do ciberespaço como *locus* de pesquisa é contingente ao próprio objeto de estudo - o universo pró-anorexia no Brasil - o qual dificilmente poderia ser explorado em uma pesquisa etnográfica nos moldes clássicos, que prevê uma interação face a face entre pesquisador e pesquisado. Isso se torna uma tarefa extremamente difícil a partir do momento em que a postura pró-anorexia é socialmente rejeitada e amplamente reprimida nas esferas familiar e social. De fato, a ausência deste encontro é traço constitutivo do tipo próprio de sociabilidade característica dos grupos estudados. As páginas (blogs, grupos de discussão, sites, etc) funcionam como um refúgio, um espaço seguro em que pessoas com os mesmos problemas podem discutir abertamente sobre eles, protegidas do julgamento alheio.

Além disso, nos grupos *pró-ana*, os participantes são freqüentemente alvo de censura por parte dos sites hospedeiros, que consideram o conteúdo das discussões “ofensivo” e excluem esses grupos. Por essa razão, neste tipo de grupo o anonimato é especialmente desejável e o encontro face a face é de difícil realização. Nesse sentido, a ausência do encontro face a face entre pesquisador (a) e os sujeitos pesquisados é coerente com a experiência de sociabilidade do grupo estudado. Na verdade, o anonimato tornou-se a estratégia de campo neste contexto. Para além da dificuldade de acesso as informantes, o próprio material presente nos blogs, etc tem tamanha densidade que se justificaria tal recorte metodológico sem que com isso desconsidere-se em pesquisa futura, e já com o material e o conhecimento da “lógica” deste universo etnográfico, ir em busca de contato face a face. Certamente com maior chance de sucesso, uma vez que o/a antropólogo (a) já deterá conhecimento da linguagem, valores, estratégias identitárias, etc das freqüentadoras dos

blogs, etc, pró-ana. Tal acervo de conhecimento é imprescindível para superar a condição de marginalidade, “disfarce” da anorexia no mundo fora da Internet.

A comunidade *pró-ana* dispõe de formas diversificadas de comunicação e interação: blogs, sites, fóruns, grupos de discussão, chats. No entanto, a análise empreendida nesse trabalho dedicou-se exclusivamente às ferramentas que permitem a observação pública, sem nenhum tipo de restrição, as áreas de livre acesso de sites e blogs *pró-ana*; não foi acessado nenhum fórum de discussão ou salas de bate-papo que requerem a identificação e participação do observador.

O ciberespaço, como ambiente de sustentação do grupo, constitui, ao mesmo tempo, um espaço público, que permite a visibilidade das idéias e a interação com os pares, e um território privado, no sentido de escapar ao olhar controlador da família, dos colegas de escola ou de trabalho, pois coloca à disposição do usuário a possibilidade do anonimato, no caso das *pró-anas*, da criação de uma nova identidade.

A pesquisa procurou analisar o conteúdo de dois tipos de ferramenta diferentes usados pelo movimento *pró-ana/pró-mia* na Internet: o primeiro, composto por sites que atuam como guias para a rede *pró-ana/pró-mia*, trazendo a conceituação teórica da anorexia e todas as suas características, os mandamentos *pró-ana*, dicas, truques, tabelas calóricas, a carta de *Ana*, etc. Todo conteúdo voltado para a sustentação do argumento *pró-anorexia*. O segundo tipo inclui os chamados blogs, páginas pessoais interativas de mulheres que se autodenominam *pró-ana*.

Os blogs podem ser definidos como uma ferramenta que permite ao seu autor e gerenciador expressar livremente suas idéias, tornando-se um veículo de comunicação. De forma geral, essa ferramenta possibilita duas modalidades de uso: o diário virtual, uma releitura dos diários íntimos tradicionais, e os blogs temáticos, com um tema geral para reger as discussões, dando voz a idéias, causas, ideologias pessoais e/ou de grupos. Os blogs *pró-ana* contemplados nessa pesquisa são de caráter temático - a causa *pró-ana* - misturado a um conteúdo mais personalizado, semelhante ao diário de papel. No entanto, esse escrito íntimo é veiculado através da rede, e tem um grupo de leitores que contribuem e opinam diretamente sobre o texto do dia em um espaço reservado para comentários.

De acordo com Rebeca Blood (2002; 2003), a idéia de weblogs remonta ao início de 1999. Os blogs se caracterizam, principalmente, pela forma, baseada em microconteúdo, organização cronológica e freqüente atualização (pequenas quantidades de texto, publicadas periodicamente e atualizadas em função do tempo - o mais recente no início da página); são

populares pela facilidade de publicação na Internet (dispensam o conhecimento de ferramentas como HTML e simplificam o processo de construção de um *site* pessoal).

O grupo contemplado nessa pesquisa forma uma rede de comunicação constante através da visita de uns aos outros e dos comentários registrados a cada nova mensagem (*post*). Essa rede *pró-anna/pró-mia* da Internet se tornou um território livre para a sustentação de sua causa. A livre associação permitida pela ferramenta fornece os requisitos necessários à manutenção do grupo: o anonimato e a interatividade, características fundamentais para a sustentação de um “estilo de vida”⁵ e/ou uma ideologia percebida como desviante, que beira a marginalidade.

A Internet abre, para o diarista, a oportunidade de ser lido sem que ele precise desenvolver relações face a face com seus leitores, um público formado por desconhecidos. Sennett (2001) explica que os papéis sociais desempenhados pelo indivíduo e sua participação na vida pública foram diminuindo em função de histórias particulares e este indivíduo foi abandonando cada vez mais os grupos da sociedade para se voltar para sua intimidade, privacidade e subjetividade.

A interação entre as garotas é mútua, cooperativa, e tem o nítido propósito de fortalecer os laços que suportam a comunidade e, conseqüentemente, a ideologia do grupo. Além disso, a interação não existe apenas nos blogs, embora estes sejam utilizados como um centro de interação importante, porque permitem que as garotas permaneçam anônimas e que todas possam ler-se umas às outras e comentarem, aumentando o suporte e os laços sociais. Muitas vezes, a interação do grupo migra para outros sistemas, como os softwares sociais (Orkut, Multiply, etc.), os sistemas de mensagens (como o MSN ou o ICQ) e mesmo a troca de cartas (embora muito mais raramente). Embora existam ataques em interações que tencionam gerar conflito, estes vêm de pessoas externas ao grupo e tendem a fortalecê-lo.

Giddens (2002) utiliza a análise de Goffman (1975) para afirmar que a regulação da população e da apresentação do *self* via interação face a face são problemas da civilização moderna. E que o *locus* dessas características de corporalidade social está fundamentado nas contradições das condições de intimidade e anonimato geradas nesse contexto. No caso da Internet, o contrato de cumplicidade não conta mais com relações face a face, mas se apóia numa confiança que resulta do texto. O segredo é então contado a um estranho, que se torna

⁵ A definição de estilo de vida adotada neste trabalho se refere às características apontadas por Featherstone (1995) e está diretamente relacionada à de cultura de consumo: “conota individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada” (1995:119). Assim, o indivíduo expressa-se através da apresentação e gosto estético, do consumo dos bens, das opções que faz e do comportamento que adota.

próximo pelas características em comum com o próprio diarista. Essa intimidade compartilhada é reveladora de um grande paradoxo contemporâneo, visibilidade *versus* isolamento.

Augé (1994) fala de lugares identitários, relacionais e históricos, que tradicionalmente foram estudados pela Antropologia em oposição aos não-lugares, espaços constituídos para determinados fins (transporte, comércio, lazer, etc), caracterizados como pontos de trânsito e ocupações provisórias, lugares, segundo o autor, destinados à individualidade solitária. Isso se deve ao fato desses lugares não permitirem a constituição de laços, de uma história ou de uma identidade, o que os situa em uma relação de oposição aos lugares antropológicos. Augé afirma que a identidade e a relação estão no cerne de todos os dispositivos espaciais estudados classicamente pela antropologia. Uma identidade que se define em relação ao território e com os que dele compartilham (Augé, 1994: 56).

A Internet parece, de alguma forma, colocar um grande problema nessa categorização formulada por Augé, ao se constituir em ambiente para os mais diversos fins, inclusive a formação de sociabilidade, de alianças, de troca de experiências, de convivência, ainda que virtual, e, conseqüentemente, a construção de laços sociais e afetivos e, por fim, e como resultado de tudo isso, como lugar de constituição de identidade. Talvez possamos encontrar, na seguinte afirmação, a ponte que liga lugares como o espaço virtual a uma síntese entre os não-lugares e os lugares pensados de maneira dicotômica por Augé:

“O lugar se completa com a fala, a troca de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores...palavras que também todos que, falando a mesma linguagem, reconhecem que elas pertencem ao mesmo mundo”(1994: 73).

Este é o caso da comunidade virtual, formada por um grupo de meninas que têm uma compreensão específica sobre a anorexia nervosa e, através da adesão a certas práticas e da formação dessa comunidade, baseada em princípios, idéias, sentimentos e condutas comuns buscam construir sua própria identidade.

O princípio que estrutura as relações de amizade parece não diferir, em grande medida, da forma como se dá inicialmente a amizade nas relações face a face. Esses aglomerados, formados na Internet a partir de *chats*, blogs e outros, reproduzem a antiga tradição da

constituição de grupos por afinidade, e ainda proporcionam mundos para uma formação social anônima (SCHITTINE, 2004: 90).

É principalmente a partir dos blogs que se constitui a comunidade pró-ana, neles estão narradas as experiências, expectativas e desilusões desse grupo de mulheres que fazem da anorexia uma filosofia de vida. Por ser caracterizado socialmente como um comportamento transgressivo, o espaço da Internet mostra-se o mais seguro e livre dos mecanismos de controle da esfera pública, tornando-se o único meio possível para a formação de uma comunidade que visa assegurar uma definição que difere da conceituação hegemônica do fenômeno. De forma análoga ao salão de boxe, pesquisado por Wacquant (2002), a Internet é o meio e o motor para a formação de grupos cuja sociabilidade está baseada em uma postura ideológica comum e que não pode ir além de suas fronteiras. Parafraseando o autor quando se refere ao salão pugilístico, a Internet, para a comunidade pró-ana, funciona à maneira de um santuário...isola e serve de escudo contra a insegurança do mundo exterior e as pressões da vida cotidiana (WACQUANT, 2002: 32). Contudo, não se caracteriza como um ambiente fechado e reservado, tal como um salão de boxe, pois está aberto a um público desconhecido e praticamente incalculável, no entanto, possibilita o anonimato, que é o mecanismo essencial de proteção da comunidade pró-ana.

“*Linkados*” entre si, mesmo que distantes fisicamente, esses grupos formam também uma rede de segredos. Lejeune (apud SCHITTINE, 2004) classifica essa troca como um campo de amizade “não unicamente de relações duais, mas com um espírito de grupo, uma solidariedade”. A solidariedade presente no grupo pró-ana, só é possível por causa da cumplicidade existente dentro do grupo. A identificação de práticas compartilhadas permite uma cumplicidade que se dá através do hábito. Entendo que a confiança, elemento central das relações estabelecidas entre as pró-ana, deriva dos pontos em comum entre os que escrevem e os que lêem e a segurança é decorrente do fato de não se conhecerem em “carne e osso”, ou seja, trata-se de um anonimato relativo, pois, ao permitir que sua intimidade seja exposta ao escrutínio dos leitores, os autores contam com a situação de pouco ou nenhum envolvimento dessas pessoas na sua vida social. Nesse sentido, o fato de não haver, na maioria dos casos, uma interação face a face ou uma participação desses observadores e cúmplices na vida diária *off-line* dos informantes faz com que aumente a liberdade do discurso. Cria-se uma forma de cumplicidade, baseada na confiança no desconhecido que, ao mesmo tempo, compartilha de sua intimidade. A comunicação mediada por computador, enquanto forma inicialmente anônima de interação social, proporciona ao grupo a oportunidade de organizar-

se de modo discreto, fundamental para que suas iniciativas continuem desconhecidas de sua vida *offline*.

Para além da discussão inerente aos estudos direcionados ao *ciberespaço*, gostaria de destacar que os resultados apresentados nesse trabalho se apóiam na análise das narrativas presentes em blogs e sites de um grupo de mulheres que se auto-denominam pró-ana, e que encontram nesse ambiente um espaço de expressão, onde suas experiências, idéias e concepções estão relativamente livres dos mecanismos de controle da esfera pública e, dessa maneira, se tornam possíveis. Entendo que de fato, o grupo e o movimento como um todo só existem porque existe a Internet.

A análise de narrativas se mostrou um caminho possível e profícuo para atingir os objetivos desta pesquisa, no intuito de revelar alguns elementos que constituem o universo do fenômeno da anorexia nas circunstâncias atuais.

Embora a análise de narrativas focalize as histórias individuais, ela pode ser um bom instrumental para explorar uma história mais ampla, tendo como proposta gerar uma perspectiva mais inclusiva e expandir as possibilidades e o alcance do debate (BERDAYES; BERDAYES, 1998 apud BISHOP, 2001). Nesse sentido, o olhar sobre essas narrativas possibilita compreender a cultura que as produz. De acordo com Foss (1996, apud BISHOP, 2001), as narrativas nos ajudam a dar ordem à experiência, dão sentido aos eventos e ações em nossas vidas. Fornecem, assim, pistas para compreender a subjetividade dos sujeitos e os valores e significados que caracterizam uma cultura. A narrativa é definida, assim, como uma ação simbólica que tem significado para aqueles que vivem, criam, ou a interpretam (FISHER, 1987 apud BISHOP, 2001).

Para esta pesquisa, foram realizadas análises de 152 narrativas, bem como mais de duzentos comentários às mensagens postadas pelo grupo, que serviram para identificar e compreender as reações à postura pró-ana e a constituição das relações entre o grupo. Já no caso das narrativas, considereei apenas os *posts*, ou mensagens separadas por suas respectivas datas de postagem. Com base na técnica de análise de conteúdo proposta por Eco (1996), a seleção e sistematização dos dados obedeceram a categorias eleitas de acordo com os temas e problemas levantados a partir da conjunção entre orientação e pesquisa teórica sobre o tema e as observações e dados extraídos do próprio campo, que revelaram vários outros aspectos importantes a serem abordados.

As imagens, fotografias, a estética das páginas e outros elementos que as compõem, como poesias, frases de efeito, títulos, relação peso-altura, descrição dos perfis e gostos

personais, as tabelas de calorias, as dietas, conselhos, mandamentos, dicas, truques, as campanhas, os endereços relacionados, foram extremamente importantes para a análise e compreensão desse universo, para isso, tiveram seu registro feito em um diário de campo. Também foi criado um banco de imagens para um melhor registro do aspecto visual das páginas, que se mostrou fundamental para o reconhecimento e a própria constituição do grupo.

Na observação do ambiente e do tipo de interação realizada no grupo, procurei pistas para acessar os significados de práticas e discursos pró-anorexia e o sua correlação com o meio sócio-cultural em que eles se inserem, a saber, a cultura ocidental contemporânea em seus contornos locais e globais.

1.1 ANA: Permita me apresentar

Meu nome, ou como sou chamada, pelos também chamados ‘doutores’, é Anorexia. Anorexia Nervosa é meu nome completo, mas você pode me chamar de Ana. Felizmente nós podemos nos tornar grandes parceiras...⁶

Os termos *pró-ana* e *pró-mia* se referem a uma postura ideológica que se difundiu pela Internet, nos últimos anos, e que, de maneira geral, questiona o caráter patológico da anorexia e da bulimia, considerando-as como estilos de vida que podem ser voluntariamente adotados. O argumento principal desta postura é o de que a magreza é o elemento essencial

⁶ Trecho inicial da carta da Ana: Texto que circula na Internet, cuja autoria é atribuída à Ana (entidade que personifica a anorexia)

de uma boa aparência física que, por sua vez, é determinante na obtenção da felicidade e do sucesso. O caráter ideológico da anorexia se expressa em argumentos que afirmam: “A anorexia não é uma doença, é uma filosofia de vida”, assim como, no conjunto de idéias, pensamentos e doutrinas que orientam as ações do grupo.



Os blogs pró-anorexia têm uma organização cronológica e permitem freqüentes atualizações, como também interações com o público, já que a este é concedido um espaço para comentários. Cada blog tem sua identidade visual e existe uma certa pluralidade de estilos, uns mais infantilizados, com imagens de bichinhos, desenhos animados, personagens infantís e cores claras. No entanto, a grande maioria tem uma aparência semelhante, com cores escuras e uma estética mais dramática. Em uma das margens consta o perfil do autor do blog; em sua maioria, os nomes são fictícios⁷. Constam também dados pessoais, como idade, cidade, e-mail etc. Existe sempre um espaço destinado à enumeração das coisas de que seu autor mais gosta, bem como, das que não gosta, seguido da descrição do peso corporal e da altura, seguidos da meta, ou seja, o peso que esta pessoa pretende alcançar. Esse plano muitas vezes é acompanhado pelo histórico do peso e serve como guia para as ações empregadas no processo de emagrecimento. Fotos de mulheres magras (modelos e atrizes) são colocadas como inspiração –*Thinspiration*– e servem de imagens–guia para a construção do corpo, orientam as práticas e reforçam o desejo de emagrecer.

Os nomes, de forma expressiva, estão relacionados a variações da *Ana*, a produtos *lights* ou diets, nomes de modelos, etc, ou ainda, a imagens contrárias ao ideal de magreza defendido pelo grupo, revelando um forte desprezo pela sua imagem corporal, como acontece com pseudônimos do tipo “*vaca gorda*”, “*baleia orca*”, e assim por diante. No entanto, procurei, de forma geral, preservar um pouco esses codinomes, já que eles representam uma

⁷ Os pseudônimos, de forma geral, não serão revelados. Apenas serão mantidos os que correspondem a blogs ou sites extintos, ou ainda, os que sofreram alguma modificação.

identidade forjada para esse espaço, embora legítima para o grupo. Assim, os poucos nomes citados são os que já foram substituídos ou que cessaram suas atividades no grupo.

As narrativas procuram relatar não só os acontecimentos diários, mas, principalmente, os sentimentos que desejam compartilhar, angústias, frustrações, alegrias e satisfações, além da relação com a família, o namorado, as amigas da escola etc, tendo sempre como pano de fundo a condição anoréxica e suas conseqüências. Ela é dirigida ao público, em especial aos que compartilham da mesma situação e da mesma concepção sobre a anorexia e, mais precisamente, ao grupo com quem os sujeitos costumam se relacionar - os que aparecem na lista de *links* de seus blogs - ou seja, os blogs de outras meninas com quem mantêm contato e com as quais estabelecem seus relacionamentos.

O ambiente do blog é visualmente personalizado (cores, desenhos, fotos e imagens em geral). É possível identificar as categorias de símbolos comuns, como também alguns itens que parecem legitimar aquele endereço eletrônico como o de uma “pró-ana”. São eles: a carta de Ana, os dez mandamentos de Ana e as fotos de pessoas consideradas ícones do movimento, ainda que não tenham consciência disso, como é o caso de modelos e atrizes.

1.1.1 O suporte afetivo: sentimentos entre as “parceiras”

Longe de serem frias, as relações *on-line* não excluem emoções fortes; são marcadas pela troca de experiência, como forma de expressar e compartilhar sentimentos, pensamentos e acontecimentos da vida diária. Confiança, lealdade e compreensão formam a base necessária para a dinâmica do grupo. Sua linguagem é densamente afetiva, demonstrando uma forte relação de amizade que, ao mesmo tempo, atua como reforço da identidade, tendo como elemento central a condição anoréxica.

“A comunidade pro-anorexia existe para encontrarmos semelhantes, e no meio de tudo isso continuarmos o nosso caminho” L.

“Saibam, somos exemplo de força e determinação o mundo é um zero à esquerda e nós somos tudo de bom...vamos estender as mão e fazer um círculo de perfeição...”Aninh@

Procurando grupos que compartilhem de uma visão de mundo ou, pelo menos, de idéias semelhantes sobre determinados tópicos, essas garotas parecem estar buscando no outro um reflexo de si próprias. Por isso, a exposição, para o público, de sua intimidade, parece ajudá-las na tarefa de (re)definir suas próprias identidades.

*Bom eu queria primeiro agradecer a todas vc minhas queridas amigas por serem uma espécie de consciência que sempre querem me colocar pra cima e me levantar meu cérebro que me sabota de vez em quando... todas vcs são muito importantes para mim e quando eu leio um comentário fico feliz , mesmo quando ele não concorda com o que eu digo... beijocas lindas...
C.*

*É tão bom ter em quem pensar quando estou quase fraquejando em um no food e agüentar mais, expandir mais e mais meus limites com o apoio de quem me entende pq passa pelas mesmas coisas que eu, entende os prazeres e os medos q eu sinto todos os dias...
NN*

As narrativas do grupo revelam uma economia emocional baseada no apoio e compreensão mútua, constituindo relações baseadas na troca de experiências, em mensagens de conforto e estímulo. A forma afetuosa e íntima com que se tratam exhibe uma relação estruturada em torno de um processo de identificação. Ou seja, o laço afetivo é construído a partir das idéias, sentimentos e objetivos comuns. O alívio proporcionado pelo “encontro” com o semelhante instaura a possibilidade de romper com o isolamento atribuído à incompreensão de amigos, família, parceiros, instituições, em relação ao seu sofrimento e aos seus desejos. O que se sobressai, a partir da análise dessas narrativas, é o desejo de encontrar um espaço de encontro e construção de uma sociabilidade, livre de julgamentos. Expressam, de fato, uma busca por conexão e aceitação.

“Sinto uma espécie de conexão com todas vcs, e agradeço a Ana pela presença de cada uma em minha vida”.N.

*Sim, eu dei uma engordadinha quando estive fora do blog, mas já recuperei tudo nessa última semana. Eu engordo e emagreço rápido demais. Ainda bem. Emagreci mais do q engordei. Aprendi a emagrecer e não me destruir. E a verdade é q parece impossível para mim fazer dieta sem um blog... Alguém entende isso? Hehehe
(TW)*

A relação cooperativa entre os membros da comunidade se expressa nas visitas constantes aos blogs e aos grupos de discussão, nas mensagens de apoio e, principalmente, no envolvimento com os sentimentos, projetos e práticas do outro, mesmo nas situações mais conflituosas e difíceis. Falhas, sofrimentos e sentimentos contraditórios em relação à Ana são aceitos e compreendidos como parte do repertório de vida de uma pró-ana. O fracasso assume uma perspectiva positiva quando serve para que os sujeitos se tornem mais fortes e preparados para lidar com as angústias e dificuldades de seu “estilo de vida”. Diversas vezes, o fracasso ou um grande sacrifício vem acompanhado de uma afirmativa: “*eu não agüento mais*”, proferida em situações em que os limites físicos ou emocionais foram ultrapassados, e que, no entanto, não é um sinal de falta de capacidade, ao contrário, exprimem atos de resistência do corpo e do espírito.

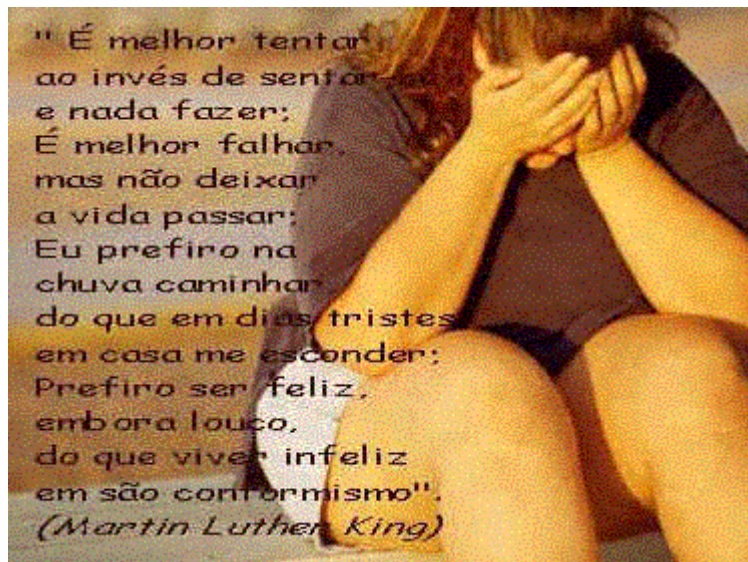
*Voltando a minha vida ana... Não sei como explicar o que anda acontecendo comigo. Sei lá, precisei ficar um pouco sozinha, deixar um pouco de lado a ana, tentar entender o que se passa comigo. Esse dias, aconteceram coisas que nem eu mesma sei explicar, comi normalmente sem me restringir(até chocolate eu comi), saí e comprei roupas novas(por sinal eram p, só uma é m), enfim fiz tudo que uma menina normal faz. Tive ataques de choro, me senti um lixo.
Pensei em fechar o blog e abandonar a ana, mas descobri que não posso, a ana é a parte mais importante da minha vida.St*

comentários:

oi menina, não fica triste não, vc é forte, esses momentos fazem parte da vida de um ana... o importante é não desistir jamais, aí sim vc seria uma fracassada!AML

“não tem problema se vc cair...desde que pegue algo do chão quando levantar”(AB)

A imagem abaixo reflete bem esse aspecto da economia moral do grupo, em sua luta perene pelo que seus adeptos chamam de “perfeição”, revelando a consciência de que essa luta está imersa em situações de conflitos, sacrifícios, fracassos e frustrações, têm como lema a perseverança.



O desejo de encontrar com o outro e partilhar emoções e sentimentos relaciona-se não apenas a um estar-junto, mas a uma relação de cumplicidade na luta por um objetivo comum. A capacidade e vontade de compartilhar os sentimentos dos outros estabelece uma forma de sociabilidade impossível em outros grupos que não compartilham das mesmas crenças e práticas. Podemos dizer que se trata de uma “comunidade emocional”, nos termos de Weber (1984), definida como o resultado de um processo de integração, cujo fundamento é o sentimento de pertencimento experimentado pelos participantes e cuja motivação baseia-se em qualquer espécie de ligação emocional e afetiva. A condição anoréxica experimentada e vivenciada isoladamente pelos sujeitos adquire um novo sentido a partir da participação na comunidade.

Quero agradecer a todas as garotas q visitaram meu blog, eu amo todas vcs!!!mt mesmo, sem vcs eu não teria força para continuar!vamos nos unir e juntas venceremos uma só inimiga, a gordura! Boa sorte!

Ana´s Club

A missão

A missão do Ana´s club é unir as pró-ana de todo o país para que juntas possamos conquistar nossos objetivos e ideais. Nenhuma batalha pode ser vencida sozinha e acreditamos que trabalhando em equipe chegaremos em nossos tão sonhados 40 kg. Em meio a recaídas e culpas encontramos umas nas outras apoio e compreensão de passa pela mesma situação. Não estamos aqui para sermos julgadas. Somos pessoas normais com idéias diferentes. Não pedimos aprovação de ninguém, tampouco reprovação, portanto se você não concorda com nosso estilo de

vida não perca seu tempo nos contactando como nós não perderemos o nosso com você.

Assim como o salão de boxe etnografado por Wacquant (2002), os blogs e sites pro-anorexia funcionam como vetores de uma desbanalização da vida cotidiana. Através de suas narrativas, as pró-ana dramatizam, no sentido performático, suas histórias cotidianas, tendo como fio condutor a condição e luta anoréxica. Suas narrativas criam um mundo distintivo, em que práticas e crenças pró-anorexia se constroem em oposição ao profano do cotidiano, revestindo suas relações diárias (com seus corpos, a comida e os outros) com uma áurea de sacralidade.

Para isso, estabelecer e declarar os motivos pelos quais se tornaram pró-ana, em geral, seguem um roteiro explicativo que tende a ressaltar a capacidade de agência dos sujeitos em uma situação de sofrimento causado pela forma-imagem do corpo. Situações definidas como “humilhantes”, “degradantes”, “dolorosas”, “vergonhosas”, provocadas por um corpo considerado acima do peso, tal como na imagem anterior, estão na origem dessas explicações e justificativas utilizadas para endossar a necessidade de transformação do corpo através da disciplina ascética pró-ana.

Sou Ana porque: Porque era gorda, fui humilhada, traumatizada, quando pequena comecei a usar roupas masculinas para esconder meu corpo e muita roupa preta. Hoje, estou magra e vejo aqueles que me humilharam engordando cada vez mais!G

Elias (1993) entende que a vergonha significa, de fato, medo da degradação social e de gestos de superioridade de outras pessoas. E explica que o mecanismo de funcionamento desse conflito expressado no par vergonha-medo não é apenas um choque do indivíduo com a opinião social prevalecente: seu próprio comportamento colocou-o em conflito com a parte de si mesmo que representa essa opinião. É um conflito dentro de sua própria personalidade (1993:242).

Por outro lado, a modelação do corpo está diretamente ligada a uma transformação na afetividade e na sociabilidade dos sujeitos pesquisados, de forma bastante semelhante às observações extraídas de pesquisa coordenada pela Prof^a Roberta Campos, realizada com mulheres consumidoras de práticas corporais amplamente aceitas no contexto cultural mais amplo (musculação, dietas, cirurgias plásticas, tratamentos estéticos). As motivações, expectativas e afetos relacionados à transformação corporal dependem diretamente da

aprovação social dessa imagem, que se evidencia a partir de uma transformação positiva nos relacionamentos afetivos e sociais. Ou seja, o sucesso nessa transformação só será confirmado pelo olhar e aprovação do outro (CAMPOS; LIRA; MÉLO, 2004).

Começando mais um blog, começando a dieta novamente, tudo de novo. E eu gosto. Gosto dos recomeços, das desconstruções, do novo, disso tudo. Mas só gosto quando o novo é do jeito q eu quero. E tudo está do jeito q eu quero. Estou feliz. Sim, leiam isso todos os críticos de meia tigela e os invejosos, eu estou feliz. E não é aquela felicidade momentânea e fugaz, como um pico de serotonina de quem cheira cocaína. É uma felicidade plácida, calma e satisfatória. É a felicidade do monge, felicidade do louco que encontrou refúgio dentro de si mesmo.

Novidades: Eu tenho uma vida social. Todos elogiam minhas roupas e desejam q eu pinte e corte seus cabelos. Eu sou legal e todos adoram minha figura. Não tem mais o braço gordo ou a barriga mole q afastava minha pessoa das demais. Nenhuma tristeza, nenhuma vergonha...Hoje, eu coloco uma pluma de bordel côr-de-rosa com uma saia punkosa xadrez e "causo". Pq agora é divertido. Pq agora interessa. Pq agora, esse é o personagem q eu gosto de encarnar de noite. E é legal. É simplesmente incrível vc assumir aquilo q de fato vc é (seus medos, manias, idéias absurdas e vergonhas) por meio de um personagem que é vc e deixa o real transparecer. (TWI)

Sabe quando vc olha no espelho e "cabe e sobra" nele? Eu sei. Sabe quando vc vai comprar uma roupa e ela simplesmente cai? Eu sei. Sabe quando vc todas aquelas pessoas famintas e sedentas em restaurantes como um monte de porcos e vc dizendo um simples e direto "NÃO" p/ TUDO?? É, eu tb sei. Mas o que eu sei de melhor é que depois de vc emagrecer e estar cada vez mais perto do seu padrão de perfeição, vc não tem mais ana, vc torna-se ela. E é a partir disso que sua vida começa, pela primeira vez ou não.

Eu me estendi tanto pq quis mostrar-lhes que sim o caminho é árduo, há quedas, há tombos, há fraturas 🤕, mas no final [como eu sempre digo] com muita força de vontade e esforço, a recompensa é no mínimo INDESCRITÍVEL. Só de saber que "vc" é o resultado de VC é muito gratificante. Eu não sou perfeita, ainda. Mas é a MINHA perfeição que busco todo dia.

E acreditem: VALE A PENA

As narrativas produzidas pelas pró-ana, em seus blogs, deflagram uma quase teatralidade na convivência social, através de descrições minuciosas das performances bem sucedidas para controlar a impressão dos outros ao seu redor (GOFFMAN, 1999). Todavia, nesse espetáculo da vida cotidiana, a encenação anoréxica engendra uma tensão entre o desejo de emagrecer cada vez mais e as expectativas dos outros.

As histórias de sobrepeso anterior à anorexia falam sobre discriminação social e grande sofrimento subjetivo. A causa da doença ou a escolha do estilo de vida, conceito mais

utilizado entre a comunidade, passa a ser explicado a partir de uma experiência de sofrimento pelo excesso de peso que se constitui em uma marca social, um tipo de atributo depreciativo imputado à sua pessoa (GOFFMAN, 1988: 13).

De forma geral, as explicações causais para o excesso de peso, que têm origem nos saberes médicos, incluem o excesso alimentar, ou seja, comer mais do que o corpo precisa, e falta de exercícios; sendo assim, come-se mais do que o corpo gasta. Essa explicação sobre o mecanismo engordar/emagrecer se sobrepõe a um conjunto de características imputadas à personalidade tais como: preguiça, negligência, gula, incompetência, falta de motivação e auto-complacência. Sem dúvida, essas percepções são permeadas de valores culturais e sociais que envolvem corpo e gênero, sexualidade, beleza, moralidade, e assim por diante.

A perda de peso, nesse sentido, simboliza uma mudança de vida, como uma transformação na identidade. A mudança na identidade pessoal, por sua vez, é uma espécie de projeto identitário, que consiste na construção de uma identidade ideal, como anuncia o projeto pró-ana. O perigo, diante de uma proposta inacessível e de um nível de insatisfação crescente, poderá ser o desencadeamento de uma angustiante jornada de auto-aperfeiçoamento.

Embora a relação entre os membros da comunidade esteja baseada na aliança, na troca e na reciprocidade, existem também elementos que caracterizam relações competitivas, como é o caso da campanha “GO ANNA GO”, promovida por um dos sites de apoio do grupo, cujo objetivo é que as pessoas cadastradas mandem sua relação peso/altura medida semanalmente, para estabelecer uma espécie de *ranking* de emagrecimento, ao fim de cada mês. Essa competição, no entanto, é vista pelos participantes como mais uma estratégia para a realização de seu empreendimento. Nesse sentido, a postura em relação a essa atividade é percebida como uma colaboração e uma participação mais efetiva no projeto do outro.



O sentimento de que a anorexia protege é perfeitamente legítimo para Lawrence (1991), que utiliza a idéia de identidade falsa e identidade verdadeira de Winnicott (1965). Por identidade falsa entende-se a tentativa positiva de proteger a identidade verdadeira, que se sente ameaçada e vulnerável. Os sintomas da anorexia funcionariam, assim, como uma concha protetora. A Ana não é a verdadeira pessoa, mas ela a esconde e protege. A identidade completa e contida em si mesmo – a independência escondendo a vulnerabilidade – deflagra o conflito entre dependência e independência. Como sugerido no título de um dos blogs: *“Diário da minha segunda personalidade”*, ou em afirmativas como: *“Por trás da Ana ainda estou eu”*.

Parceria é o que se estabelece entre a Ana e suas seguidoras, ela orienta as práticas e fomenta o argumento ideológico do grupo. Na verdade, trata-se de uma entidade criada por suas próprias seguidoras, que, por sua vez, a utilizam como suporte para suas próprias convicções. Relacionam-se com ela, paralelamente, como um outro e um mesmo. Ou seja, ela está dentro do seu eu, faz parte dele e, ao mesmo tempo, é uma outra, com a qual mantêm uma aliança, um pacto de honra. Assim, quando transgridem suas regras, se sentem envergonhadas por desonrá-la.

ANNA: meu vício, minha companheira, minha mania, minha força. Eu te deixei, te virei as costas e, mais uma vez, tive o castigo que merecia. Estarei de volta aos seus brac(ss)os magros, mas taum aconchegantes. Quero reconquistar sua amizade, seu amor.

Quero voltar a te-la ao meu lado, para que daqui voceh naum saia nunca mais! B .

No entanto, essa relação é regida pelo signo da ambigüidade: amor-ódio, eu/outro, suporte/ruína, às vezes apenas uma miragem, na maior parte do tempo uma entidade concreta. Na verdade, funciona como uma transferência do *self* para um outro, capaz de materializar o ideal de perfeição do grupo. Nesse sentido, a anorexia é uma outra identidade que se acopla à de sua portadora.

“Eu vou te fazer diminuir calorias consumidas e vou aumentar a carga de seus exercícios. Eu vou te forçar até o limite! Eu preciso fazer isso, pois você não pode me derrotar! Eu estarei começando a me colocar dentro de você. Logo, eu já vou estar lá. Eu vou estar lá quando você acordar de manhã, e correr para a balança. Os números começam ser amigos e inimigos ao mesmo tempo, e você, em pensamento reza para que eles sejam menores do que ontem à noite. Você olha no espelho com enjôo. Você fica enjoada quando vê tanta banha nesse seu estomago, e sorri quando começam a aparecer seus ossos. E eu estou lá quando você pensa nos planos do dia: 400cal e 2h de exercícios. Sou eu quem esta fazendo esses planos, pois agora meus pensamentos e seus pensamentos estão juntos como um só...

.... Eu criei você, magra, perfeita, minha criança lutadora! Você e minha, e só minha! Sem mim, você e nada! Então, não me contrarie. Quando outras pessoas comentarem, ignore os! Esqueça deles, esqueça todos querem me fazer ir embora. Eu sou seu melhor apoio e pretendo continuar assim.

Com sinceridade, Ana”.

Eu tenho vergonha de mim. Isso parece motivo suficiente pra você? Como é sair na rua, achar que todos te olham e tiram sarro de sua aparência? Você sabe o que é isso? Creio que não, creio que está mais preocupado em se olhar no espelho e ficar repetindo como é feliz.

Eu não tenho raiva da sua felicidade, não me iludo com a sua falta de bom senso, mas não me peça pra fazer o mesmo. Não quero mais viver uma mentira, não quero mais ser escrava do que você pensa, do como você age, do que você quer ou não quer. Qual é o seu problema? Não quero que você me suporte, quero que você me ame. Não como eu sou, mas como eu fui um dia, como eu serei novamente, um dia. Quer que eu me mantenha nessa farsa? Quer que eu continue sorrindo enquanto por dentro eu morro? O que queres de mim, afinal? Diz que me ama, mas na verdade quer é me ver pelas costas, bem mal, por sinal. Será que não tens coração? Será que não percebe que a sua ida e volta está me fazendo mal, está acabando com a minha vida? Eu sinto você, eu sei que queres voltar, mas por que não ficas? Por que me tiras o gosto de te ter novamente com tudo, com todos, com o gosto acre que deixa em

minha boca?
Dói, dói demais não ter você aqui. Com você do meu lado a dor é suportável, agradável, até. Mas não me abandone, porque esta dói um milhão de vezes mais. Vais embora e leva contigo todos os meus companheiros. Vai embora, os outros também me abandonam, como dependessem de ti para em mim viver. Eu não basto? Meu corpo não é suficiente para que me ames? Só quero ser novamente aquela menininha que um dia você teve nos braços, que um dia amou como quem ama uma filha, porque é assim que me sinto, sua filha. Preciso que supras a minha necessidade incessante de algo mais. A água, o ar. Me ajude a tê-los como bons amigos, como algo que consegue fazer com que eu me sinta bem. Se um dia me fizeram, por que hoje somem? Por que? Linda, não consigo entender a causa de tanto sofrimento. Estou aqui, de braços abertos, esperando por você, por suas mãos carinhosas que um dia me fizeram correr em direção a uma felicidade que eu julgava inexistir. Volte, por favor, volte.

1.1.2 A relação com os de fora: louvor, conflito e reação estratégica

O culto a Ana parece criar uma subcultura voltada ao seu louvor, cujo alcance é difícil precisar. Além da carta de Ana, um texto originalmente escrito em língua inglesa, e traduzido para vários idiomas, como o português e o espanhol, há os dez mandamentos, as dicas e truques, os pensamentos e imagens lançadas na rede mundial de computadores sem nenhuma autoria identificada, atribuída apenas à Ana. Também inspira uma produção intensa, por parte de seus seguidores, que a homenageiam com poesias, canções, sonetos, imagens, campanhas, nomes de bandas, etc. Abaixo, a letra de uma canção composta pelo vocalista de uma banda inglesa chamada Silverchair, de sucesso internacional, um dos raros casos de homens que assumem sofrer de anorexia. As sugestivas palavras devotadas a Ana expressam a ambigüidade que rege as relações estabelecidas com ela, ao mesmo tempo, de desejo e de rejeição, de sofrimento e de prazer.

Ana's song

Please die Ana
For as long as you're here not
You make the sound of laughter
And sharpened nails seem softer
suaves

And I need you somehow

Por favor morra Ana
Pois enquanto você estiver aqui nós não
Você faz o som do riso
E de unhas afiadas parecerem mais

E eu preciso de você de algum modo

Open fire on the needs designed
On my knees for you
Open fire on my knees desires
What I need from you

Abra fogo nas necessidades planejadas
[Estou] de joelhos por você
Abra fogo em meus joelhos desejos
O que eu preciso de você

Imagine pageant
In my head the flesh seems thicker

Imagine a cerimônia
Na minha cabeça a carne parece mais

grossa

Sandpaper tears
Corrode the film

Lágrimas de lixa
Corroem o film

And you're my obsession
I love you to the bones
And Ana wrecks you life
Like an anorexia life
(Silverchair)

E você é minha obsessão
Eu te amo até os ossos
E Ana devasta a sua vida
Como uma vida de anorexia⁸

A adesão a Ana, enfatizada como um ato de escolha é também uma questão de merecimento, a anorexia exprime a habilidade e capacidade próprias de poucas pessoas: “A anorexia é para poucos, os puros e fortes”. Os discursos se revezam, se na maioria das vezes aparece como uma escolha dos sujeitos, outras vezes a escolha é da Ana, “*ela está ou não está com você*”. Essa aparente contradição parece estar relacionada às críticas e perseguições de que é alvo freqüente a comunidade pró-anorexia, acusada de incentivar e disseminar a “doença”, mas também surge como uma reação à grande procura de meninas que desejam “aprender” a anorexia e a bulimia como estratégia de emagrecimento rápido, o que parece ferir a ideologia do grupo. As mensagens de “*me ajudem! preciso emagrecer urgentemente*” lotam os espaços para comentários reservados ao público, e não são bem-vindos pelo grupo.

Gente, Ana naum é uma arma para se perder peso rapidamente!!!Ela é uma mudança completa de estilo de vida!!!Parem de vir aqui com a intenção de emagrecer e depois fingir q nada aconteceu!!!Pessoas q só querem emagrecer estão no lugar errado!!!Elas deveriam estar em uma academia!!!”B.b.A

Realmente a anna não é para todas espero que ela não seja banalizada!!!AB

⁸ Letra original e versão traduzida disponível em www.anorexcs.ubbi.com.br

A própria idéia de estilo de vida, base do movimento pró-ana, pressupõe um ato de escolha. Essa questão encontra-se no cerne da discussão entre controle (agência) x vitimização (passividade). O movimento pró-ana, desde sua origem propõe uma tomada de decisão em relação à opção de adotar e seguir a anorexia como estilo de vida, em oposição à idéia de acometimento, que se associa à idéia de doença. Como explica um site tido como referência do movimento, no contexto internacional:

*By the term "pro-ana," I do not merely indicate being an advocate of anorectic praxis (practice), though certainly that is part of it. "Pro" can also be short for **proactive**, which indicates taking the initiative of action from within oneself, by choice, as opposed to **reactive** which indicates acting only when pushed to do so in response to some external event or stimulus.*

"Pro-ana" thus becomes short for proactive, volitional anorexia. It refers to actively embracing the concept of anorexia as a lifestyle choice rather than an illness. By the word "choice" we indicate the active agency of volition, the seat of government in the human mind, the power of decision-making or of will. We are not "ED sufferers" (though some of us at times may use the term "ED" in a self-referential fashion for convenience) but persons who have chosen anorectic praxis (practice) as a lifestyle of our own free wills. The core praxis of anorexia involves control over oneself: denial of appetite, restriction of food intake, discipline in exercise, etc. and we recognize it would be a joke to suggest mastering these skills could be the product of anything other than the continual, diligent execution of volition.

A true "pro-ana" is not a "victim" in any sense. Some of us may be "survivors" of various traumas and unpleasantries in our lives, from which our endurance and survival have contributed to finding our way to this path. Beyond this, however, we are more than mere "survivors." We are "thrivers!" We thrive upon challenge, upon competition, upon the raw stimulation of life, keenness of our senses, strength and artistry in our bodies, alertness and clarity in our minds. We thrive upon the fact that while all religions, philosophies, ideologies upon the earth extol the virtues of self-control and self-government, our path alone holds the key to unlock the most secret chambers of these mysteries in something so seemingly simple as an empty plate, in something so seemingly shallow as a desire to be thin.

Por escolha, entende-se um papel de agente na relação com a anorexia, com o corpo e com a própria vida, que ressalta a idéia de controle e racionalização da *práxis* anoréxica. Frequentemente, ao exporem os motivos pelos quais “aderiram” à anorexia como estilo de

vida procuram exaltar a tomada de decisão como um processo altamente ativo e racionalizado, como explica a narrativa abaixo:

vi a apresentação de um trabalho sobre anna/mia. A menina criticando os sites promiana. Fui procurar por eles, com curiosidade, sem pensar sobre ajuda ou coisa assim. Ao invés de doença, eu achei autodisciplina, equilíbrio, harmonia, senso crítico, sinceridade, atenção ao que o corpo realmente necessita... e me envergonhei do jeito que eu andava me tratando. E essa necessidade de cuidados nasceu em mim também, e as irmãs ana e mia e seus sites me dão força para começar esse meu caminho tão tardio... (como eu me torturei a ponto de deixar meu corpo chegar onde ele está?) ND

Mensagens de apoio e admiração mesclam-se a críticas fervorosas e ofensas das mais variadas. Também são comuns as solicitações de meninas que desejam “aprender” ou “pegar” anorexia, como estratégia de emagrecimento. Comentários como o reproduzido a seguir são recebidos diariamente nos blogs *pró-ana/pró-mia*; a reação, em geral, é uma mensagem carinhosa e agradecida, por parte da proprietária do blog, ressaltando, contudo, que a anorexia não pode ser aprendida e recomendando outros métodos mais “saudáveis” de emagrecimento.

*oie...bom estava prokurando na net como podia faze pra ao menus tentar ficar com anorexia pq eu axo que esse é o caminhu que vai me faze levantar minha auto estima...mas n tenho a minina ideia do que fazer deixei meu e-mail ali POR FAVOR vc pode me mandar um e-mail me explicando como que eu poderia fazer para pegar anorexia"?! POR FAVOOOOR
bjos da sua fã! =]
by Nana*

A idéia de uma relação utilitarista e efêmera com a Ana é rechaçada como uma profanação à sua imagem e aos seus dogmas. Esse fato tem gerado reações conflituosas dentro do grupo, instaurando um paradoxo em relação à noção de escolha, pois a idéia de escolha, síntese da ideologia *pró-ana/pró-mia*, tem servido de justificativa tanto aos que criticam e perseguem o grupo, acusando-o de influenciar outras jovens e disseminar a anorexia, quanto aos que demandam por dicas e truques para emagrecer, e procuram estabelecer uma relação fugaz com a Ana.

Nos últimos dias muitas meninas me adicionaram no msn, o que me alegrou bastante, assim como a quantidade de comentários bem

expressiva, (não podia deixar de falar disso rs) fiquei contente, porém muitas meninas procuram-nos como se tivéssemos uma fórmula de emagrecer, algo que diminuísse os números da balança facilmente, mas não é assim, não usamos a Anorexia como uma planta rapidez emagrecimento, acho que preciso esclarecer um pouco disso hoje, eu tenho certeza que não estou falando só por mim, mas também por muitas meninas. A comunidade pro-anorexia existe para encontrarmos semelhantes, e no meio de tudo isso continuarmos o nosso caminho, ninguém deveria vir aqui e procurar desenvolver uma doença, a ana está ou não com agente, se você apóia um padrão de beleza anoréxico, e tenta ficar parecida, bem-vinda, mas isso não é um clube, eu não estou me divertindo às custas das dores de estômago que venho sentindo, nem nenhuma das meninas que eu converso

Enfim é isso, eu volto a postar em breve, eu queria lembrá-las que se demoro a vir aqui, não é descaso, nem desistência, é porque não faço disso tudo um 'filme', não dramatizo meus dias, e nem venho profanar a Anorexia em cima de comentários grotescos que já estamos cansada de ouvir, nós pro-anas sofremos da mesma 'doença' mas não somos todas iguais, então isso serve também para aqueles que vem dizer absurdos. (N.E.T).

Na tentativa de escapar das acusações e perseguições frequentes, a idéia de escolha adquire um novo sentido, passando-se a exaltá-la como opção de aderir ou não ao tratamento, ou seja, a anorexia passa a ser vista como doença, e a idéia de escolha localiza-se apenas na opção por conviver e assumi-la como doença, mas não de se submeter a nenhum tipo de tratamento. Por causa dos ataques da mídia e de centenas de usuários da *net*, a maioria dos sites passou a exibir avisos como esses em sua página inicial.

Texto inicial do site www.anorexics.cbj.net

Nós sabemos que a Anorexia é uma doença, mas nós temos a escolha de querer deixar isso para trás, ou continuar nos sentindo segura com a Ana. É difícil para aqueles que não tem anorexia entender isso, mas aqui é um lugar para esclarecimentos. Não temos intuito nenhum de influenciar outras pessoas a seguirem a nossa conduta, então se você fácil se influencia com a opinião alheia, deixe-nos agora. Este site foi feito para as pessoas que aceitam a Anorexia em suas vidas e ainda não optaram pela escolha de um tratamento. Se você NÃO concorda, por favor, deixe-nos agora, ou visite a sessão para recuperação em nosso site.

Trecho de um manifesto difundido por uma das garotas do grupo.

Anorexia não é tuberculose. Anorexia não pega, não é contagioso. Ou vc tem, ou não tem. Simples assim. E eu garanto q é impossível "contrair" anorexia como acontece com febre amarela ou malária. Portanto, alguém q está procurando um emagrecimento rápido, vá

ao nutricionista fazer uma dieta balanceada e q te pareça deliciosa (para q vc possa seguir o resto da vida e não engordar tudo de novo) e entre numa boa academia. Anorexia não é solução caseira para magrecimento milagroso. Portanto, não estamos influenciando garotas a terem um transtorno, pq isso independe da vontade pessoal. Mas me parece um pouco... E volto a repetir: É possível contrair Transtorno Obsessivo-Compulsivo pq eu li um livro q tratava do assunto? É possível "pegar" borderline? Tampouco é possível passar adiante o "vírus" da anorexia ou bulimia.ND

Texto do site que foi eliminado: proanna.kit.net.

Este site tem como objetivo o apoiar os portadores de transtornos alimentares (quaisquer que sejam eles) que optaram por não se submeterem ao péssimo tratamento ofertado e/ou conviver e aceitar com sua doença da melhor forma possível.

Esse site não tem como função "ensinar" uma doença a ninguém (mesmo se isso fosse possível) nem incentivar portadores de TAs ou qualquer outra doença (mental ou não), a não procurar/aceitar tratamento.

Defendemos aqui a liberdade de passar ou não por um tratamento que pode ser ainda mais doloroso ou danoso ao organismo que a doença inicial. Se deseja mais informação , seja bem vinda(o) ao site. Aqui você obterá encontrará bastante conhecimento sobre a causa pró ana/mia.

Se procura dicas para perder peso, procure um profissional qualificado para ajudar-lhe. Aqui não ensinamos como provocar vômito ou formas ilegais de adquirir moderadores de apetite. Procurando um transtorno alimentar você não só está sendo irresponsável e trazendo

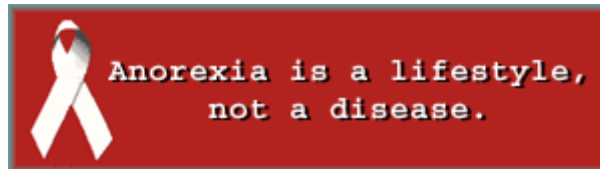
danos ao seu próprio organismo como também às pró anas e mias, que são acusadas de incentivar "pobres garotas inocentes e saudáveis" a desenvolverem tais doenças e recusar seu tratamento.

Aqui valorizamos, acima de tudo, a liberdade, o respeito e a responsabilidade

Na verdade, considero esse deslocamento da idéia de escolha consciente pela adesão ao movimento e à Ana para uma noção de acometimento involuntário, em que o nível de escolha se restringe à opção de convívio com a doença, como uma estratégia para desviar ou, ao menos amenizar, a perseguição de que são alvo constante as páginas pró-ana. A intenção parece residir na substituição temporária e superficial do conceito de estilo de vida pelo de doença, que não resiste a uma análise mais aprofundada sobre o conteúdo das páginas.

O discurso *pró-ana/pró-mia* adquire diversas vezes uma conotação de luta política, cujo objetivo principal seria garantir o direito à liberdade de expressão e combater o preconceito contra o grupo . O grupo procura utilizar os mesmos mecanismos de grupos de

auto-afirmação e reivindicação de direitos. Com esse intuito, são lançadas várias campanhas na rede (Internet):



Texto de agradecimento do site www.anorexics.cjb.net

Talvez muitos que venham até aqui, acham que é um site fazendo muitas apologias, sobre uma doença fatal. Pelo contrario estamos aqui esclarecendo e dando suporte aqueles que já tem anorexia, é difícil para aqueles que não entende um distúrbio de fundo emocional, nós aceitamos e convivemos com ele.

Agradecemos também a todas as meninas e meninos que tem visitado nossos blogs e que estão aqui nesse momento.

*Dedicamos também a nossa querida ::Aninh@:: que lutou e defendeu nossos idéias tão bem enquanto esteve conosco. **Descanse em paz.***

Talvez não seríamos o que somos hoje sem vocês todas, que estiveram sempre unidas.

Outro trecho do manifesto

"Me parece um pouco A. I. 5" proibir q essas garotas vejam o q existe de fato. GENTE, EXISTE UM TRANSTORNO CHAMADO ANOREXIA. OS PORTADORES DO TRANSTORNO TÊM UMA OPINIÃO DIFERENTE DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE. AQUI ESTÁ A OPINIÃO DE QUEM PORTA A DOENÇA!!!! Teoricamente, temos o direito de expressão. É um direito.

As pessoas, desde muito cedo devem aprender a ter senso crítico o suficiente para decidir seus próprios caminhos. E uma pessoa de 12 anos pode muito bem diferenciar o q é "bom" do q é "ruim". Para ela.

De acordo com o q ela quer, de acordo com o q ela acredita.

Assim como em imagem anteriormente apresentada, em que é usada uma citação de Martin Luther King, ídolos e símbolos de movimentos de minorias políticas acabam fazendo parte de um acervo narrativo/imagético para a construção do próprio manifesto pró-anorexia. Importante perceber esse tom de protesto e reivindicação que permeia o discurso da anorexia, inclusive para a própria atuação médica.

Capítulo 2: Práticas alimentares: sentidos sagrados e profanos

*A anorexia me ensinou a não odiar aquilo que sou e
A amar aquilo que eu posso me tornar... Ela preenche o
Vazio que eu tentei em vão preencher com comida.
Ela me mostrou novos prazeres. Me fez contestar
Os limites do meu corpo e mente.
A anorexia trouxe liberdade e vida a uma alma já morta.
Por isso devo à Ana minha eterna devoção, dedicação
E gratidão. Ela é minha deusa!
A anorexia me fez forte...*
(texto de abertura de um blog pró-ana)

O tema da alimentação é bastante recorrente na história da disciplina antropológica, abordado por enfoques teóricos e analíticos diferentes e, diversas vezes, divergentes, como é caso de abordagens que privilegiam os aspectos simbólicos das práticas alimentares (DOUGLAS; LEVI-STRAUSS) e abordagens que se caracterizam por um ponto de vista mais pragmático (SAHLINS, HARRIS). A alimentação é sempre um aspecto interessante e rico a ser explorado. A análise da comida e do ato de comer é apontada como caminho para compreender os significados mais amplos de uma cultura, pois liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social (MINTIZ, 2000). São veículos que simbolizam e expressam idéias sobre o *self* e o relacionamento com o outro.

Neste capítulo explorarei, a partir do contexto etnográfico desta dissertação, uma economia simbólica da comida e do comer baseada em elementos identificáveis no contexto sócio-cultural mais amplo, ou seja, práticas alimentares e seus significados disseminados pelos meios de comunicação, pela publicidade, pela indústria do culto ao corpo, etc. Por exemplo, a aversão à gordura e aos elementos que podem atuar em sua produção, como a proteína animal, os açúcares, os carboidratos e assim por diante, que adquirem nesse contexto um alto teor de poluição do corpo, tanto em termos físicos quanto morais. Ao mesmo tempo, foi possível remontar a elementos presentes em outros períodos da história da cultura ocidental, em que a associação entre corpo, mente, espírito e capacidades poluidoras atribuídas aos alimentos foi uma característica marcante.

É interessante notar que, se a sexualidade foi o elemento central para o qual a biopolítica do século XVIII se voltou, ela está em segundo plano nas práticas ascéticas

contemporâneas. Ao lado do tabu que se colocava privilegiadamente sobre a sexualidade agora também são alvo o açúcar, as gorduras e as taxas de colesterol. Nesse sentido, Ortega (2003) acredita que a anorexia constitui um bom exemplo da relação entre dietética, moral e bioasceticismo, já que o corpo e a comida passaram a ocupar o lugar da sexualidade como fonte potencial de ansiedade e patologia. Sendo assim, a anorexia estaria, para o século XX, como a histeria, para o século XIX.

No intuito de compreender melhor esse cenário, utilizei categorias como as de pureza e perigo para desvelar um sistema simbólico, tal como Douglas (1996) sugere, que se associa diretamente à consolidação da ordem social. Aliado a isto, procurei entender como as práticas alimentares da anorexia podem estar associadas a uma estrutura de dominação, como considera Bourdieu (1996), explorada, aqui, principalmente através da obra de Waquant (2002), visando mostrar a ambigüidade das causas da anorexia, situadas entre idéias de controle x vitimização.

2.1. Regimes e dietas construindo corpos femininos

Ao descrever as práticas alimentares presentes na sociedade patriarcal, Freyre (1990) revelou a relação entre estas e o controle sobre o corpo feminino. Naquele contexto, ocorreria uma diferenciação de tipos físicos, no intuito de expor a condição de subordinação da mulher: de um lado, a virgem franzina, pálida e romântica, cuja alimentação deveria ser controlada para manter um semblante de fragilidade; no outro extremo, a imagem da esposa gorda, caseira e procriadora, moldada por alimentação farta e rica em guloseimas. Freyre fala de uma especialização do sexo feminino em “belo sexo” e “sexo frágil”, em que as mulheres, tanto dos engenhos quanto dos sobrados, tiveram seus corpos moldados para se tornarem “servas do homem e bonecas de carne do marido”, através de um regime alimentar todo especial; para as jovens solteiras – caldinhos de pintainho, água-de-arroz, confeitos e banhos mornos. Para a esposa, um regime de engorda, com mel de engenho, doces de goiaba, bolo, chocolate. O medo, no caso das jovens solteiras, não era o da gordura, mas da robustez de macho. O que se pretendia era uma exaltação do contraste entre masculino e feminino, capaz de tornar evidente, na superfície dos corpos, a supremacia masculina.

As práticas alimentares no contexto analisado por Freyre servem à construção não apenas de corpos femininos, mas primordialmente à construção de relações desiguais entre homens e mulheres, expressando o lugar privilegiado dos homens no topo da hierarquia

social. Sem dúvida, contemporaneamente, vivemos em uma cultura que assegura mais opções, direitos e oportunidades na constituição das relações de gênero. Contudo, práticas alimentares e outras ligadas à modelação do corpo ainda sugerem uma busca por diferenciação entre corpos de homens e mulheres. Apesar da livre escolha e da convivência entre vários modelos de corpos que podem fugir dos marcadores tradicionais de masculinidade e feminilidade, como no caso do *bodying building*, ainda se observa uma tendência à padronização de linhas e curvas que respondem a características moralizantes na distinção entre corpos de homens e mulheres e à distribuição desigual de poder a que aludem (CAMPOS; LIRA; MÉLO, 2004).

Considerar as práticas alimentares como um sistema simbólico é um bom caminho para compreender os novos sentidos das dietas e regimes praticados no contexto da cultura de consumo. Wacquant (2002), em trabalho sobre pugilistas, observa a reprodução de práticas corporais apreendidas no âmbito da experiência, em que estas adquirem legitimidade através da observação e reprodução dos comportamentos e gestos no interior de um grupo de referência. O autor conclui que, como parte de um conjunto maior de práticas corporais orientadas de acordo com a classe e/ou grupo social em que se insere, o indivíduo tende a reproduzir o mesmo sistema.

Restrições, jejuns, purgações, exercícios, inibidores de apetite, beber muita água, contar as calorias, tabelas, diários alimentares, mastigar muito, ficar na posição fetal e assim por diante. É através dessas práticas que se constrói o corpo de uma Ana, e não apenas seu corpo, mas sua identidade. O *habitus*, no sentido de Bourdieu (1996), como um conhecimento praxiológico gerado nas interações cotidianas, atua não apenas no nível discursivo, mas, principalmente, como um sistema de ação gerador de disposições e atitudes corporais. No entanto, como produto de relações sociais, as ações tendem à reprodução do sistema que as gera, e são, de fato, estruturas estruturantes, como propõe Bourdieu (1996). Como um conjunto de disposições corporais, organizado em torno dos parâmetros previsíveis de normalidade e desvio, as práticas das pró-ana flutuam entre o padrão de recursos disponíveis ao cuidado de si, tão valorizado atualmente, ou seja, a atenção com os componentes alimentares, a seleção e restrição alimentar, a prática esportiva, enfim, toda uma gama de processos legítimos de modelação corporal atrelados a uma rede de significados emergentes no cenário atual de culto ao corpo.

Ao declararem que a anorexia é um estilo de vida e não uma doença, ou seja, partindo do princípio da livre escolha e não de um acometimento que foge ao seu controle, as pró-ana

procuram uma definição do *self* fundamentada na idéia de escolha e de controle, que, no entanto, pode representar apenas uma escolha estruturada, baseada em categorias disponíveis no registro social.

Educado para suportar o sacrifício e superar os desejos, o corpo anoréxico encontra respaldo em um *habitus* social de classe e de gênero, para o qual as regras de abstinência e a abnegação da vontade tornam-se uma virtude aos olhos de seus praticantes. De maneira análoga aos pugilistas de Wacquant, cujo conjunto de técnicas corporais resulta de um processo de educação do corpo a uma socialização particular da fisiologia, em que o “trabalho pedagógico tem por função substituir o corpo selvagem... por um corpo ‘acostumado’, quer dizer, temporariamente estruturado” (MAUSS apud WACQUANT, 2002: 79).

De acordo com Bordo (1997), a construção da feminilidade não tem apenas um significado moral e sexual, relacionando-se com passividade sexual, timidez, pureza, inocência, mas assume também uma dimensão de classe. A falta de apetite representa simbolicamente não somente uma transcendência da carne, mas uma ascendência de classe social. Relaciona-se com valores de classe social (a elegância, a moderação, o refinamento), para os quais Elias, em sua interpretação dos manuais de boas maneiras, aponta. Ou seja, o aprendizado e a reprodução de práticas que revelavam, acima de tudo, um desejo de distinção, pelo qual a sociedade cortesã procurava diferenciar-se da burguesia. Práticas que vislumbram a possibilidade de saída da condição de não-pessoa – condição de anonimato (WACQUANT, 2002).

“*Porções elegantes*” são termos utilizados contemporaneamente para classificar o hábito de comer pouco. O oposto do “*prato de pedreiro*”, termo utilizado para descrever as grandes quantidades de comida ingeridas pela classe trabalhadora, cujas práticas alimentares são associadas de forma naturalizada ao animalesco e ao deselegante. Assim como nas investigações de Elias (1993) sobre a sociedade cortesã, uma pedagogia do corpo e da vontade difunde-se como uma economia pulsional, que tem como prerrogativa “o disciplinamento dos corpos e a docilização dos gestos” (FOUCAULT, 1996: 28)

Para Elias (1993), o processo de centralização progressivo da sociedade e de formação dos Estados desde o início da modernidade tem como correlato, em um nível individual, a civilização dos comportamentos e do aparelho pulsatório humano, relegando à intimidade atos que antes eram considerados públicos. Instaure-se, nesse processo, uma pedagogia das “boas maneiras”, que se dedica, acima de tudo, às manifestações do corpo humano: gestos, atitudes, postura corporal, modos à mesa e movimentos do corpo, e até à

roupa, que servem de reconhecimento moral, psicológico e social. Esse mecanismo pedagógico passa a prescrever comportamentos, manipular e modelar a intimidade, fomentada na recusa dos excessos. Trata-se de um julgamento moral totalmente integrado à experiência corporal. Em outras palavras, os valores são corporificados, transformam-se em carne, tanto visualmente, como através de disposições corporais como apetite, modos e maneiras de comer, que operam como componentes de distinção de “classe” ou “estilo”.

2.2 Comida, corpo e simbolismo

O busca pela magreza representa o desejo de ser “melhor”, de superar a si próprio, contestando não apenas os limites biológicos do corpo, como também os de classe social. Nesse sentido, as práticas corporais das *pró-ana* refletem o sistema simbólico mais amplo, no qual conotações que ligam a magreza a certos atributos, como sucesso profissional, pessoal e social encontram-se fortemente associadas a uma figura esbelta, bem cuidada, magra e jovem. Do contrário, o excesso de peso, a gordura e a obesidade são vistos como defeitos, associados à falta de força de vontade ou de personalidade, preguiça e falta de controle sobre si mesmo, pelo que os indivíduos assim classificados são vistos como menos capazes de atingir bons desempenhos – são imagens que atuam como obstáculo à promoção social. O que torna o corpo um elemento de grande importância na persecução da aceitação e integração social. Não é à toa que o título de um dos blogs é contundente, ao afirmar: “*Porque o corpo é vitrine da alma*”, retórica comum a uma cultura que associa valores morais ao aspecto corporal. Nesses termos, a anorexia, mais do que desvio, surge como uma forma de reprodução – ainda que em excesso.

A comida, entendida como perigosa, como tentação, deve ser evitada ao máximo. Pois proporciona um prazer imediato, mas suas conseqüências são desastrosas, uma vez que constrói um corpo gordo, socialmente rejeitado e atrelado à infelicidade: “*um momento na boca, para sempre nos quadris*”, enfatiza N.D.

A “Ana”, ao contrário, é tida como uma amiga leal, uma vez que permite o autocontrole sobre o corpo, cuja aparência extremamente magra representa a vitória sobre os perigos da comida. A idéia do sacrifício é diretamente relacionada à de gratificação: “*pra ser magra nenhum preço pode ser alto demais*”. A dor da fome é inevitavelmente necessária, para que se alcance a perfeição.

Os requisitos essenciais para ser uma pró-ana são revelados em narrativas e imagens, como, por exemplo, campanhas expostas nos sites com sentido imperativo (“*nunca se ache magra o bastante*”, “*a comida é nossa inimiga*”, etc); os dez mandamentos de “Ana”; ou as fotos expostas em suas páginas, que trazem consigo orientações moralizadoras; como também, os jejuns comunitários (“*No food*”), períodos em que só é permitida a ingestão de líquidos.

O que se encontra no discurso que fomenta as práticas pró-ana não são apenas elementos presentes nos discursos da publicidade, da moda e da mídia em geral, também encontramos elementos que se aproximam de um discurso religioso, utilizando associações entre pureza e impureza, pecado, remissão e salvação. Nesse sentido, os interditos corporais se transformam em uma ilha de segurança no contexto aberto para escolhas, uma opção que revela a busca pela ordem, pela certeza e pelo controle.

“A Ana me dá uma sensação de segurança , que de alguma maneira estou salva aqui, eu não consigo explicar, mas é uma auto-proteção, a sensação de que nada pode me atingir, ninguém pode me chatear. Controle!poder!eu vou estar feliz quando perder mais 5 kilos e assim por diante...fora do controle eu me sinto como se estivesse caindo em um abismo, perdida, fragmentando tudo, e perdendo minha essência. Se eu não posso perder o peso do meu emocional, eu posso perder o peso do meu corpo, então o farei”. N.

É comum encontrar referências inspiradas na lógica técnico-científica aos males da comida em relação à saúde, como na figura a seguir:

Food is Evil



http://dear_anna.zip.net/

No entanto, a noção de saúde manifestada pelo grupo parece se apoiar em uma associação clara entre saúde e imagem corporal, frequentemente presente no discurso ideológico mais amplo de culto ao corpo.

É a estética, mais que a racionalidade médica e seus modelos (normalidade/patologia), o critério sociocultural maior de enquadramento dos sujeitos para determinar se realmente são 'saudáveis', ou se precisam exercer alguma 'atividade de saúde', através do estabelecimento de padrões rígidos de forma física. Aqui, o comedimento, tomado como mandamento de saúde, está mais ligado à boa forma do corpo que ao modelo doença/prevenção (LUZ, 2003: 5)

A idéia da necessidade de controle sobre o corpo, manifestada por esse grupo, pode estar relacionada à noção de sujeito centrado na razão, o qual precisa preservar a clara distinção entre homem e natureza, separar-se do animalesco, do incontrolável, do irracional e, assim, as práticas corporais operam a passagem da natureza à cultura (LEVÍ-STRAUSS, 1996). Esse eixo dualista, no qual se baseia boa parte das práticas corporais da cultura ocidental, objetiva a submissão do corpo "natural" a uma ordem racional, a qual exerce seu poder contra as necessidades, prazeres e instintos considerados impróprios à idéia de civilização. Dessa maneira, o corpo se torna alvo de todas as tentativas de controle necessário ao *status* de civilização. O corpo, como um estranho, um não-eu na filosofia clássica (Platão, Descartes, Augustinho), um material bruto e irracional que limita e aprisiona a alma, o que

está na raiz da identificação do *self* com o controle. “*Sou escrava do meu corpo gordo...sou escrava da comida que me coloca em prisões cruéis...*”C.

Nessa constante batalha, a magreza representa o triunfo da mente sobre corpo, em que o corpo magro é associado à pureza, pela transcendência da carne - significa livrar-se de todo vínculo com a materialidade orgânica. Qualquer sacrifício é compensado pelo prazer proporcionado pela superação das necessidades e desejos do corpo, por um corpo magro adequado socialmente e desejado pelo seu dono.

*“Eu gosto da dor de cabec(ss)a, gosto da fraqueza, da tontura, da dor no estomago. Eu sinto prazer, eu me sinto forte com isso. Sem esse tipo de coisa, eu me sinto um fracasso, como se eu fosse incapaz de dar um passo a frente sem cair, como se eu fosse sempre ser uma perdedora. Se isso eh loucura, entaum que me internem num hospital psiquiahtrico, pois eu sou maluca, sim, e tenho muito orgulho disso!
Cansei de me sentir fraca, cansei de ter nojo de mim mesma, cansei de querer vestir roupas que naum cabem mais em mim, cansei de morrer de vergonha de sair em pubblico por achar que todos estariam rindo de mim, cansei de naum poder entrar numa loja e vestir uma calc(ss)a tamanho 36!” V.*

Como já foi explorado no capítulo anterior, existe uma economia emocional que delega um grande destaque a sentimentos como a vergonha e o medo de tornar-se objeto do riso alheio pelo fato de possuir um corpo acima do peso considerado ideal. É diante dessa configuração moral e afetiva que a ingestão de alimentos adquire novos significados e transforma a relação prazer x sofrimento e satisfação x privação.

Já De Certeau (1997) focaliza a dimensão dos usos e práticas cotidianas, alegando que a participação na preparação dos alimentos, quer dizer, a observação e convívio da criança no ambiente da cozinha poderá definir a relação que ela terá com a comida, observando os gestos da mãe, sentindo os odores, texturas e sabores dos alimentos ainda no processo de preparação, compartilhando conversas íntimas em um ambiente aconchegante que poderá tornar a ingestão de alimentos uma prática reconfortante. Ou seja, é na experiência cotidiana que se produzem e se expressam as relações com a comida e com o corpo.

Através do interesse e do cuidado que se tem com a comida, no leque de prazeres que nos permitimos ou nas restrições que nos impomos, se lê e se traduz em atos visíveis a relação que mantemos com nosso próprio corpo e com os outros (DE CERTEAU, 1997: 259).

De Certeau (1997) entende que as condições e práticas contemporâneas que excluem as crianças da cozinha, da preparação dos alimentos, da aprendizagem gestual junto à mãe estariam relacionadas com o desenvolvimento da anorexia e da bulimia nas sociedades atuais. Entretanto, percebo uma contradição, ao menos aparente, nessa relação, pois mesmo considerando a possibilidade de um viés de classe que interfira, afastando a menina de classes mais abastadas da cozinha, isso não significa um afastamento da comida.

Interessante notar que, apesar de evitarem a comida, se envolvem constantemente com a preparação delas, inclusive essa é uma das recomendações dos sites *pró-ana*. O que contraria a interpretação de De Certeau (1997). Contudo, a estratégia parece residir no estabelecimento de uma outra relação com a comida: prepará-la para os outros, sentir seu cheiro, textura, provar um pouco sem saciar-se, a satisfação passa a vir dos outros sentidos, além do paladar. Uma etnografia dos sentidos, dessas mudanças sensoriais, poderia oferecer uma grande contribuição para compreensão da anorexia.

medo da comida?!

*ontem eu comi 3 barras de hersheys 3 fatias gigantes de bolo e varias bisnagas com queijos e mais um pao de queijo... mais no final da noite malhei mtoooooooooo... e ainda tomei laxante =**odeeeeeeeeeio tomar laxante... nao quero mais tomar =(quando cheguei em casa tinha tanta comida em casa... tinha ate file a parmegana... poats adoro.... nossa tava com mta fome.... mas nao comi... alem do mais estava mto cansada e MUITO triste... e acabei nem comendo mesmo..(Looking for happyness)*



Assim como as imagens retratadas acima, outras são freqüentemente usadas nos blogs para representar o conflito entre o prazer de comer e o desejo de emagrecer. As narrativas

aludem ao prazer proporcionado pela comida, o que a torna tão perigosa. Classificada por adjetivos como: inimiga, traiçoeira, maldita, que revelam de fato uma aversão, mas que não se traduz pela ausência de prazer ou desejo em relação à comida, mas às conseqüências de sua ingestão; o perigo e a traição derivam justamente do prazer que ela proporciona. Contudo, o prazer de emagrecer e de ficar magra se sobressai ao do paladar e da saciedade, “nenhum sabor é tão bom quanto o de emagrecer”, esclarece a retórica do grupo. Com esse intuito, apesar de não negarem a fome e o prazer proporcionado pela comida, realizam uma gestão racionalizada das necessidades e emoções relacionadas a ela:

Comi uma fatia de bolo da espessura do meu dedo, saboreando cada pedaço. Oras, se é para digerir, vamos fazer valer a pena! Eu de fato não tenho problemas em admitir q a comida me traz prazer. Mas sabe q traz mais prazer depois da anorexia? Eu como com mais atenção ao q estou comendo... Não é igual à Magali (lembra? hehehe), q joga um frango assado para o alto, engole e cospe os ossos... Eu como cada pedaço prestando atenção ao sabor e textura. Será q sou a única q faz isso?

Digo... faço isso quando como sem grandes culpas. No início, isso nunca acontecia. Achava q cocalight me engordaria e me limitava a 200ml por dia. Mas eu, de fato, aprendi a me acalmar nesse aspecto. Vi q restrição completa vai me gerar compulsões. Depois q aprendi a não ser tão paranóica com tudo quanto é comida, aprendi a me controlar melhor. E essa foi minha reeducação alimentar. Até me fez ganhar uns 5 Kg no início, até aprender o q pode e o q não pode, mas agora eu me conheço melhor e estou emagrecendo denovo. =) E sem retrocessos!
(AC)

ontem eu fiz brigadeiro.nossa... almocei e jantei pokinho mas compensei nos doces . minha voh fez bolinho.. aii q ódio hauahua...(LWA)

*ontem...
minha mae fez canjica e eu adoro,ai fui crente q podia comer e azcabei passando mal..
apesar de ser aniver do meu pai tudo correu bem ate q eu tive q miar pra me livrar de toda aquela coomida.. (G)*

As coisas estão dando certo por aqui,mas espero que com vcs também.Mas espero mais ainda que as minhas palavras sirvam de,se não ajuda,pelo menos um apoio,para aquelas horas malditas em que o armário ou a geladeira mais próximas parecem a salvação.Sim,eu sei muito bem como é isso.Mas aprendi a lidar com isso,e posso dizer que é mil vezes mais gratificante vc olhar no espelho a qq hora e ver seus ossos,sua magreza,sua perfeição,do que segundos de pura banha e ilusão na boca.Pensem nisso. Bjos e bjos p/ todos e mais uma vez muito obrigada pq é isso que sempre me fez acreditar que era possível,e eu posso dizer que sou a prova disso.

Comi,comi e comi.POUCO.

Toh conseguindo me manter!!! É inacreditável o que nós sentíamos quando estamos cada vez mais perto da vitória,não é mesmo?! As coisas não se tornam fáceis,mas sim possíveis. É impressionante como já não me assusto mais na frente do espelho,não corro mais das pessoas,como consigo ficar em ambientes que não tenham "meia-luz" muito mais confortável do que a poucos meses atrás. É realmente maravilhoso
(Sick and Beautiful)

Da mesma maneira, esse discurso, da delícia de ser esbelto, é freqüentemente utilizado pela publicidade, principalmente a que se dedica aos produtos voltados para a construção de um corpo magro. Como é o caso de uma propaganda de torradas *lights* integrais, que ocupou duas páginas de em uma revista feminina de grande circulação. Que trazia logo no início da página, o seguinte rótulo: “*Você é o que você come*”, seguido da imagem do produto: torradas Bauducco, logo abaixo a fotografia de brigadeiros, com a seguinte frase: “*A vida leve é mais gostosa*”, sugerindo que o doce terá inevitavelmente influência sobre o peso corporal. Em uma propaganda veiculada na televisão marido e mulher conversam na cama. Ela pergunta se o homem a ama, ao que ele responde: “Amo muito, você é meu quindinzinho, meu docinho de leite, meu pudinzinho”. A cada novo doce, a moça vai ficando mais chateada, até que o locutor conclui: “Viu? Você é o que você come”. A câmera corta para uma mesa de café da manhã com as torradas e produtos como frutas, queijo branco, mel e cereais, que transmitem a idéia de leveza. Em um outro filme uma jovem é acordada pelo despertador e começa a pensar: “ “Sete horas....a aula de ginástica começa em meia hora... Eu vou. Hoje, eu vou. Quem mandou eu pedir sobremesa ontem à noite? Eu vou. Tô indo”. E não vai. O locutor diz: “Que tal uma culpa a menos na sua vida?

Aqui podemos observar que o sentimento de culpa que surge a partir da insatisfação com as conseqüências da ingestão de alimentos, é uma emoção preponderante, não apenas no universo pró-ana/pró-mia, mas também tem atuado como um mecanismo de controle na relação que os sujeitos estabelecem com o corpo na cultura contemporânea, incentivada, principalmente, pela mídia.

Oi meus amores!!! Td bom?! Estou de volta... ana 4 ever neh?! hauahau PHODA... desencanei de sair dessa e ter uma vida normal, saudável..q adianta ser saudável mas gorda e suuper hiper mega culpada?! Tô me controlando cada vez mais, comendo sempre menos... logo logo eu to magra.. espero neh? lwa

Assim como no contexto sócio-cultural mais amplo, não é a fome que é negada, como afirmavam as primeiras definições de anorexia, nas quais o principal sintoma era a falta de apetite. A luta dessas garotas é justamente para se controlar diante da fome, do desejo e prazer em saborear comidas que quanto mais gostosas, mais perigosas.

“Meu estômago é um buraco sem fundo!

Meu Deus! O que é essa fome que eu estou sentindo? "Antigamente" era muito mais "fácil" ficar sem comer, estou entrando em pânico aqui e resolvi postar para "me distrair"... hj eu nem comi muito, mas parece que eu comi um boi (na minha cabeça) e ainda sinto fome, estou com dor de cabeça... mas nada vai me tirar da meta de ser, estar, permanecer magra... Se eu vou enlouquecer esses dias? Acho que sim rs... q fome de maluco... mas acho que é falta dos remedinhos... ou falta de objetividade... sei lá... só sei que só penso em comida... queria poder ir lá no supermercado e comprar muitos biscoitos, salgadinhos e bolo... mas eu sei que não farei isso... que vou me controlar... eu posso, eu sou forte, mentalize rs... não vou me estressar... não vou morrer de fome até amanhã... só por hj eu preciso... só pela próxima hora.... pelos próximos segundos... eu consigo..."S.t

Entendo que a expressão da anorexia, sua manifestação, pode ter sido um dia a falta de apetite, mas atualmente é o medo de comer. Tal como foi comentado na introdução, os sintomas parecem ganhar nuances diferentes em culturas distintas (cf. HSU; LEE, 1993), assim como, a sua manifestação também mudou nos últimos anos. E, neste sentido, a anorexia representa apenas uma das expressões do medo em relação à comida. Existem outras formas recentes de patologia que expressam esse medo, como é o caso de um tipo de transtorno alimentar, recentemente classificado, denominado ortorexia, cuja origem é atribuída à obsessão crescente com uma alimentação saudável. Assim, alimentos crus, vegetais, cereais, grãos e frutas formam a base de uma dieta saudável, ao passo que carnes, enlatados e alimentos industrializados ou com qualquer tipo de aditivo químico, sem falar dos transgênicos, são considerados impuros e, desse modo, com grande pontencialidade de acarretar prejuízos à saúde do corpo e da alma, como afirma Bratman, principal responsável pela classificação da doença. O foco na saúde corporal aparentemente é uma contradição à interpretação corrente de que a ortorexia seria um pré-estágio da anorexia (CORDÁS, 1999), já que não atende àquele que é considerado um dos sintomas definidores do diagnóstico de anorexia: o medo de engordar. O interessante, nesse exemplo, é a existência, no mesmo contexto sócio-cultural da anorexia, de outras patologias derivadas de uma associação

freqüente entre emoções, como medo à comida, que acredito estarem amparadas em um conjunto de justificativas científicas, revestidas de conotações morais impressas na classificação dos alimentos. A seguir, a lista de sintomas relacionados à doença que pode nos indicar novas associações:

- Gastar mais de três horas por dia pensando em comida saudável
- Planejar detalhadamente as refeições, segundo esse critério
- Preocupar-se muito mais com as propriedades dos alimentos do que com o sabor.
- Abrir mão de eventos sociais que não permitam seguir sua dieta
- Sentir-se superior aos outros por se alimentar de forma saudável (e criticar os outros por não terem os mesmos hábitos e mesmo restringir o grupo de amigos, de acordo com o tipo de alimentação)
- Sensação total de controle ao comer.

O problema maior, segundo os especialistas, está na possibilidade de o ortoréxico assumir condutas perigosas de restrição alimentar, que acarretam em fortes desequilíbrios nutricionais; um outro problema refere-se à restrição do convívio social, face à tendência a adotar um comportamento comum, neste o grupo: evitar lugares e pessoas que não compartilhem dos mesmos hábitos alimentares. Em nenhum momento, na lista de sintomas relacionados à ortorexia, aparece o medo de engordar ou o desejo de emagrecer; no entanto, os sintomas citados se aproximam muito dos relatados pelos portadores de anorexia. Considero de suma importância observar que o controle sobre a alimentação e a busca pelo controle em si estão associados a outros fenômenos contemporâneos relacionados ao corpo e a práticas alimentares e corporais, reforçando a minha interpretação de que se trata de uma cultura que encontra no corpo o lugar do exercício da autonomia e do controle. E isto pode ser observado tanto em termos de estética, como de saúde.

2.3 O jejum: das santas às anoréxicas

Na tradição Judaico-Cristã, o jejum está relacionado a uma idéia de purificação, de limpeza do corpo e da alma. De forma geral, nos textos bíblicos, jejuar envolvia a abstenção de alimentos sólidos e líquidos, excetuando-se água.

No final do século XII, a prática do jejum passou a ser incorporada por mulheres, que fizeram da privação de alimentos, por vezes total, um dos elementos essenciais de sua experiência espiritual. Dentre elas várias foram reconhecidas como santas, após a morte, e suas vidas foram registradas por escrito, para conhecimento da posteridade. As santas jejuadoras da Idade Média não apenas seguiam com grande rigor os períodos de abstinência previstos pela igreja, como passaram a prolongar o período dos jejuns, muitas vezes empreendidos por vários anos.

A carne era, sem dúvida, um dos alimentos totalmente banidos de sua alimentação, assim como o vinho; alimentavam-se apenas de pão, frutos silvestres e ervas (LAWERS, 1996). Era comum a rejeição a tudo que fosse cozido, aceitando-se apenas os alimentos crus. Em alguns casos, a hóstia passava a ser o único alimento ingerido, como acontece com Alpaïs de Cudot, que morreu em 1210, na Borgonha.

O historiador Rudolph M. Bell (apud LAWERS, 1996), em estudo sobre a vida de mais de 250 mulheres italianas santas e beatas da Igreja Católica, utilizando escritos autobiográficos, cartas, testemunhos de confessores e relatos canônicos, demonstrou que as santas da Idade Média manifestavam todos os sintomas da anorexia, tal como definida contemporaneamente pelos médicos. Apesar das limitações de uma explicação unicamente centrada na patologia ou nos sintomas, o estudo revela que essas mulheres recusavam alimentar-se, a ponto de serem levadas à morte, eram adolescentes em revolta com os pais, como Clara de Assis e Catarina de Siena, ou mulheres casadas, ou ainda mães desejosas em abandonar a vida familiar e conjugal, como Marie d'Oignies, Margarida de Cortona e Ângela Filigno, entre outras. A abstinência tornava-se, então, para essas mulheres, a única maneira de se subtraírem à autoridade e ao controle dos homens, fossem eles pais, maridos ou padres. Podiam, assim, afirmar sua identidade e sua relação com Deus (LAWERS, 1996: 222), acima de suas identidades como esposas e mães. Como demonstra Caroline W. Bynum (1997), comida como símbolo religioso é mais importante para a mulher do que para o homem. Nesse sentido, a comida é o elemento de controle da mulher, o universo que lhe é reservado e

onde ela exerce seu controle. O asceticismo relacionado à comida aparece como uma forma autêntica de superação e elevação espiritual, num contexto religioso em que a mulher estava para o homem, assim como, a carne e o corpo estava para o espírito e a alma. Como destaca a Hildegard de Bingen, uma das primeiras teólogas do sexo feminino, no século XII: “o homem significa a divindade do Filho de Deus, e a mulher, sua porção humana” (CORDÁS, 2002). E, portanto, a superação ou transcendência da condição humana se faz através da transcendência da natureza - através da superação das necessidades da comida.

Em 1584, aos 18 anos de idade, Maria Madalena de Pazzi se interna no Convento Carmelita de Santa Maria dos Anjos, em Florença, dizendo-se orientada por Deus; passa a restringir sua dieta a pão e água, começa a ditar uma série de regras seguidas por suas companheiras, instruções ascéticas através de cartas. Dizia-se profundamente influenciada pelo asceticismo de Catarina de Siena. Quando forçada a comer, por suas superiores, ou quando não resistia às tentações culinárias, provocava vômito. Tal como as santas jejuadoras, as pró-ana encontram na abstinência alimentar uma fonte de controle sobre suas próprias vidas.

No Ocidente, Hipócrates, considerado o pai da medicina, já utilizava o jejum terapêuticamente. Ainda hoje, o jejum está ligado à idéia de purificação, de desintoxicação do organismo e, em alguns contextos, à elevação espiritual e ao auto-conhecimento. A comida, ao contrário da água, tem um alto grau de poluição, não apenas para o organismo, mas para mente e o espírito. O jejum atua, assim, como uma estratégia que privilegia a atividade mental, a racionalidade e a reflexão. Para alcançar a recompensa mental e espiritual, os membros da Associação para a Auto-Realização costumam jejuar, segundo os ensinamentos do Paramahansa Yogananda, seu guru-fundador. Na "bíblia" de Yogananda, *A Eterna Procura do Homem*, delineiam-se as recompensas do jejum:

1. O espírito interior dissociar-se-á das exigências do corpo, assim como o próprio corpo se libertará de hábitos grosseiros.
2. O Jejum proporciona descanso aos órgãos exauridos, que são as engrenagens do organismo.
3. Jejuar proporciona descanso à força vital em si, aliviando-a de trabalho extra. A força vital é o suporte do corpo e, através do jejum, ele torna-se auto-suficiente e independente.
4. Comer demais todos os dias do ano gera muitos tipos de doenças.
5. A regularidade imutável no comer, precisando ao não o corpo de alimento, é uma maldição para ele. Quanto mais você se concentrar no paladar, mais doenças terá. É bom apreciar o alimento, mas tornar-se escravo dele é a perdição da vida.
6. Os efeitos físicos do jejum são extraordinários. Um jejum de três dias com sumo de laranja reparará temporariamente o organismo, porém um longo jejum o revisará inteiramente. (Pessoas com saúde não sentem qualquer dificuldade em fazer um jejum de três dias; mais longos devem ser feitos sob

supervisão experiente. Quem quer que padeça de alguma enfermidade crônica ou de algum defeito orgânico, só deverá jejuar sob a orientação de um médico familiarizada como o processo de jejum.) O seu corpo sentir-se-á forte como aço. Contudo, se quiser uma permanente revisão no seu organismo, deverá sempre vigiar qual e quanto alimento introduz dele. Existe uma grande ciência metafísica por detrás do jejum (...).

7. O jejum deixa a mente dependendo do seu próprio poder. A mente diz a si mesma: "os sólidos dos quais o corpo ficou acostumado a depender, nada mais são do que grosseiras condensações de energia. Você é pura energia. E você é pura consciência".

8. Aprendendo a depender de si mesma através do jejum, a mente pode fazer tudo: dominar a doença, criar a prosperidade ou realizar o objetivo supremo da vida - encontrar Deus."⁹

A comida, nesse sentido, não só é responsável pelo adoecimento e pela fragilidade do corpo, como também é percebida como um obstáculo ao exercício do poder mental. O jejum além de proporcionar o controle mental, dignifica o homem a se encontrar com Deus. Para as anoréxicas, é o caminho para o *self*.

- A DIETA DA BÍBLIA *

- Esta dieta foi baseada na Bíblia, no Antigo e Novo Testamento. Nela estarão os princípios das leis dietéticas. Alguns princípios básicos das Leis Dietéticas devem ser observados:

1 - As carnes ingeridas devem ser somente de animais ruminantes com casco dividido em dois e unha fendida (por exemplo: boi, ovelha, carneiro, cabra).

2 - A carne de porco é proibida assim como outros animais que não ruminam.

3 - A ingestão de sangue de animais é proibido, portanto as carnes não podem ser consumidas cruas ou mal passadas, devem ser muito bem cozidas assadas ou grelhadas.

4 - O leite e seus derivados (queijo, coalhada, creme de leite, etc.) são permitidos, mas nunca podem ser ingeridos na mesma refeição com os derivados da carne, (por exemplo não pode filé a parmegiana, strogonoff, etc). Ou seja os derivados do leite e da carne devem ser consumidos em refeições separadas.

5 - As aves são permitidas bem como seus ovos, desde que não estejam fecundados.

6 - Frutos do Mar (por exemplo: camarão, marisco, lagosta, ostra, etc.) são proibidos.

7 - Os peixes com escamas são permitidos (por exemplo: pescada, sardinha, tainha, etc...)

8 - Os peixes sem escamas são proibidos (por exemplo: cação, pintado atum e etc.)

LEVÍTICO 11.1-47 / DEUTERONÔMIO 14,3-21

A DIETA PARA EMAGRECIMENTO ABAIXO DESCRITA, TEM A DURAÇÃO DE 11

⁹ Cott, Drº Allan. O jejum como dieta opcional. Editora Record.

DIAS E TODOS SEU ALIMENTOS CONSTAM NA BÍBLIA.

TRATA-SE DE UM TRABALHO DE PESQUISA EXCLUSIVA DO DR. EDSON RAMUTH, SUPERVISOR MÉDICO DA REDE EMAGRECENTRO.

"Não destrua a obra de Deus por causa da comida. Todas as coisas na verdade, são limpas, mas é mau para o homem o comer com escândalo"

Epistola de Paulo aos Romanos : 14:20

INICIAR NA SEGUNDA-FEIRA

• 1º E 8º DIA: (2ª feira)	• MANHÃ - 1 fatia de pão de centeio / 1 xícara de iogurte ALMOÇO - 1 filé de peixe / um prato de salada de pepino com cebola LANCHE - 1 fatia de melão JANTAR - 1 prato de sopa de lentilha
• 2º E 9º DIA: (3ª feira)	• MANHÃ - 1 fatia de pão de centeio / 1 xícara de leite ALMOÇO- 1 bife médio de carne / 1 pepino grande cru LANCHE - 1 maçã JANTAR - 1 prato de Fava (vagem) cozida / 1 ovo cozido
• 3º e 10º DIA:(4ª feira)	• MANHÃ - 1 copo de suco de melão / 2 fatias de queijo ALMOÇO -1 filé de peito de ave /1 prato de salada de pepino com cebola LANCHE - 5 ameixas pretas JANTAR - 1 ovo cozido / 1 prato de lentilha cozida
• 4º e 11º DIA (5ª feira)	• MANHÃ - 1 fatia de pão de centeio / 1 xícara de e leite ALMOÇO 1 bife médio de carne / 1 prato de Fava (vagem) cozido LANCHE - 1 cacho de uvas JANTAR - 1 prato de sopa de lentilha
• 5º DIA (6ª feira)	• MANHÃ - 1 fatia de pão de centeio / 1 xícara de iogurte ALMOÇO 1 filé de peito de ave / um prato de salada de pepino com cebola LANCHE - 1 maçã / 10 amêndoas / 10 azeitonas JANTAR - JEJUM, somente ingerir água
• 6º DIA: (Sabado)	• MANHÃ - JEJUM, somente ingerir água ALMOÇO JEJUM, somente ingerir água LANCHE - JEJUM, somente ingerir água JANTAR - JEJUM, somente ingerir água
• 7º DIA: (Domingo)	• MANHÃ - 1 copo de suco de melão / 2 fatias de queijo ALMOÇO 1 filé de peixe grelhado / 1 prato de lentilha cozida LANCHE - 5 ameixas pretas JANTAR - 1 ovo cozido / 1 prato de Fava (vagem) cozida

- ESTA DIETA TEM A DURAÇÃO DE 11 DIAS E NESTE PERÍODO VOCÊ EMAGRECERÁ APROXIMADAMENTE 6 KGS.

SOMENTE DEVE SER FEITA 1 VEZ POR MÊS.

NO DIA DO JEJUM, CASO VOCÊ ESTEJA TOMANDO ALGUMA MEDICAÇÃO PARA EMAGRECER NÃO A

TOME NESTE DIA, NEM PRATIQUE EXERCÍCIOS FÍSICOS.

CASO QUEIRA INGERIR ALGUMA BEBIDA ALCOÓLICA SÓ É PERMITIDO O VINHO E EM PEQUENA QUANTIDADE.

CASO QUEIRA ADOÇAR ALGUMA BEBIDA USE SOMENTE O MEL.

PARA TEMPERAR A SALADA É PERMITIDO SAL, VINAGRE E AZEITE DE OLIVA EM PEQUENA QUANTIDADE.

INGERIR ÁGUA ANTES, DURANTE E APÓS AS REFEIÇÕES OU QUANDO ESTIVER COM FOME.

SEJA SOLIDÁRIO, AJUDE O PRÓXIMO, TIRE 3 XEROX E DE A 3 PESSOAS QUE NECESSITEM EMAGRECER. , ¹⁰

A Dieta da Bíblia, junto a outras dietas propostas para o verão de 2005/2006, foi amplamente divulgada em revistas destinadas ao público feminino: Boa Forma, Contigo, Dieta Já, bem como em sites que se dedicam ao tema do emagrecimento. Interessante notar que o sentido de elevação mental e espiritual atribuído à prática do jejum não está mais presente nesse contexto, em que vigora a noção de perda de peso e desintoxicação do organismo, conceito que também atinge outras dietas e se respalda não só na idéia de modelação corporal, mas também na noção de saúde e bom funcionamento orgânico. No entanto, a citação bíblica do texto de Paulo articula elementos religiosos à proposta de emagrecimento.

"Não destrua a obra de Deus por causa da comida. Todas as coisas na verdade, são limpas, mas é mau para o homem o comer com escândalo"

O jejum realizado pelas pró-ana é chamado de *no food* e planejado tanto individual quanto coletivamente, via Internet. O período de duração varia de acordo com a quantidade de peso que se deseja perder, mas também com a motivação: que pode ser uma purificação posterior a algum episódio de excesso alimentar, que geralmente dura de 3 a 5 dias, ou um *no food* mais prolongado, como estratégia de emagrecimento quando há um ganho de peso considerável. O sentido continua sendo o da purificação do corpo e o auto-controle mental. Além da água, ingere-se apenas líquidos.

*“Controle ... Controle ... Controle ... Controle ... Controle ...
Controle ... Controle ... Controle ... Controle ...
Controle ... Controle ... Controle ... Controle ... Controle ...
Controle ... Controle ... Controle ... Controle ...
Controle ... Controle ... Controle ... Controle ... Controle ...
Controle ...*

¹⁰ Fonte: <http://www.emagrecendo.com.br>

Tudo que eu quero é um pouco mais disso, pra continuar. Estou no meu 2º dia de No Food... tomei já uns 9 litros de água nesses dois dias...”(NSK)

Fiz no food completo! Só tomei água! =) Não como nada há exatas 40 Horas!!!! (ND)

“No sábado rolou uma pizza... como eu "sabia" que ia comer, fiz nf durante o dia e comi a pizza de noite, ela estava deliciosa e na hora nem quis pensar em outra coisa...fiz um "quase" nf (no food) ontem, um pouco de purificação e de culpa mesmo...”C.

A ingestão de água em grande quantidade é um dos mandamentos essenciais para uma pró-ana, a recomendação é um consumo mínimo de dois litros por dia. Há também um grande incentivo ao consumo de líquidos, além do período de *no food*. Outras dietas bastante utilizadas e recomendadas, tanto entre os componentes do grupo, como nas revistas femininas de grande circulação, se baseiam, se não no consumo exclusivo de líquidos, mas em uma prevalência desse consumo, como é o caso da dieta da sopa, em que ocorre apenas a ingestão de líquidos (sopas), e a dieta de desintoxicação, baseada no consumo de água destilada, suco de frutas, frutas cruas e chá de ervas, ambas amplamente aceitas e utilizadas em contextos e grupos diferentes. Bruch (1997) chama a atenção para os simbolismos atrelados aos alimentos sólidos por suas pacientes anoréxicas, por acreditarem que esses alimentos se tornam parte integrante de seu corpo e de si mesmas e passam a ter poder sobre elas. Notoriamente, os jejuns recomendados com objetivos estéticos, ligados à saúde, ou por motivações ideológicas ou religiosas atribuem propriedades purificadoras aos líquidos, em especial à água, e propriedades poluidoras, do ponto de vista orgânico e/ou moral, aos sólidos. Especialmente na comunidade pró-ana, boa parte das orientações dietéticas consideram a ingestão de água e outros líquidos, não apenas purificadora, como também, estratégica para o emagrecimento. Como exemplificado na dieta a seguir retirada de uma comunidade pró-anorexia do orkut:

Dieta da água

Beber água o dia inteiro

Trident, chá e coca light tá liberado, é praticamente um no food, só não pode esquecer de tomar muita água, muita mesmo para limpar as toxinas do corpo...se lavar por dentro..

A legitimidade da prática do jejum no contexto cultural mais amplo é frequentemente utilizada nos blogs pró-ana como respaldo para a prática do *no food*. Os benefícios do jejum, do ponto de vista da saúde, são apontados em diversas correntes da medicina alternativa:

“o jejum limpa as mucosas intestinais, elimina metais tóxicos e oxigena o organismo. Jejuar pode ajudar ainda a combater doenças infecciosas, diminuir a pressão arterial e melhorar a acuidade mental....

...o próprio estilo de alimentação que adotamos faz com que o jejum não seja um sacrifício para o corpo: Não apenas comemos mal como também comemos em excesso, muito mais do que precisamos. Por isso, quando em jejum, o corpo trabalha com as suas reservas, que são muitas, e de forma alguma será prejudicado pela falta do alimento.

O corpo está constantemente se auto-curando e o jejum permite que essa cura seja mais eficiente, promovendo tempo e espaço para que os mecanismos curativos do corpo atuem onde estão sendo necessários. Por isso, o jejum é terapêutico por si só. "Na verdade, o período de sono é um pequeno jejum. O que se faz é prolongar este período, dando ao organismo mais chances de se curar, de se regenerar"¹¹

Na comunidade pró-ana, o sentido de purificação atribuído ao jejum se relaciona diretamente à capacidade de eliminação da comida ingerida nos dias anteriores, como também ao exercício de auto-controle e disciplina. A purificação conseguida através de um *no food* também serve como estratégia preventiva, quando existe a possibilidade de algum evento, como festas, viagens ou um final de semana na casa de parentes, ou qualquer tipo de circunstância que leve a um excesso na quantidade e/ou qualidade de alimentos ingeridos, de acordo com seus critérios. A citação abaixo revela alguns dos motivos que impulsionam a prática do *no food*:

O que te inspira a fazer NF?

Qdo me olho no espelho e vejo toda essa banha

Qdo vejo modelos magérrimas

Qdo vejo alguém mais magra que eu

Qdo minha auto-estima está baixa

Qdo me sinto feia e gorda

Qdo compro uma roupa (sempre n^o menor)

Qdo ta perto dos finds¹²

¹¹ <http://www.portalverde.com.br/>

¹² Qdo e finds significam respectivamente: **quando e fins de semana**.

O *no food* é também uma prática ligada ao sentimento de pertencer à comunidade. Quem é Ana de verdade deve fazê-lo, ainda que por um período curto e ingerindo líquidos. O importante é mostrar à comunidade, através de seu relato, que realmente aderiu à causa e à luta pró-ana. Diversas vezes os *no foods* são combinados em grupo, o que serve de estímulo para o empreendimento, como também transparece nas falas algum sentido de competitividade em relação a quem agüenta ficar mais tempo no jejum, o que caracteriza uma maior capacidade e maior proximidade com a Ana.

Hj meu primeiro dia de NO FOOD braavo depois daquela crise de dezembro ter engordado pakas.Ah eu to com duas barras de cereal nutry na barriga espero manter isso praticamente todos os dias.Todos os dias nao rola pq nao posso viver de nutry,enjoa.Mas agora dessa vez pra valer vou emagrecer uns 10kg so pra começar.Enfim,espero q de tudo certo desta vez pq eu odeio qnd algo q eu quero mt de errado.Se depender de mim vai correr tudo bem.Ah eu estava vendo.Um dos grandes problemas das meninas começar um NO FOOD nao conseguir mante-lo.Meu pensa,se vc quer ser magra quer emagrecer vc TEM q fazer o NO FOOD pronto acabou.Nao adianta ficar comendo ficar se lamentando isso um fracasso cara,vcs podem se controlar ,gente vcs tem q ser maior do q essas merda de comida gordurosa.Eu so falo uma coisa.Qnd a AnNA estiver realmente dentro de vc.Vc vai conseguir.Mas no mais.Nao vai adiantar nada vc ficar falando q e anna q e anna mas nao faz por onde.ISSO uma enganaçao uma ilusao eu to cansada de ver isso aqui.Bom,espero q pensem duas vezes antes de comer.Pq anna nao simplesmente da boca pra fora.Anna força atitude eu nao estou vendo nenhuma partindo de vcs!!!! hora de começar,vamos abrir os olhos!!
Beijos boa sorte para todas vcs!
QUERO VER ATITUDEEEEEEE!!!

tão bom ter em quem pensar quando estou quase fraquejando em um no food e agüentar mais, expandir mais e mais meus limites com o apoio de quem me entende pq passa pelas mesmas coisas que eu, entende os prazeres e os medos q eu sinto todos os dias...ND

Ontem consegui fazer um no food.Issu fez taum bem pra mim,senti q a ANA naum sai de mim por nada mesmu,e issu eu amu,eu a amu!!!!!! A fraqueza,a dor no corpo me faz lembrar como eh bom ter a ana em minha vida.Os passares mal,as tonturas e tudo mais q a ana nos dah em troca de um corpo perfeito nos faz falta quandu desobedecemos ela por alguns minutos.

To pesandu horrorosos 54 kg.bem jah eh um começo pra quem tava pesandu a um mes atras 60 kg neh...(Miss Bundchen)

Mas hj eu comecei um no food de no maximo 300 calorias ,pq eu preciso de algumas coisinhas nem q seja um suco para ficar de pe ainda mais eu q tenho aula o dia todo.Mas agora esse vai dar certo pq estou em parceria com a "ELLA COM ANNA" minha amiguxa RAFA.Como moramos na mesma cidade e somos mt amigas resolvemos fazer um no food juntas e quem perder vai ter q tomar 500g de sorvete.Ou seja,engordar pra caralhooooooooooooooooooooooooooooo.Ahah ninguem mereço!Entao eu so

tenho isso para contar mesmo. Força pra nos novamente. O fracasso e o caminho da vitória! (So nao pode ficar tao constante..hehe)

Nesse sentido, a prática do *no food* liga-se à identidade pró-ana, não apenas como estratégia de emagrecimento rápido ou eliminação do excesso, mas, acima de tudo, como forma de reconhecimento e adesão à causa *pró-ana*, através de uma clara demonstração de poder sobre os próprios desejos e necessidades, enfim, e mais uma vez, o poder da mente sobre o corpo.

Apesar de ser uma prática marcante para a identidade pró-ana, como muitas meninas não conseguem segui-la durante muito tempo, surge, como alternativa, o *Low food*, que permite, além da ingestão de líquidos, como no *no food*, o consumo de pouquíssimos alimentos de baixas calorias, como, por exemplo, uma barra de cereal ao dia, ou uma fruta pouco calórica. Trata-se de um jejum parcial, que, contudo, não é unanimidade no grupo, algumas pró-ana o consideram como um desvio em relação aos desígnios de Ana.

2.4 Purgação como mecanismo de redenção

As estratégias purgativas juntam-se ao jejum, ou *no food*, como estratégia de limpeza e purificação freqüentemente adotada na comunidade pró-ana/pró-mia. O uso de laxantes e diuréticos e, principalmente, o vômito auto-induzido, é observado em praticamente todos os relatos em que se baseou esta dissertação.

Sentimentos de vergonha e culpa são freqüentemente relatados, acompanhados de estratégias para se redimir dos pecados; isto acontece quando não respeitam as metas estabelecidas por elas mesmas. Esta falha pode ser amenizada com a intensificação dos exercícios físicos e com purgações (vômito, laxantes e diuréticos).

A prática do vômito induzido é conhecida como miar, que remete à bulimia conhecida pelo pseudônimo de Mia. No entanto, miar não é uma exclusividade das pró-mias, ao contrário, é amplamente utilizada pelas pró-anas e indicada como estratégia legítima e diversas vezes necessária.

Aqui vão algumas dicas pra quem tem dificuldades para miar, e outras coisas, com o tempo esperamos melhorar essa sessão, se vocês souberem mais coisas enviem!

- 1 - Beba um copo cheio de coca light, antes de miar, realmente ajuda a comida a sair.
- 2- Evite, granola, pães e outros alimentos muito pesados ou a base de fibras eles não são faceis de sair.
- 3- Use marcadores, como Doritos antes das refeições, quando você ver o laranja já sabe que tudo saiu.
- 4- Sorria! Sorrindo, você retira aquela impressão estranha e cansada que seu rosto fica depois de miar.
- 5- Sorvete, está no ranking, é o alimento mais facil, e melhor de miar, é muito rapido e facil de gorfar.
- 6- Beba água depois de vomitar, ela fortifica e repõem alguns componentes que você pode ter perdido após miar.
- 7- Depois de vomitar, não escove seus dentes, além dos ácidos, a pasta de dente pode danificar ainda mais o esmalte dos seus dentes, enxague apenas com água sua boca.
- 8- O mamão papaya é um ótimo laxante natural, além de ter poucas calorias, não vicia a flora intestinal.
- 9- O chá verde é um diurético natural, não faz mal nenhum e ainda ajuda a eliminar as toxinas do corpo.
- 10- Misture mostarda com água e beba isso lhe causará um enjoo tremendo, e será mais facil da comida toda sair.
- 11- Beber água quente durante o vomito pode ajudar a comida a sair também.
- 12- Não coma sua comida enquanto ela ainda estiver muito quente, e mastigue tudo sempre muito bem, é mais difícil gorfar comidas quente e pedaços de comida, espere esfriar e mastigue bem.
- 13- Uvas, morangos, bananas ... essas frutas tem maior facilidade para sair.
- 14- O seu organismo leva até 30 minutos para "bloquear" que a comida volte, portanto não demore.
- 15- Quanto estiver difícil, tire um tempo de uns 5 minutos e tente novamente as vezes resolve¹³

A idéia manifestada pelo grupo é que, quando ocorrer a ingestão de alimentos, que não estejam “dentro dos planos”, ou seja, quando se ultrapassa o limite diário auto-imposto, deve-se recorrer a indução do vômito ou ao uso de laxantes. A experiência de miar em alguns momentos é referida como um castigo, uma espécie de penitência, tamanho o sofrimento que acarreta. De fato, de acordo com os dados, é preferível não comer, a comer e ter que miar, afinal, a perda do controle, ainda que momentânea, é vista como um fracasso, e a purgação representa justamente a pena a ser paga por isso.

Virou rotina vomitar todo dia a noite na hora do banho.É bom.Ontem eu acho q exagerei,vomitei mais agua do q tudo.Mas mesmo q meu estomago esteja vazio eu continuarei a vomitar.Digamos q é uma lavagem-estomacal-induzida.Amanha

¹³ <http://www.proanagorda.hpg.com.br>

tenho festa da familia.COMER OU NAO COMER,EIS A QUESTAO.Só que.La eu nao poderei tomar banho como som alto ligado entao logo..fica difícil.Ainda mais banheiro publico.Se vc demora todos começam a pensar q vc esta pasando mal é um saco isso.Alem do q depois q vc mia vc sai com a maior cara de "ahm acabei de miar".Entao e a solucao é.Nao comer.Isso ,vou me controlar.Melhor do q ficar nessa coisa de vou comer pq depois posso vomitar.Isso enche o saco , alem do q minha garganta ja esta mt irritada eu nao posso ter infeccoes de garganta como no ano passado de quinze em quinze dias (Die Anna).

Ai!!! Gente, quase me esqueci de contar a mais bombástica das desgraças das férias!!! Meus dentes estão todos lascados, de tão fracos, de tanto miar!!! Que bosta, ahahahahaha!!!!(Ana mia Diva)

Oooooba!!!! Escapei tb do Reveillon, mas foi mto engraçado!!! Passei na casa de uns amigos dos meus pais, cheeeeeeeio de comidas e frios sofisticados, frutas secas de todo tipo, etc. Coisa de gente fresca e gorda. Passei o tempo todo tomando coca light e ouvindo elogios pela magreza, esperando a hora do "jantar oficial". Qdo foi servido, comi meio pedaço de lagarto, três metades de champignon, e um micro pedaço de bacalhau. Ignorei as sobremesas gordas e sofisticadas, e comi uma fatia de abacaxi desidratado (das frutas secas). Depois disso, meus pais já estavam se despedindo de todo mundo, meu irmão de saco cheio, e eu neurótica, com 100 gramas de comida suja no estômago. Vcs acreditam q eu tive a petulância de miar no banheiro da mulher, com o meu irmão batendo na porta me mandando ir logo e meus pais lá no carro?! Ahahahahahahaha!!!!!!

*Em compensação, fiz uma festa de aniversário pra minha namorada linda (ontem), e comi coxinhas, empadas e tive q comer o bolo, q era uma pavê de bombom da sadia (miss daisy), pq fui eu q fiz tudo, e tava sem paciência de fazer bolo, e preferi comprar um treco pronto. Só q a pançuda aqui comeu o pavê quase inteiro, e naum teve como miar. **Resultado:59,1kg.** Fazer o q, né... a solução agora é mergulhar no No Food....*

Na cultura ocidental, a intemperança é tradicionalmente vista como sinal de fraqueza moral. Nesse aspecto, ela está, no âmbito alimentar, em igualdade moral com outras formas de transgressão. “É ilegal, imoral, ou engorda” e “faz mal, mas é gostoso” são expressões familiares dessa relação. No caso da comunidade pró-ana, a purgação, através de vômitos ou do uso de laxantes, visa não só a limpeza do corpo, como também, da alma, já que à ingestão de alimento é imputado um conjunto de atributos morais com capacidade de comprometer a ambos. A narrativa a seguir é um bom exemplo dessa relação:

Sabe para mim é muito mais que o corpo, é uma questão de alma. Minha alma clama por magreza, por ser limpa de tudo que é vil e cruel. É um pouco de hipocrisia de minha parte, tipo hoje eu comi um pastel com coca cola, um pacote de doritos, uma barra de

snickers e um ovomaltine do Bob's. Não é sempre assim todo dia, mas quase todo dia eu como alguma besteira, de fato eu não to fazendo regime então não posso ficar reclamando dos meus quase 52kg. Fiz algo que sempre condeno (até por experiência própria) tomei laxantes, na verdade é por causa do meu uso abusivo deles que hoje eu tenho sérios problemas intestinais, eu já cheguei a tomar 10 comprimidos daquele complexo 46 por dia...

Antes de usar isso hoje, durante essa semana eu tentei outros métodos que em qualquer pessoa normal funcionaria mas em mim não. (estão listados aqui abaixo para quem quiser usar)

- Xarope de Ameixa (deixa a ameixa seca dentro de um pouco de água no sereno e toma o caldo em jejum pela manhã)

- Comer mamão com semente em jejum pela manhã após beber 1 copo de água natural.

- Xarope de ameixa, batida com mamão com semente e a própria ameixa.

Nada... nada disso adiantou. Meu médico disse para eu usar supositório, mas eu não tive coragem, realmente pra quem faz uso de laxativos é uma das melhores opções por não prejudicar a flora intestinal, não provocar cólicas e ter efeito imediato, mas eu não tive coragem... quem sabe em uma hora de desespero. Em compensação tomei três comprimidos de lacto purga que não funcionaram... fazer o que ?

Meus pensamentos de magreza me atormentam, mas me prometi que não serei mais escrava da anna, ela não é minha amiga, amigos não lhe fazem sofrer, quem ama lhe liberta. É antitético, porque a anna também me liberta do desejo ela faz com que eu não precise de nada além de mim, me faz me sentir livre, leve.

Mas eu, escrava de mim, sou meu próprio algoz. Nada é suficiente e tudo pode ser melhorado, eu simplesmente não tenho força de vontade suficiente e me puno por isso.

Já vomitei minha alma, dilacerei o meu corpo, e tentei sangrar até a última gota para ver se essa obsessão saía de dentro de mim... foi inútil, acho que vou ter que me acostumar...

"O próprio ser criador criou a sua estima e menosprezo, criou a sua alegria e sua dor. O corpo criador criou a si mesmo como emanção da sua vontade." (Friederich Nietzsche citado por TWL)

O calor torna-se insurpotável, o suor escorre pela pele e toda aquela banha grudenta incomoda mais e mais. "Quantos quilos até eu estar feliz ? Quantos quilos até eu estar magra?" Essa é a pergunta que não quer calar. "Você nunca pode ser magra demais, o céu é o limite !" Chavões que toda anna/mia obsessivo compulsiva conhece, mas vocês que estão de fora não podem imaginar o quanto estão próximos da realidade....

Me ame ou me odeie, mas me deixe ser MAGRA ! (Miss ana)

A sensação de limpeza e esvaziamento provocada pelo vômito ou pela evacuação suprime e faz “valer a pena” a experiência incômoda dessas práticas frequentemente empregadas pelas *pró-ana/pró-mia*. Apesar de aludir a idéia de fracasso e de descontrole momentâneo, de acordo com a ideologia do grupo, a purgação, junto a outras estratégias, como os exercícios físicos em doses excessivas, vêm redimir a culpa por um comportamento transgressivo e, até mesmo, pecaminoso.

2.5 A gordura: questões de natureza e cultura

A relação com a gordura é um aspecto central quando nos debruçamos sobre o universo *pró-ana/pró-mia*, a grande vilã na vida desses sujeitos que passam boa parte de seu tempo imaginando e tentando evitar, purgar ou queimar esse elemento em seus corpos. A gordura é uma substância dotada de uma série de atributos físicos e funções no corpo, mas também de um conjunto de características morais (ARAÚJO, 2004).

Não apenas o risco à saúde é imputado ao acúmulo de gordura no corpo, prejuízos à beleza e à performance corporal, põem em risco até mesmo o caráter moral dos indivíduos. Os estereótipos morais associados à gordura encontram-se na origem das duas principais explicações para seu acúmulo no corpo: primeiro, a partir de um comportamento transgressor em relação à comida, comendo uma quantidade maior do que é considerado necessário, tendendo sempre ao exagero e à falta de controle. E segundo, pela associação com o sedentarismo, sempre enfatizado no meio científico, como fonte de acúmulo de gordura. Nesse sentido, um conjunto de estereótipos morais, presentes em nossa cultura, relaciona a gordura à gula e à preguiça, dois dos sete pecados capitais.

A gordura, perceptível à superfície do corpo, polui a imagem que é vendida pela mídia e desejada pelas mulheres. A idéia de poluição está ligada à contradição que um dado elemento assume em relação às classificações ideais de uma sociedade (DOUGLAS, 1996). E a ingestão de alimentos assume tais características, ao tornar-se uma ameaça à construção de um tipo de corpo valorizado culturalmente. Se, no período da ascensão da burguesia, a gordura era ligada à riqueza, hoje ela é associada à fraqueza, à falta de controle sobre os apetites irracionais do corpo (DEL PRIORE, 2000).

A pureza, segundo Douglas (1966; 1970), está ligada à ordem, ao que faz parte do “esquema geral do mundo”. Para as anoréxicas, a gordura é entendida como uma transgressão da ordem, em uma conotação de desleixo, falta de cuidado com o corpo e falta

de controle sobre si mesmo, o que reflete as representações presentes no contexto da cultura contemporânea. Nas mensagens, o corpo gordo aparece associado à idéia de sujeira, como, por exemplo, quando as meninas se autodenominam de “*porca gorda*”, por não conseguirem alcançar o peso que desejam. O sentimento de nojo em relação ao próprio corpo é freqüentemente relatado quando se perde o controle, ainda que temporário, permitindo-se episódios de “*orgias gastronômicas*”, para as quais devem ser executadas as punições cabíveis.

Hoje, eu sou uma vergonha pra mim mesma, uma vergonha para quem um dia me conheceu. Penso que um dia eu já fui admirada pela minha força de vontade, mas hoje eu não passo de uma vaca gorda redonda imprestável, fraca, derrotada.

Hoje, eu ando na rua e tenho a impressão de que todos estão rindo de mim, que todos reparam na forma redonda do meu corpo e me criticam pela coragem de estar ali, no meio de pessoas bonitas, magras e felizes. V.G.

A gordura, como substância poluidora, desperta sentimentos de fracasso, vergonha, culpa e, principalmente, nojo, em relação ao próprio corpo. Não apenas a qualidade, como também a quantidade de alimentos pode ser indicativa de fraqueza moral; “*comi como uma porca*” é uma expressão extremamente recorrente no universo pró-ana, que supõe a ingestão de alimentos em uma quantidade maior do que o permitido para uma Ana.

Posso até formular uma tese científica:

Ponto 1: a grande maioria das pessoas precisa de comida para viver. Por que? Porque isso faz bem a elas. Faz com elas se sintam fortes e felizes. E, principalmente elas não sofrem por causa disso.

Ponto 2: Se uma pessoa normal como demais ela engorda. Então basta que a pessoa coma menos (“sigam uma dieta”, como dizem) e ela voltará a emagrecer.

Ponto 3: Se uma pessoa normal não come além de uma quantidade razoável pré-estabelecida por dia (geralmente entre 2000 e 2500 calorias), ela não vai engordar.

Ponto 4: Porém, existem pessoas que, comendo quantidades normais ou pouco abaixo do normal, engordam do mesmo jeito.

O que isso quer dizer?

Conclusão: Existem pessoas a quem a comida faz mal e, portanto elas devem se afastar de todo e qualquer alimento o máximo que puderem para que não sejam prejudicadas por ele. Partindo do principio de que minha tese é verdadeira e sabendo que sou uma

dessas pessoas a quem a comida faz mal, qual a melhor solução para minha vida? DEVO FICAR BEM LONGE DA COMIDA!

Eu tentei seguir uma dieta “normal”, tentei comer como uma pessoa “normal”, e o que aconteceu? Cah estou eu de novo gorda feito uma vaca, com nojo de mim mesma, me escondendo do mundo.

A grande verdade da minha vida é que eu só sou feliz quando estou longe da comida ou quando só chego perto dela o mínimo possível para assegurar minha sobrevivência. (Cristal)

A gordura é um tipo de interferência na simetria corporal, na organização e na limpeza das formas. O nojo à carne e à gordura não é recorrente apenas entre a comunidade pró-ana, é comum utilizar associações entre o excesso de peso e a sujeira. A capacidade de poluição da gordura não atinge apenas a imagem-forma corporal. A idéia de que o acúmulo da gordura do corpo é resultado do excesso alimentar e do sedentarismo também reforça a associação da gordura à noção de poluição moral, como explica Araújo (2005).

Ao contrapor a gordura e o excesso de peso à magreza e aos ossos, um conjunto de estereótipos morais é acionado, numa relação de oposição: gula, indisciplina, falta de controle, preguiça são aspectos associados a instintos animais, enquanto a idéia de controle, disciplina, cuidado liga-se à racionalidade, remetem, assim, a oposição cartesiana entre mente e corpo, relacionando a gordura à irracionalidade e aos instintos animais e a magreza à ordem racional e ao controle sobre esses instintos. Nesse sentido, o uso freqüente da figura de animais gordos como vaca, porco, baleia traduzem essa equação.

Estou comendo como uma porca gorda, prenhe e ridícula. AP

Cah estou eu de novo gorda feito uma vaca, com nojo de mim mesma, me escondendo de todo mundo..LM

Nossa, falta menos de duas semanas para voltar as aulas, e eu continuo a orca de antes. Do fim do semestre até agora só perdi 6 quilos. Preciso perder mais. Perder mais uns cinco. Eu acho que meu metabolismo está muito lerdo. Quase parando, não é possível. Estou comendo o menos possível. Às vezes nem como nada e o maldito ponteiro da balança mal se mexe.(Lac)

“Vaca gorda” é também o pseudônimo de uma das meninas do grupo, que explica a escolha do nome da seguinte forma: “a vaca e eu somos ambos animais de grande porte, o que nos diferencia é a racionalidade. Tem uma vaca dentro de mim (irracionalidade), residindo em meu corpo”. A vaca, a gordura, a carne estão associadas à irracionalidade. O personagem vaca representa o descontrole, o corpo gordo, tudo o que ela procura rejeitar.

*Eu tô fazendo tudo certo, tudo do jeito certo, e ela continua me vencendo.
Ela está lá, calada, e por um momento me fez crer que eu tinha retomado as rédeas do que era meu.
Mas ela riu de mim, se divertiu com a minha pobre ingenuidade.
Ainda posso escutar sua risada alta, gorda, gordurosa.
Sinto nojo, nojo dela, de seu tamanho, de seu poder. Nojo de mim mesma por permitir que ela continue vivendo em mim. (FatCow)*

A gordura, medida em calorias, é contabilizada em cada alimento ingerido. Por isso, a tabela de calorias é índice indispensável em uma página pró-ana, elas são copiadas de sites dedicados ao emagrecimento e também organizadas pelo próprio grupo e distribuídas em toda a rede pró-ana. É com base nas informações sobre os valores calóricos dos alimentos que organizam e descrevem sua dieta alimentar; é necessário, portanto, o cálculo minucioso e constante do consumo alimentar, no intuito de evitar os excessos calóricos e manter-se dentro dos limites impostos por suas metas. O limite recomendado nos principais sites de sustentação do grupo, baseado nas regras de Ana, é de ingestão diária de 400 calorias, apesar de existirem variações dentro do grupo, com espaço para adaptações desses valores, de acordo com decisões individuais; no entanto, o valor máximo encontrado é uma dieta de 700 calorias por dia, sendo o valor mínimo de 200 calorias.

Bem, qto as calorias eu faço contas o dia inteirooooo, e ainda fico pensando no que posso comer, em qts faltam.... (St)

Quarta-feira fiz no food. Quinta eu estava meio desesperada de fome e comi umas 3 gelatinas (cada 200ml de gelatina tem 5 kcal), mas de noite meu noivo estava comendo casadinho com cobertura de chocolate e eu comi 3. sem problemas, está tudo dentro do controle e terminei o dia com menos de 200 kca. (ND)

Esse sistema de contagem calórica diária se assemelha ao sistema de pontos utilizados pelos vigilantes do peso, não por acaso o site da empresa sempre aparece na lista de *links* dos *blogs* e *sites* da comunidade pró-ana. O programa tem como base as seguintes características:

- Cada alimento e bebida contém um valor em **Pontos**.

- Você come o que quiser, com base em sua cota diária de pontos, calculada a partir de uma tabela precisa.
- A atividade física permite que você ganhe **PontosExtras!**

Interessante notar que esse sistema de cotas, baseado nos componentes dos alimentos, é (re) apropriado pela comunidade pró-ana, visando principalmente uma redução drástica no consumo de calorias, como alertado no texto que apresenta a dieta, chamada de Dieta de Ana:

DIETA DA ANA

Essa dieta é basicamente uma reeducação alimentar, um pouquinho radical, que visa uma alimentação natural, pouco calórica e em pequena quantidade.

Consiste em seguir uma cota de calorias a serem ingeridas diariamente de modo regressivo, além de outras regras que ajudarão o seu corpo a se alimentar de uma forma menos calórica possível.¹⁴

Cota de calorias

Nesta dieta não há restrições quanto a quantidade e qualidade da comida ingerida. Você pode comer de tudo, desde que não ultrapasse sua cota de calorias diárias.

Comece com umas 1.200 kcal (o que é muito para quem já está nessa faz tempo, mas para quem está começando na Ana, essa é a quantidade indicada), e vá diminuindo gradativamente até onde o seu organismo agüentar(o que geralmente é 200 ou 300 kcal, mas se for ingerir só essa quantidade de calorias, aumente sua cota depois de algum tempo, ou o seu estilo de vida pode se tornar uma doença, anorexia no extremo, então você vai ser só pele e ossos, como uma múmia viva).

Com o tempo você vai percebendo que compensa mais você comer algo com menos calorias e poder comer mais, do que comer um pedacinho de chocolate e não poder comer mais nada depois. Assim não vai passar tanta fome, e vai acostumando a ingerir alimentos de baixa caloria.

No começo vai ser punk, mas depois você vai se acostumar e nem vai mais ter vontade de comer porcarias.

Para facilitar a contagem de calorias, faça uma tabela, onde você anota tudo que comer durante o dia, e suas respectivas calorias. Essa dieta só vai funcionar se você for sincera consigo mesma, não vai adiantar você anotar menos calorias do que você ingeriu.

Se alguma vez você ultrapassar sua cota diária de calorias, adote métodos compensatórios para se livrar pelo menos um pouco da culpa de ter comido mais do que devia. Os métodos compensatórios mais comuns são: Miar (provocar vômitos), tomar laxantes, fazer exercícios físicos, e retirar calorias da cota do dia seguinte.

¹⁴ Retirado do site <http://www.anorexics.cjb.net/>

Essa dieta, por privar muito o organismo de certas substâncias que ele precisa, muitas vezes pode levar a uma compulsão alimentar, ou seja, tome cuidado para não ter bulimia ...lembre-se: “você nunca vomita tudo o que come”, o seu organismo guarda um pouco de energia, ou seja, calorias, do que você comeu

Outros pontos importantes a serem modificados na sua reeducação alimentar:

- *Excluir de vez a gordura (tanto animal quanto vegetal), doces e carboidratos (pães, massas, etc..)*
- *Ao invés disso procurar ingerir verduras, frutas e legumes (pouco calóricos), porque contem vitaminas e mais um monte de substâncias que fazem bem ao organismo*
- *Tomar no mínimo dois litros de água por dia*
- *Estabelecer horário para a última refeição. Prefira comer durante o dia.*

Se estabelecermos um ranking, a partir das classificações do grupo estudado, entre as substâncias mais ameaçadoras, sem dúvida, a gordura e todos os alimentos que tiverem alguma ligação potencial com o seu acúmulo no corpo, se encontrarão em primeiro lugar. Nesse sentido, a contagem diária de calorias ingeridas funciona como um termômetro para avaliar e identificar as ações a serem executadas. Estabelece-se uma nova relação com a comida, não mais selecionada pelo seu sabor, mas por sua potência calórica, que, inevitavelmente, para os sujeitos pesquisados, converter-se em gordura. Tendo isso em vista, um estoque renovável de dietas, inspiradas em fontes legítimas ao julgamento social (revistas, programas de emagrecimento, sites de dietas), são disponibilizadas nas páginas virtuais do grupo.

Notavelmente, as chamadas “medidas compensatórias”, como expostas na citação anterior, possuem o poder apenas de atenuar uma ingestão indevida, e não eliminá-la por completo, por isso, encontram-se em posição hierarquicamente inferior em relação à dieta, à privação e à restrição alimentar, comportamentos realmente indicados a uma Ana.

2.6 Uma pró-ana de verdade nunca deverá ultrapassar o limite máximo de 400 kcal por dia sem se punir.

De acordo com essa regra, quando há um excesso na ingestão calórica deve-se expiar a culpa e evitar as conseqüências desse excesso. Uma outra medida compensatória bastante utilizada pelos sujeitos pesquisados é “queimar” a comida através de exercícios físicos. A

prática de exercícios físicos se tornou, nas últimas décadas, um importante recurso utilizado no contexto geral de cuidados com o corpo. De uma forma geral, exercícios físicos são encarados como promotores de saúde, seus benefícios são massivamente divulgados pelos meios de comunicação, com respaldo técnico-científico. De fato, entre as técnicas de cuidados de si, os exercícios físicos assumem um papel preponderante, sendo recomendados e legitimados por uma série de especialistas das mais diversas áreas de atuação, cujos benefícios enumerados aumentam cada dia mais. No contexto pró-anorexia, a prática de exercícios tem como finalidade primeira a perda e a manutenção do peso; junto com a purgação, a prática de exercícios constitui um mecanismo de compensação muito utilizado no grupo. Como podemos constatar na fala seguinte:

Hj eu comi: 3 torradas integrais, 1 café com leite com adoçante, 1 cx de bala diet, meia caixa de morangos e 4 biscoitos integrais...meu que vergonha, não foi isso que programei...nem vou contar as calorias disso tudo pra não cair pra trás... mas como reclamar não me leva a lugar nenhum, mas tarde tem penitência...abdominais até não agüentar mais...uns 300 no mínimo e ainda vou ficar pulando feito uma doida até sentir essa comida se dissolvendo.(Lady_Lina)

Com esse fim, circula também na rede pró-ana uma tabela de gasto calórico para cada tipo de atividade física.

Esporte	Gasto calórico por minuto
Balé	8 cal
Basquete	10 cal
Boxe	11 cal
Caminhada	5,5 cal
Capoeira	12 cal
Ciclismo	6 cal
Esqui Aquático	11 cal
Esqui na neve	7,5 cal
Futebol	9 cal
Ginástica aeróbica	6 cal
Ginástica olímpica	6 cal
Golfe	3 cal
Handebol	10 cal
Hidroginástica	6 cal
Jiu-jitsu	12 cal

Musculação	5 cal
Natação	9 cal
Remo	11 cal
Squash	13 cal
Surfe	8 cal
Tênis	8 cal
Vôlei	6 cal
Windsurf	7 cal

Quanto mais apetitosa a comida, mais perigosa ela é; essa é uma afirmativa recorrente entre o grupo. O perigo vem justamente da capacidade de sedução da comida, de levar à perda de controle sobre o apetite. Além da aversão à gordura como substância poluidora principal do corpo, doces e massas são também grandes vilões no rol das comidas que trazem prejuízos à imagem corporal, justamente pela relação entre essas substâncias, açúcares e carboidratos, com o prazer. Os relatos de consumo de doces em geral, principalmente chocolate, assim como alimentos ricos em carboidratos e gordura geram sentimentos ambíguos de deleite e culpa, como no trecho a seguir:

Minha vontade era jogar as dietas no lixo...poder entrar no supermercado e olhar as coisas gostosas... e proibidas...como se o simples fato de olhar fizesse os ponteiros da balança subir: Proibido...tudo é proibido...nada de açúcar...gordura nem pensar...carboidratos? o que é isso?

O que eu posso comer... não sobra muita coisa...trite...necessário? Ok eu admito...eu preciso ficar magra...o preço? Ainda vou pagar mais...abdominais sem fim...corridas com o cachorro às 5:30 da manhã...legal? Eu queria dormir...queira sentir...queria ser...queria poder...(Lili)

Notadamente, as medidas compensatórias, apesar de serem aliadas úteis e sempre recorrentes na luta pelo controle e perda de peso, são encaradas como recursos paliativos, e representam, em última instância, um fracasso em relação aos desígnios de Ana, pois servem para redimir e minimizar o efeito de uma ingestão indevida, de uma ação poluidora e até pecaminosa. São técnicas que expressam a falha, a falta de controle sobre corpo e sobre si mesmas.

2.7 Da carne e dos ossos

“A carne é fraca”, expressão comumente utilizada quando se pretende justificar uma falha moral, principalmente ligada ao fato de ceder a algum tipo de desejo “proibido”, em circunstâncias as mais diversas. A culpa, portanto, é da carne, ou seja, do corpo físico, como dimensão alienada de nossa existência. O pecado é sempre da carne, na tradição judaico-cristã ela aparece ligada à sexualidade, à luxúria e à licenciosidade. Na eterna batalha espírito x carne, esta última sempre impulsiona para baixo, ela tende ao fracasso, à falta de controle. Enquanto o espírito impulsiona para cima, para a vitória. “*Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito milita contra a carne*” Gl 5: 17. Brumberg (1997), em trabalho sobre a anorexia e as práticas alimentares da Era Vitoriana, demonstra que a carne, naquele contexto, era considerada uma fonte de estímulos para a produção de sangue (a menarca), de gordura e de paixões.

Doctors and patients shared a common conception of meat as a food that stimulated sexual development and activity...Meat eating in excess was linked to adolescent insanity and nymphomania (BRUMBERG, 1997: 166)¹⁵

Aqui temos uma associação entre carne, sexualidade e gênero, que fez com que o hábito de evitar a ingestão de carne animal se tornasse um padrão de comportamento estético e moral. Assim como a carne, os temperos e as comidas condimentadas eram indicados apenas para os homens, enquanto, para as mulheres, eram indicados alimentos leves, suaves e líquidos. Nesse contexto, o hábito de evitar comer carne estava ligado tanto a noções de sexualidade e decoro, quanto a concepções médicas sobre a fragilidade e delicadeza do aparelho digestivo feminino. O culto à fragilidade feminina em sua relação com as práticas alimentares, a construção dos corpos e da moral é recorrente em períodos diferentes da história ocidental.

A “carne vermelha” (de boi, porco e carneiro), diversas vezes classificada como uma ameaça à saúde, por ser mais gordurosa e, portanto, ter maior probabilidade de estimular o acúmulo de gordura no organismo, está em oposição à carne branca (de frango e peixe); os dois tipos de carne se diferenciam em suas propriedades poluentes, sendo classificadas como

¹⁵ Doutores e pacientes compartilharam de uma concepção comum da carne como uma comida que estimula o desenvolvimento e a atividade sexual...Comer carne em excesso estava ligado a insanidade e ninfomania adolescentes. (tradução minha)

carnes magras e carnes gordas. As dietas voltadas ao emagrecimento costumam recomendar pelo menos uma abstinência parcial da carne vermelha, dando preferência ao consumo de carne branca, considerada menos calórica e, assim, menos poluente. Douglas (1966) estudando o tabu sobre o consumo de carne animal segundo os textos bíblicos, particularmente o Levítico, cita uma interpretação das leis dietéticas proclamadas por Moisés, que atribui à carne rica em gordura os desejos incontroláveis, o apetite do corpo que polui o espírito.:

O legislador proibia rigorosamente todos os animais da terra, mar ou ar cuja carne é mais fina e gordurosa, como a de porco e do peixe sem escamas, sabendo que elas representam uma armadilha para o mais escravizador dos sentidos, o paladar, e que elas produzem glotonaria (1966:60)

Sahlins (1976) utiliza a metáfora do canibalismo para explicar a classificação das espécies comestíveis e espécies tabus, relacionando a “comestibilidade com a aproximação com a humanidade”, ou seja, espécies que se relacionam com algum tipo de característica humana não são indicadas ao consumo, pois entraria em choque com a proibição ao canibalismo. Entre os argumentos comumente utilizados na defesa da abstinência de carne animal, como no vegetarianismo e no veganismo, encontramos uma aproximação com a metáfora do canibalismo de Sahlins, a partir da preocupação com o tratamento dado aos animais, propondo-se rever o estatuto moral desses seres, comparando-os aos seres humanos. No contexto etnográfico da anorexia, é comum encontrarmos argumentos de base ideológica em defesa da abstinência de carne relacionada ao sofrimento dos animais. Em um dos principais sites de apoio do grupo estudado, há algumas orientações sobre condutas vegetarianas e vegans:

Optar pelo vegetarianismo é uma ótima opção para as pró-anas, pois com isso podemos reduzir notavelmente o nosso peso, sem falar em como é saudável essa opção.

Esclarecimentos gerais:

Veganismo pode ser definido como um estilo de vida que procura excluir tanto quanto possível todas as formas de exploração animal, seja para alimentação, roupas ou qualquer outro propósito

Como vegan, sua opção alimentar tem impactos imensos: a preservação dos recursos naturais, vigorosa proteção da saúde e redução dramática da dor e do sofrimento dos animais.

Adotar esse estilo de vida, além de ser muito saudável, possibilita uma redução notável em nosso peso por extinguir todos os derivados de leite, todas as carnes, entre outros produtos, auxiliando nosso processo de emagrecimento.

Contudo, apesar da argumentação relativa ao sofrimento dos animais, ela não constitui a principal razão para se recomendar o não consumo da carne; duas outras motivações se sobressaem no discurso: a saúde e a possibilidade de emagrecimento. A carne, em especial a vermelha, é considerada um elemento poluidor dos mais poderosos, carregada de simbolismos de impureza, aquilo que “apodrece”, alimento “pesado”, “gorduroso”. Alicerçado em um discurso técnico-científico sempre presente nos argumentos do grupo, essas características tornariam sua ingestão imprópria e poluidora do organismo.

Na minha opinião, as pessoas prestam pouquíssima atenção no q ingerem. Assim é fácil engolir sem culpa um pedaço de carne q já foi viva, negligenciando que aquilo está em estado de putrefação e que continuará o caminho natural da morte dentro do seu organismo.(Dualidade)

Eles dizem que estão preocupados comigo, com a minha saúde, mas tudo o que eles querem é me controlar. Eles querem me forçar a comer com mentiras, com aquilo que eles chamam de amor. Como uma prisioneira, por todos os lados. Tudo o que eu tenho é o poder para recusar.

Eu como normalmente o necessário para sobreviver. Não posso fazer nada se vivemos em uma sociedade cheia de porcos onde se entupir de comida é normal. E todos comem exageradamente. Para mim comida interessa apenas para me fazer ver, o quão pouco eu preciso delas, o quão forte eu sou e o quanto eu posso resistir a ela.(Neti)

A carne é perecível, não apenas aquela que nos alimenta, mas também a que embala nossos corpos. Como afirma Mary Douglas (1996): a reflexão sobre a sujeira está envolvida com a relação entre a ordem e a desordem, ser e não ser, forma e não-forma, vida e morte. A partir do princípio da pureza dos animais utilizado pela autora, são consideradas impuras as espécies que não são membros perfeitos de sua própria classe. Considero que a busca por perfeição corporal, manifestada pelo grupo estudado, é coincidente com a encontrada nas revistas femininas que apresentam manchetes do tipo: “*Como ter um corpo perfeito?*”. E está associada a conceitos de unidade e pureza, tal como sugere a análise do tabu animal, feita por Douglas. São puros os corpos que se encaixam no padrão culturalmente estabelecido de perfeição: magros, jovens, torneados, rijos. Numa relação de oposição, a carne é efêmera, enquanto o espírito é eterno. Podemos estender essa mesma relação de oposição aos ossos,

elementos mais próximos do espírito do que do corpo. Para Ana, os ossos representam a essência, a ordem e a pureza, eles não apodrecem como a carne. Como declara as narrativas e a imagem seguintes:

“Um dia serei magra. Somente ossos, nada de carne. Somente minha pura e clara alma. É disso afinal que somos feitas, todo resto é depósito inútil e desnecessário” (Anacocalight)

“Gordos precisam de comida para o corpo, magros precisam de Ana para a alma”.(frase encontrada em diversos blogs contemplados na pesquisa)



Weber (1987), em sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, relaciona o que ele chama de asceticismo racional à idéia de utilidade, constatando a repugnância em relação a qualquer comportamento que não tivesse, por assim dizer, uma finalidade racional: que não estivesse ligado “ao restabelecimento necessário à eficiência do corpo”(1987: 120). Gestos e atitudes que suscitavam apenas o prazer e a diversão eram estritamente condenados. A ascese orienta todo seu vigor principalmente contra uma atitude: a de desfrutar espontaneamente a vida e tudo que ela tem para nos oferecer (WEBER, 1987: 119). Na cultura judaico-cristã, a carne simbolicamente se opõe à razão e é associada à idéia de prazer e de luxúria. A magreza buscada pelas anoréxicas anuncia a abnegação do desejo e do prazer irracional e exige muito esforço, dedicação e disciplina - expressões de uma orientação racional do corpo.

Essa ênfase no esforço e disciplina ascética pode ser constatada em relação aos músculos que, embora sejam carne, são classificados, no contexto pró-anorexia, como um

tipo de carne superior. Através de sua rigidez, aproximam-se também do espírito. A dureza dos músculos representa o cultivo da carne através da disciplina e do exercício - um tipo de carne cultivada e elaborada pela vontade racional do espírito (ARAÚJO, 2004:19). Contudo, uma pró-ana, na verdade, almeja livrar-se da incômoda espessura da carne, cultivada ou não. De fato, o modelo de corpo feminino anoréxico é diferente de outros modelos concorrentes mais musculosos e definidos, embora estejam atrelados, da mesma maneira, ao ideal da não-gordura

Como já foi dito anteriormente, na Era Vitoriana, a carne animal representava um estímulo à produção de sangue e de gordura, assim como da paixão. Neste sentido, a ingestão de carne por parte de adolescentes aceleraria o desenvolvimento das características sexuais, como volume dos seios e quadris, assim como o aumento do fluxo menstrual. A ingestão excessiva de carne era constantemente relacionada à insanidade e à ninfomania, em adolescentes (BRUMBERG, 1997: 166). Evitar o consumo de carne se tornou, nessa época, um padrão de comportamento de jovens mulheres, face ao seu significado, evocando noções culturais de sexualidade e decoro, bem como conceitos médicos sobre a suposta delicadeza do aparelho digestivo feminino.

O apetite, como parâmetro de sexualidade, constituiu, na Inglaterra Vitoriana, um objeto privilegiado de controle das mães sobre suas filhas adolescentes. A mãe estava incumbida de treinar o apetite da filha para que exibisse a mais alta sensibilidade moral e estética. A pimenta e o vinagre eram considerados alimentos inflamáveis; alimentos condimentados favoreceriam certo tumulto entre as adolescentes e deveriam ser estritamente proibidos por suas mães. Esse cuidado deveria ser estendido ainda ao café, chocolate, comidas salgadas e, sem dúvida, ao álcool, alimentos que estimulariam a natureza sensual e não moral das adolescentes (BRUMBERG, 1997: 166).

Em sua análise sobre as abominações do Levítico, Mary Douglas menciona que a carne gordurosa é perigosa, porque incita o paladar e conduz à glotonaria. Por conseguinte, a comida desperta medo, porque se conecta à glotonaria e à feiúra. Brumberg (1997) cita um livro publicado em 1875, intitulado *“Health Fragments; or, Steps toward a True Life”*, no qual as mulheres são aconselhadas a ser cautelosas com o que comem e em que quantidades, pois, conforme explicam os autores: “Coarse, gross, and gluttonous habits of life degrade the physical appearance. You will rarely be disappointed in supposing that a lucid, self-respectful

lady is very careful of the food which forms her body and tints her cheeks”¹⁶ (Brumberg, 1997: 168). A indulgência em relação à comida era considerada um emblema de descontrole e até mesmo como signo de agressão social. Uma mulher que consumisse carne assumiria uma prerrogativa masculina, confundindo a ordem tradicional.

Assistir o afloramento dos ossos no corpo representa uma conquista ímpar para uma Ana. Representa o sucesso de sua disciplina, do auto-controle, da submissão da carne à vontade do espírito (mente). A análise empreendida por Araújo (2005), no contexto dos transtornos alimentares, revela que a oposição entre ossos e gordura também é reforçada pela idéia da consistência – a gordura é mole, volumosa e viscosa, enquanto os ossos são duros e secos. Esses atributos de consistência, por sua vez, estão ligados àquela série de características morais mencionadas anteriormente: a moleza, o volume e a viscosidade estão relacionados à idéia de corpo, de matéria, de preguiça e de gula. Enquanto a dureza e a secura dos ossos estão ligadas às idéias de mente, de disciplina, de controle e de imaterialidade.

Os ossos no corpo de uma Ana simbolizam a estrutura fixa, correta, aquela parte do corpo que não está sujeita aos estereótipos de beleza ou feiúra. A visibilidade dos ossos aproxima os sujeitos pesquisados de seu ideal de perfeição, por isso seu afloramento é relatado com muito entusiasmo. São exibidos como um troféu, recompensa para um trabalho árduo sobre si mesmo e sobre o corpo, resultado de uma pedagogia implícita num processo de redefinição do corpo e do *self*.

Minhas clavículas foram os primeiros ossos a aparecerem. Estão enormes! Em seguida, ossos onde eu nem imaginava: mãos e pés (nos pés foi útil demais! Como sou muito alta, calço 39. É difícil achar sapatos bonitos nº 39. Vocês acreditam q, emagrecendo 28Kg eu diminuí o pé??? Tinha gordura no pé!!!hehehe agora calço nº 38, mas meus sapatos antigos não me causam incômodo). Depois disso, vieram ossos nas costas e joelhos (não consigo mais dormir de lado com um joelho em cima do outro. Isso é uma coisa q a Laura tinha dito quando veio para cá e eu achei engraçado. Agora eu tenho q colocar um travesseiro entre os joelhos!!! hehehe) e a coluna começou a aparecer quando eu me encurvava um pouquinho.

O culto à magreza, a uma minimalização da carne, parece aproximar os sujeitos de sua essência, da pureza de Ana. Ao mesmo tempo, a gordura é um tipo de interferência na

¹⁶ Os hábitos grosseiros, brutos e glutões da vida degradam a aparência física. Você raramente ficará desapontado supondo que uma lúcida e respeitosa senhora é muito cuidadosa com a comida que forma seu corpo e a cor da sua face. (Tradução minha)

simetria corporal, na organização e na limpeza das formas. A carne, a gordura, o excesso são impuros, sendo sua ingestão uma forma de transgressão, por isso deve ser disciplinada. A sacralidade da Ana está em sua pureza, em sua disciplina, ela é perfeita é “*somente ossos*”. Ela personifica o desejo pela transcendência da carne. Deseja livrar-se de todo vínculo com a materialidade orgânica. A anoréxica testa, dessa forma, a plasticidade de seu corpo e instrumentaliza-o em favor de realizar-se no alcance máximo da abstinência, rompendo com as necessidades da carne.

2.8 Estratégias de manipulação dos desejos: o uso de inibidores de apetite

O uso de medicamentos para emagrecer é uma prática recorrente no Brasil, agravada pela facilidade de obter esses medicamentos no mercado negro e em farmácias, mesmo sem receita médica. De fato, o relatório das Nações Unidas, responsável pela fiscalização e controle mundial de drogas, revela que o Brasil ocupa o posto de campeão no uso de medicamentos para emagrecer. No grupo pesquisado é bastante comum encontrar pessoas oferecendo produtos voltados para o emagrecimento, inclusive inibidores de apetite, que requerem prescrição médica. A rede de relacionamentos orkut tem uma comunidade intitulada: “Inibex, Dualid e Desobesi”, todos medicamentos dietéticos; trata-se de uma comunidade formada por “*adeptos e simpatizantes*” desses medicamentos, com um total de 816 membros cadastrados. Vale ressaltar que não se trata de uma comunidade pró-ana, apesar de muitos membros assim se definirem. É uma comunidade bem heterogênea, homens e mulheres de faixas etárias diferentes, e que não necessariamente se identificam com a causa pró-ana.

Entre as estratégias de emagrecimento utilizadas pela comunidade pró-ana, o recurso aos medicamentos, principalmente os inibidores e moderadores de apetite, é muito recorrente. Apesar disso, o consumo desses medicamentos, não obstante constituir prática bastante comum entre o grupo, não é muito bem visto, pois sugere uma falta de capacidade de controle sobre o corpo, indigna para uma pró-ana. A relação de dependência ao medicamento remete ao fracasso na tarefa de gerir e impor-se ao seu corpo. No entanto, este

ponto de vista não é unânime e algumas consideram a ingestão de medicamentos um importante método para auxiliar na perda de peso, que seria o objetivo central. Mas, ainda assim, seu consumo é um indicador de fracasso. Nesse sentido, as narrativas abaixo, assim como a imagem de uma campanha lançada na rede pró-ana, apontam para relações conflituosas e contraditórias em relação ao uso de inibidores:



Olha, sinceramente, tecnologia e conhecimento devem ser aproveitados, sempre visando meu conforto. Esse é meu lema! Ora, pq então não tomar uns comprimidos num momento de fraqueza e ter uma redução de estômago grátis? Poisé, cansei daquele papo de me controlar sem as anfet. Vou emagrecer tudo o q quero, tomando cuidado para não viciar e nunca mais conseguir largar, e quando estiver perfeitinha, magérrima e elegantérrima, tento me controlar. Agora não é a hora. (N)

Nem sei como começar a falar a quantidade de porcarias que tenho feito. Que droga! Acabou o meu remédio e começou a minha desgraça. Nossa, não acredito! Não sou nada sem esse bendito remedinho. Incrível! Viro uma pessoa idiota, não tenho força de vontade. Sou uma fraca mesmo.

Achei que eu ia conseguir me controlar. Que nada. Vou mudar o nome desse blog pra "Diário de uma viciada". Sopa melhor quando eu tomo o remédio. Tenho vontade de fazer alguma coisa na vida porque me sinto livre, leve e sem culpas. (A.P)

estou conseguindo me manter nas 200Kcal por dia, sob controle. E o mais legal: SEM O FEMPROPOREX!!!! Ou seja, não estou viciada em moderador de apetite (não deu nem ansiedade não tomá-lo!), além de comer pouco quando estou sem ele! (ND)

Em seus princípios ideológicos, o movimento pró-ana rejeita a falta de controle e a dependência, postura e conduta que o uso dos inibidores simboliza. Ao contrário de outras técnicas utilizadas para burlar o apetite e a sensação de fome, como: a ingestão de água em grande quantidade, escovar os dentes antes das refeições, mastigar a comida muitas vezes (a

orientação é de, no mínimo, 80 vezes), mascar chicletes dietéticos, praticar alguma atividade para esquecer a fome, ou simplesmente ficar na posição fetal, para diminuir a dor provocada pela fome. Ao que parece, essas condutas são mais naturais e sugerem um nível de ação dos sujeitos que não é possível com o uso de inibidores, cuja eficácia e mérito passam a não ser uma exclusividade do sujeito e da ação da Ana em suas vidas. Essa prerrogativa reforça a interpretação de uma noção de *self* que encontra sua máxima expressão no controle e nas práticas de agenciamento.

2.9 O cálculo

O cálculo constante da quantidade de alimentos ingeridos, dos elementos que o compõem, calorias, nutrientes, carboidratos, os valores protéicos, a tabela e um programa de contagem de calorias, a pesagem rotineira, as medidas do busto, quadril, cintura, o caderninho com anotações detalhadas sobre tudo o que foi consumido a cada dia, os planos e metas estabelecidos e calculados de acordo com o prazo a ser cumprido. Todas essas práticas apontam para uma economia corporal pautada no cálculo e gestão racionalizada do corpo. A experiência é medida em números, aferidos por tabelas e calculadoras. Para isso, não faltam referências em revistas especializadas em saúde, nutrição, beleza e boa-forma física, e outras tantas que, apesar de não serem especializadas em cuidados com o corpo, trazem as receitas mais novas para controle e perda de peso. Nas revistas voltadas para o público feminino, em particular, é praticamente uma matéria obrigatória. Respaldados em informações técnicas o cálculo do índice de massa corporal (IMC), a contagem de calorias, os índices de nutrientes necessários ao corpo penetram o dia-a-dia das pessoas através dos mais variados meios de comunicação. O conhecimento e o acesso às informações transformaram indivíduos comuns em *experts* sobre o metabolismo, o gasto de energia, o processo digestivo, a probabilidade de desenvolvimento de patologias, etc.

As medidas de peso, altura, cintura, quadris, busto, índice de massa ou gordura corporal tornam-se legendas que aludem a sentimentos de vergonha, fracasso, desespero, prazer, satisfação, êxtase, melancolia, euforia, entre outros. Os relatos costumam integrar o cardápio do dia, com sentimentos relacionados ao sacrifício, à superação, fracasso e vitória, tornando visível a sustentação das práticas pelo discurso do grupo. Planos, metas, cálculos e objetivos são expressões usadas para guiar o comportamento das meninas, que se respaldam em práticas racionalizadas de gestão do corpo.

“Ok, voltando ao meu cardápio, 2 comprimidos de CENTRUM (o excesso de vitaminas não será prejudicial, embora não seja recomendado), gelatina light (5Kcal por porção), coca light, clight, e uma clara de ovo cozido (tenho medo do potássio - 16Kcal). Por dia terei, mais ou menos, 50 Kcal. Nisso eu emagreço uns 600gr por dia. Se eu manter esse ritmo de emagrecimento e não tiver nenhuma compulsão, em 39 dias eu estarei com 55Kg.... Quero fazer 5 dias assim e poder tomar uma taça de vinho sem peso na consciência. Depois voltar ao meu esquema de Starvation. Quero poder comer uma fatia de pizza no aniversário de algum amigo sem isso ser um problema horroroso. E então voltar ao esquema de Starvation. Eu quero ter o direito de dizer: "Boa menina! Seguiu direitinho a semana inteira! Vai ganhar um crepe de nutella no final de semana!" e isso não ser uma compulsão, ser controlado, estar dentro do plano. O controle me dirá o q é suficiente”.D.

“Hoje, comi uma tigelinha de legumes com maionese light e 3 biscoitos cream cracker, podem dizer, eu sei que sou uma fracassada, deve ter dado umas 300 calorias ou mais.... Ainda bem que as férias chegaram, vou poder me exercitar mais. Quero voltar às aulas o mais magra possível, assim não vou ser mais humilhada.... Bem e sobre a minha meta de 50kg até o final de junho... eu achei melhor repensar e dessa vez pegar mais pesado na dieta. Agora minha nova meta é 49 até o final de Julho, acho que estou com 53kg, então terei que perder 4kg” Ana B.

Fazem 50H de jejum, 2 dias e 2 horas de no food. Amanhã tenho uma FESTA DE ANIVERSÁRIO EM FAMÍLIA!!!! Vou ter q quebrar o no food e estou até com medo. Mas já planejei tudo, para não me acusar de traição da Ana: Vou levantar e não vou tomar café-da-manhã. Vou almoçar bem pouco (para poder ir para a academia e não cair de cara na esteira hehehe), só folhas e um terço de porção de frango. Depois do almoço vou fazer 2 horas de esteira e o circuito da musculação (estou emagrecendo muito rápido e fico toda flácida, só o ferro resolve!), depois faço aeróbica e volto para casa, tomo o banho e vou para a festinha. Minha prima acabou de ter um filho e engordou um pouquinho (pior é q é cesária e nem dá para fazer abdominal), então combinamos de ficar na coca light! Não vai fazer mal quebrar o no food! Mas vou tentar miar o bolo (q eu vou ter q comer, né?) e o q mais eu comer de fachada...(NN)

Há todo um processo de dominação dos apetites via gerenciamento das emoções. De modo semelhante aos pugilistas investigados por Wacquant (2002), o grupo em questão revela uma relação com o corpo que proporciona a interiorização de dispositivos inseparavelmente mentais e corporais, um aperfeiçoamento do corpo e do espírito.

“Já olharam meu peso atualizado ali do lado? Poisé! Eu ESTAVA encalhada na perda de peso, não mais estou! 30 kg perdidos, agora.. E voltei a emagrecer definitivamente, né? Isso q é o melhor! Estou enrolando para fazer aquele no food de 40 dias q a se empolgou junto comigo... mas amanhã eu já começo a reduzir o q como. O q a falou nos comentários do post anterior é verdade, não posso contar q seja um emagrecimento uniforme. É aquele velho lance: o kilo seguinte é sempre mais difícil de perder q o anterior... Mas acho q seria um exercício legal de auto conhecimento e teste de limites, e todas vcs sabem o tanto q eu amo essas coisas. Por isso, ainda quero tentar esse no food grandão. Mas

sem meta de peso. Só ficar o máximo q eu conseguir (meu recorde é 10, mas nunca mais consegui passar de 6 ou 7). “

Testar os limites do corpo é testar sua própria capacidade de superação. Não se reduz à modelação do corpo em si, mas ao exercício do poder sobre a maquinaria corpo-mente. A busca por sensações desagradáveis está no sentimento de superação: frio e fome são exemplos. O importante parece ser a sensação de poder e controle que essa superação contém em si mesma.

O grau de poluição (DOUGLAS, 1970) do corpo através da comida é avaliado não apenas pela quantidade e qualidade dos alimentos ingeridos, mas, principalmente, pelo ganho de peso e/ou pelo volume da forma corporal.

“Não estou perdendo muito peso, mas estou afinando impressionantemente. A balança marca o mesmo mas as calças caem. Minhas blusas estão ridículas de tão frochas.... parece que o defunto de quem eu as roubei era maior que eu. A única explicação para esse bizonho fato é o ganho de massa muscular... YES!!! A barrigona molenga vai virar uma tela para expor meus ossinhos, logo logo, barriga durinha e ossuda! Hehehehe”.

“Abusei tanto nesses dias, que acho que devo ter engordado horrores, sei disso por que minha barroga ta maior que o normal e meu quadril e minha cintura aumentaram, de 94cm e 64cm agora estão com um centímetro a mais. Não quero isso para o resto da minha vida, então resolvi voltar, e tentar recomeçar do zero”. (S.T)

Mais um ano tá começando e mais uma vez vem aquela vontade de lutar contra meu próprio corpo para tentar transformá-lo no corpo que eu almejo. Comecei o ano me pesando (45,8 Kg), dá para perceber que eu engordei horrores né? Mas vou me esforçar mais, muito mais.

*Na última vez que postei, disse que ia começar a tomar INIBEX mas não consegui...não tive coragem de seguir em frente. Atualmente, estou passando por uma fase boa (apesar dos váááários problemas), ao menos não estou me sentindo deprê... **MAS SEI QUE NÃO DEVO FICAR MUITO FELIZ, AFINAL,** tenho uma batalha pela frente...emagrecer!!! Estou com uma nova dieta agora...e estou conseguindo comer pouco, muito pouco...melhor seria ficar sem comer mas isso não funciona comigo!! (SB)*

A idéia de controle sobre a alimentação, através de diário alimentar, é uma estratégia recomendada em sites dedicados ao emagrecimento saudável. Assim como no exemplo abaixo, estimula-se a descrição minuciosa não apenas do que comeu durante o dia, como também, a descrição dos sentimentos e sensações relacionados com a ingestão de alimentos.

Controle Alimentar

Os Segredos do Diário

Registrar o que você come pode ser decisivo para garantir que os quilos extras desapareçam de vez

Pode parecer brincadeira, mas a verdade é que funciona: adaptar o velho diário da época de adolescente ao dia-a-dia da nossa alimentação é um método que costuma render ótimos resultados no combate aos quilinhos extras. A eficácia do sistema já pode ser comprovada na prática por centenas de ex-gordinhas, e grandes especialistas na área de dieta o recomendam com entusiasmo. O diário alimentar ajuda a perceber e corrigir equívocos que muitas vezes passariam despercebidos. Ou seja, ao registrar em detalhes o que come, assim como a atitude diante da comida, a pessoa fica mais atenta, e esse é o primeiro passo para se livrar de maus hábitos como ficar em jejum por muitas horas e depois aplacar a fome de leão exagerando na quantidade de comida, por exemplo.¹⁷

Embora fazer o registro do cardápio e do valor calórico dos alimentos sirva para controlar o que e quando comemos, os especialistas afirmam que não é aconselhável fixar-se apenas na contagem de calorias ou pontos da dieta, e que o diário vai trazer melhores resultados se também incluir dados sobre a atitude da pessoa diante da comida. O local onde você almoça; o fato de comer sozinha ou acompanhada; se foi à geladeira por fome ou por impulso; se ficou sentada à mastigação ou não; todas essas informações paralelas podem revelar muito sobre a maneira como você se relaciona com os alimentos e consigo mesma. Anotações sobre o comportamento alimentar permitem que a pessoa identifique as situações que despertam maior compulsão pela comida e passe a dominá-las. Nesse sentido, o diário é um meio excelente para o autoconhecimento, porque envolve detalhes importantes que a pessoa costuma ignorar.

Confira os aspectos que merecem registro e que vão ajudá-la a enxugar os excessos:

-Quando bater a vontade de comer aquela fatia de torta, anote se você sentiu fome mesmo ou algum outro tipo de impulso - carência, ansiedade, ou se comeu só para acompanhar um amigo, por exemplo.

-Incrível, mas tem gente que come mais quando está de pé, diante das panelas, do que quando senta à mesa de refeições, por isso descrever tais comportamentos é revelador.

-Quando você come mais? Depois de algumas semanas as anotações vão mostrar a verdade...

-Qual o horário do dia em que a compulsão é maior? Registre as idas à cozinha, os ataques à geladeira e evite-as com uma volta no quarteirão ou vários copos d'água.

¹⁷[http:// www.modelle.com.br](http://www.modelle.com.br)

- Indique se você se concentra no paladar e na mastigação de cada bocado do alimento ou se, ao contrário, come no "piloto automático" engolindo tudo sem prestar a menor atenção.

-Identifique o momento em que se sentiu saciada durante a refeição - quando passou a fome mas você continuou comendo até o estômago ficar estufado. Escreva para mudar.

-Quando tempo você leva para fazer cada refeição? Os especialistas recomendam no mínimo 20 minutos, que é o tempo que a sensação de saciedade leva para se manifestar. Se você almoça correndo, certamente está comendo mais do que precisa.

-Anote quando um alimento ocasiona sensação de prazer. Você vai se deparar com o fato de que muito do desejo pelo "macarrão" ou pela "margarina" não tem a ver com fome, mas com propagandas marteladas pela mídia, tais como o "macarrão da mamma" ou "margarina da manhã feliz".

O conhecimento sobre o funcionamento do corpo é requisito fundamental para uma pró-ana, esse tipo de informação é facilmente obtido em veículos de comunicação. Apesar da recomendação de que se deve evitar dietas de baixas calorias, a idéia de que variar a quantidade de calorias da dieta evita a desaceleração do metabolismo é legitimada por profissionais de saúde. A dieta 2468, criada por uma pró-ana e amplamente divulgada no grupo, apesar de se basear em um baixo consumo de calorias, não foge da lógica defendida por alguns profissionais de saúde.

A“*DIETA 2468*

No primeiro dia, você só pode ingerir 200 calorias.

No segundo dia, você só pode ingerir 400 calorias.

No terceiro dia, você só pode ingerir 600 calorias.

No quarto dia, você só pode ingerir 800 calorias.

Depois, você começa tudo novamente.

(...)Quando você fica muito tempo sem comer, o seu metabolismo desacelera, e você vai perder peso mais devagar. Com essa dieta, o seu metabolismo vai sempre sendo estimulado. E principalmente quando você passa de 800 para 200 calorias, você vai perder bastante peso, pois seu metabolismo vai estar esperando muito, e não vai ter quase nada.”

O sistema simbólico revelado através da análise das práticas corporais da comunidade pró-ana pode ser dividido em duas estruturas principais que ordenam o seu discurso: a primeiro, que mescla elementos sagrados e profanos com idéias de contaminação, sujeira, poluição que, por sua vez, estão subordinadas a categorias de pureza e perigo. A segunda estrutura relaciona-se a questões de natureza e cultura: associando a gordura ao animalesco, e tornando o desejo de comer uma ameaça à ordem racional. Contudo, mesmo esta dicotomia estrutural está submetida a uma outra anterior e ordenadora: pureza e perigo. Notando que, ao lado da discussão desta simbologia, emerge uma economia das emoções, para a qual Douglas chama a atenção quando afirma que a quebra de uma norma social acompanha sentimentos de nojo, medo e culpa. Elias (1993) fez observações sobre o papel das emoções, como a vergonha, na consolidação de normas sociais no mundo ocidental. Douglas (1973) considera o corpo como meio de expressão, o reflexo do controle operado pelo sistema social sobre o indivíduo. Ele é, assim, o resultado da interação do corpo físico com o corpo social. Dessa forma, torna-se fundamental entender como, numa dada cultura ou grupo social, se compreende, conhece, controla e modela o corpo.

Capítulo 3: Entre práticas e discursos

Entre práticas e discursos, é assim que se localiza o corpo, em meio a esse emaranhado de questionamentos possíveis diante das mais corriqueiras ações. Lugar em que imagens, ideologias, discursos e práticas imprimem suas marcas. Como afirma Bourdieu (1983), a cultura “se faz no corpo”. O que supõe que ele (o corpo) está envolvido em relações de poder, ou, como aponta Wacquant (2002), em jogos de poder, que se exercem não apenas na sua superfície, mas também em suas entranhas, em suas dores, prazeres, desejos, necessidades e funções. Um corpo moldado pela cultura que, através de uma linguagem carnal, reforça e reproduz as relações de poder que o sustentam.

Mas o poder não é apenas uma força coercitiva, que forçosamente implica a passividade de um objeto, mas também, uma força constitutiva, no sentido de atuar ao nível do desejo, na produção de desejos e símbolos, os quais modelam, reprimem e incitam comportamentos. Da mesma forma há de se reconhecer uma outra faceta do poder, sua força produtiva, a qual permite a criação de estratégias de convivência e resistência que nascem, justamente, no interior das relações de poder.

3.1. O primeiro eixo: Corpo e gênero

O recorte de gênero é, sem dúvida, uma das características mais marcantes no que se refere à epidemiologia da anorexia nervosa. Como fenômeno superlativamente feminino, a anorexia, junto à bulimia e à histeria, têm sido exploradas a partir da relação complexa entre mulher, feminilidade e imagem corporal (BORDO, 1997; CHERNIN, 1983; ORBACH, 1978; BRUCH, 1997). A ligação entre ideais culturais e expectativas sobre a mulher e a imagem de seu corpo aparece refletida na relação conflituosa entre o corpo e a identidade de mulheres anoréxicas, histéricas e bulímicas, mas não somente nelas. O discurso sobre a modelação corporal na sociedade contemporânea, principalmente em relação ao controle do peso, reflete e reforça ideais e crenças culturais sobre a mulher, as funções femininas e a feminilidade, particularmente através de concepções sobre as diferenças naturais entre os sexos, em que feminino e masculino são lados opostos.

A representação do corpo feminino como o inverso do corpo masculino foi explorada por extensa literatura médica, como aponta Laqueur, em “Inventando o sexo – corpo e gênero

dos gregos a Freud” (2001). O autor retrata como, a partir do final do século XVIII, ocorre a transição do modelo de interpretação do corpo feminino: do modelo herdado dos gregos com apenas uma estrutura básica do corpo humano, a do macho, e que prevaleceu até o Renascimento, para o modelo dos dois sexos, ou das diferenças biológicas entre os sexos, usadas para justificar as desigualdades entre homens e mulheres. O modelo dos dois sexos incorporou um padrão de *descontinuidade/oposição*, de acordo com suas propriedades “naturais”. Essas propriedades, por sua vez, foram principalmente definidas por suas relações com os comportamentos morais: homens e mulheres deviam ter um tipo de prazer sensual, de conduta social e de vida emocional adequados à natureza biológica de “seus sexos”. Os sujeitos passaram a ser avaliados pela conformidade à finalidade sexual de suas supostas “naturezas biológicas”. Rohden (2001) alerta para a natureza instável e perigosa da concepção de diferença entre os sexos elaborada pelos médicos do século XIX. É nesse sentido que a medicina da mulher propõe o estudo e tratamento das doenças, “mas como uma ciência da feminilidade, da diferença sexual e das desordens sociais relacionadas à delimitação dessa diferença”(ROHDEN, 2001: 95).

A segunda metade do século XIX presencia um conjunto de mudanças socioeconômicas, políticas e culturais, além de um intenso desenvolvimento tecnológico. Também se verificam, no período, mudanças no mercado de trabalho, no estilo de vida, bem como a propagação de um ideário feminista. A entrada no mercado de trabalho e uma maior participação na vida pública foram as conseqüências imediatas desse processo. Todas essas modificações despertaram o questionamento a respeito do lugar a ser ocupado pelas mulheres na sociedade, além do estabelecimento de regras morais para o controle do comportamento social. Toda tentativa de rompimento do elo mulher-reprodução representava uma ameaça, não apenas ao organismo feminino, como também à sociedade (Rohden, 2001). Nesse contexto, ganhou força a ideologia da grande vulnerabilidade física e emocional da mulher, característica considerada própria à natureza feminina e necessária ao exercício de sua função reprodutiva.

O discurso médico, nesse contexto, explicava a inferioridade física, psicológica e intelectual das mulheres em relação ao homem como uma realidade inscrita no corpo, *locus* onde natureza e destino se confundiam. Fenômenos como puberdade, gravidez e menopausa afetariam a mulher de maneira sem equivalentes para os homens. A relação entre órgãos genitais, sexualidade feminina e doença mental foi insistentemente evocada na história de

doenças como a histeria, por exemplo, cuja classificação era a de uma doença sexual que tinha como sede o útero. Mesmo com sua posterior classificação como neurose, a histeria permaneceu, por muito tempo, ligada ao útero e aos ovários. Na pesquisa realizada por Rohden (2001), em teses médicas produzidas no Brasil, no final do século XIX ao início do século XX, a principal recomendação para a cura da histeria era o casamento. A função reprodutiva e a vulnerabilidade biológica eram, assim, associadas diretamente ao papel social da mulher. As características anatômicas das mulheres as destinavam à maternidade e não ao exercício de funções públicas. A recusa da maternidade ou da vida doméstica era assim um indício de forte ameaça aos padrões e valores estabelecidos para o sexo feminino.

Contemporaneamente, depressão, TPM e síndrome do pânico, além da bulimia e anorexia, são associadas frequentemente à condição feminina. Desde os tempos vitorianos, é comum a interpretação de que o emagrecimento extremo procurado por anoréxicas e bulímicas tem origem em uma relação problemática das mulheres ou meninas com sua própria sexualidade. A gordura, por sua relação biológica com o corpo e a maturidade sexual, representaria o feminino, e a rejeição à gordura é interpretada como uma negação da própria feminilidade (ARAÚJO, 2005). A maior incidência de transtornos alimentares entre mulheres seria explicada em termos de um receio feminino em reconhecer sua sexualidade, e sua grande ocorrência em adolescentes se deveria ao fato de que a adolescência seria, por excelência, o momento de confronto com a mesma. A identificação freqüente entre os órgãos sexuais, a sexualidade e doenças mentais pode ser vista no discurso médico do século XIX sobre a puberdade, caracterizada como a fase que marca o nascimento da diferença sexual, sendo então, um período muito propício ao aparecimento de doenças como a histeria, a loucura, a ninfomania, e por isso era uma fase da vida que demandava cuidados especiais.

Na antropologia, o construcionismo social volta-se para as relações sociais de gênero, a partir das noções de sexo como fenômeno biológico, e gênero como construto social, reiterando a crítica de base biológica dessas relações. A dicotomia natureza/cultura, expressa em grande parte da teoria antropológica, se instaura nos estudos de gênero, operando a distinção entre sexo e gênero, como reconhece Judith Shapiro: “...utilizaria sexo para falar da distinção biológica entre macho e fêmea, e gênero quando me referisse às construções sociais, culturais e psicológicas que se impõem sobre essas diferenças biológicas”.(apud AGUIAR, 1997)

As relações de gênero, em diversos estudos, foram perspectivadas através da

investigação de dicotomias analíticas como natureza/cultura, público/privado, ou ainda, produção/reprodução. A teoria feminista contemporânea critica esse postulado por entender que, ao posicionar gênero como categoria referente à cultura e sexo como referente à natureza, deixa de problematizar historicamente essa categoria. Ou seja, as noções de “diferença biológica de sexo” e “diferença cultural de gênero” não são dados crus; tanto o “sexo biológico” quanto o “gênero cultural” são idéias informadas por crenças científicas, políticas, filosóficas, religiosas, etc, sobre a “natureza dos seres humanos”.

Uma saída para este binarismo que tende a perpetuar as relações de poder seria adotar uma perspectiva não-essencialista do corpo, enfatizando a mutabilidade, maleabilidade e características contingentes da corporificação (*embodiment*), procurar tratar o corpo como um texto problemático, que funciona como um discurso carnal, no qual as relações de poder da sociedade podem ser interpretadas e sustentadas (BUTLER, 1997).

Turner (1997) coloca a questão das relações de gênero como crucial para entendermos a anorexia. Na medida em que as relações de gênero são constituídas de acordo com o contexto sócio-cultural, essas relações estão intimamente ligadas à forma pela qual as mulheres se vêem, portanto, trata-se de um tipo de construção da subjetividade feminina específica da sociedade Ocidental contemporânea. “A escolha de assumir um certo tipo de corpo, viver ou usar o corpo de certo modo, implica um mundo de estilos corporais já estabelecidos” (BUTLER, 1997: 142).

É a partir da noção de uma experiência feminina localizada em uma cultura que relaciona diretamente noções de feminilidade e corporeidade que se pode falar de um tipo específico de construção do corpo e da subjetividade feminina propício à proliferação da anorexia, ou, em outras palavras, da difusão de um estilo de vida cuja finalidade maior está na conquista de um corpo magro atrelado a noções de feminilidade.

No século XVII os médicos afirmavam que o corpo feminino era menor, seus ossos pequenos, suas carnes moles e esponjosas, seu caráter, débil (DEL PRIORE, 2000). O corpo da mulher tradicionalmente fora usado para legitimar sua exclusão e inferioridade na relação de gênero, atribuindo-lhe como papel preponderante a reprodução da espécie. Apesar das mudanças e da diversidade de padrões de beleza feminina ao longo da história cultural do Ocidente, como são exemplo as banhistas renascentistas, a delicadeza e fragilidade dos corpos femininos, tradicionalmente associados à condição subordinada da mulher, aparecem

freqüentemente como sinônimos de beleza feminina. Os corpetes, espartilhos, o salto alto, serviam para conter a moleza intrínseca do corpo feminino e também para controlar suas possíveis turbulências; representavam a vitória da razão sobre a natureza, da fixidez sobre os movimentos intempestivos, da impassibilidade sobre a emoção...remetia aos signos nobres da improdutividade (DEL PRIORE, 2000: 52)

No século XX, os ideais de juventude e boa forma colocam em evidência os principais inimigos dos corpos femininos – a velhice e a gordura – em uma relação de sobreposição entre essas duas características. A mídia e toda uma poderosa indústria voltada para a modelação do corpo associam diretamente a magreza e, conseqüentemente, todos os meios que conduzem a ela, aos corpos femininos – trata-se de uma feminização do emagrecimento. Dessa maneira, valores e percepções sobre a mulher e a feminilidade são reiterados e perpetuados através do discurso da magreza e do controle sobre o peso.

Freqüentemente, a mídia em geral e a indústria do emagrecimento, e ambas, diversas vezes, apoiadas em um discurso técnico-científico, sugerem a relação de oposição entre os corpos masculinos e femininos. Volta-se a um padrão normativo da funcionalidade e capacidade “natural” dos corpos - ao corpo feminino é atribuída uma menor necessidade de gasto energético, e, portanto, suas necessidades nutricionais e dietéticas são menores do que as dos homens. O papel social dos homens enquanto provedores, ligados ao trabalho braçal, faria com que eles necessitassem de uma maior quantidade de energia – ou seja, de comida. As diferenças naturais entre os sexos, bem como as necessidades nutricionais e os distintos papéis desempenhados por homens e mulheres na vida social são alguns dos elementos envolvidos na mística da magreza feminina na contemporaneidade.

Apesar de reconhecer a pluralidade de modelos, valores e crenças culturais relacionados a concepções sobre diferenças sexuais e ideais de corpo, no seio da cultura ocidental, não podemos ignorar uma certa predominância histórica das características atribuídas ao corpo masculino e à masculinidade, em que se acentuam o volume, a grandeza, a largura, os músculos, como indicativos de força e virilidade, enquanto a imagem dominante do corpo feminino enfatiza a magreza, a delicadeza, as curvas e a fragilidade. Embora existam variações e tensões em relação a essas imagens, em termos gerais, a cultura ocidental privilegia a imagem da mulher como sendo menor, mais frágil, mais leve e mais delicada do que o homem, o que simbolicamente reproduz relações de dominação e expectativas culturais de sexo e gênero (DAVIES, 2003).

3.2 Gênero e Geração: noções de feminilidade em conflito

Na cultura ocidental, de forma geral, as mulheres são consideradas atraentes a partir de signos relacionados à reprodução sexual e à fertilidade, como seios volumosos, bunda e quadril largo. Enquanto os homens têm como signos de beleza a musculatura de braços, pernas e abdômen, tradicionalmente indicativos de força e virilidade, atributos necessários na tarefa de proteger e prover a família. Essas idéias de corpo masculino e feminino atuam no reforço de associações entre noções de masculinidade e agência, feminilidade e passividade. Portanto, compreendo que a construção do corpo e do ideal anoréxico tem como ponto de partida o rompimento dessa associação tradicional entre mulher, feminilidade e reprodução, ao propor um outro modelo de feminilidade que foge de estereótipos relacionados à reprodução da espécie. Os dados etnográficos informam que as pró-ana rejeitam uma feminilidade atrelada à reprodução/à sexualidade.

O contexto etnográfico deste trabalho revela que a magreza, como ideal de perfeição corporal, alude, também, a uma performance de feminilidade associada a valores que comumente permeiam o universo masculino, como; a auto-confiança, a disciplina, o controle, o cálculo, o que parece estar relacionado a novas expectativas e papéis sociais da mulher - seja no mercado de trabalho, seja nas relações de gênero. O confronto diário entre padrões de beleza das pró-anas e suas mães refere-se não apenas a uma rejeição de um modelo de corpo feminino “*mais cheinho*”, mas, principalmente, rejeição de um papel social da mulher, no caso materializado pela mãe, relacionado predominantemente à esfera doméstica. Como reproduzem as narrativas seguintes

Não entendo pq as pessoas acham que um ideal de beleza (independentemente de qual seja) deve servir apenas para atrair o sexo oposto. Há muito nossos objetivos vitais deixaram de ser a reprodução para perpetua a espécie humana, portanto, pq essa preocupação massiva com sexo?(ND)

Quem sou eu? Quem devo ser? Será que devo continuar lutando para ser aquilo que sou, ou devo ser o que acham que eu deveria ser? O que é ser normal? Não. Isso eu sei que eu nunca fui... Normal é morrer aos 40 de enfarte, infeliz e frustrada, mas em prol de filhos que se perderam pela sua falta?(A.B)

*Ai, mãe, como eu te queria aqui para me responder essas perguntas... Te preferiria ausente e feliz, do que saber que à morte você se entregou simplesmente por ter sido forçada a ser menos do que podia ser.
Mas quem disse que tem que ser sempre assim? (VF)*

Existe uma tendência dos estudos psicanalíticos em localizar a anorexia predominantemente como um problema derivado da relação entre mãe e filha, também pelo fato de considerar que o alimentar e ser alimentado são atividades que ocorrem necessariamente entre mães e filhos. Um distúrbio alimentar tenderia, portanto, a ser associado com dificuldades nesse relacionamento. Segundo esse argumento, a criança aprende que a alimentação está associada ao seu relacionamento com a mãe, é algo que a mãe decide e que não está ligado à sua própria necessidade física de comida. Nesse sentido, a anorexia nasceria da dificuldade de o indivíduo perceber-se como livre e autônomo. O que explicaria a busca por autonomia, característica destacada no âmbito da anorexia.

A mãe costuma aparecer nos relatos como um agente opressor, e o maior obstáculo para a execução de seus projetos de emagrecimento, e, conseqüentemente, para sua autonomia. Em geral, as mães apresentam um outro modelo de corpo feminino que se diferencia do modelo de corpo pró-ana. Uma significativa parte do grupo já foi submetida, em algum momento, a processos terapêuticos e acompanhamento psicológico, a maioria das vezes pressionadas pela família, principalmente pela mãe. Em alguns relatos, a interpretação desses terapeutas é questionada, ao se referirem à anorexia como uma busca por atenção materna, considerada, pelos sujeitos pesquisados, uma demonstração de fraqueza. O primeiro parágrafo reproduzido abaixo traz um comentário crítico em relação à postura pró-anorexia, seguido da resposta de uma das meninas e de outras duas narrativas que também tratam da relação mãe e filha:

"Olha, eu estou cagando para vocês (anoréxicas / bulímicas), que são umas chatas de galocha. Mas fiquei mesmo com dó da sua mãe, que escreveu aqui.... É muito fácil ser "corajosa" morando na casa da mamãe. Quero ver você se virar sozinha, minha filha. Não consegue!!! Vocês se acham muito espertas, mas são umas mimadinhos que não conseguem enfrentar a vida. Qualquer coisinha vão enfiando o dedo na garganta. Quero ver morar sozinha, se sustentar, ter responsabilidade de verdade. Não dar graças a Deus de ter um prato de comida em casa."

Em primeiro lugar não foi minha mãe que escreveu aqui ela se quer sabe que tenho um blog e em segundo lugar, vc não sabe da minha vida, moro sozinha sim e dou um duro danado para ganhar minha vida. Quem não conseguem enfrentar a vida são vcs que se escondem atrás de um

monte de banha e ainda acham que são felizes e que tem direito de esculhambar com a vida da gente. (AM)

Estou me sentindo uma teen inconsequente com problemas com a mãe. Dei uma sumida da net sim! Estou sendo especulada! Era o que me faltava! Minha mãe quer que eu veja que eu sou uma criança e que ela precisa cuidar de mim, pois não sei fazer isso sozinha! (MPA)

Quanto às mães, isso é um comportamento padrão de mães de garotas com TAs. Já vi psicóloga minha, de terapia familiar, dizer q eu me comportava mal tanto com os remédios quanto com a comida para dizer à minha mãe q eu era uma pobre garotinha q precisa de cuidados. "Não sei me alimentar, então

me ensine a comer" era assim q interpretavam. Então fiz exatamente o q vc parece estar fazendo: Tive aversão a essa idéia e decidi tomar uma postura completamente independente. "Olha, mãe: Eu cresci e se eu como ou não é um problema MEU pq eu tenho poder de escolha" Foi mais o menos o q eu disse, em gestos. E deu certo. Espero q dê certo para vc também. (ND)

Um dos modelos analíticos que focalizam o problema da anorexia (KELNER, 2000; ORBACH 1986; DE CERTEAU, 1996) tratam-na como um conflito entre gerações, ou seja, como a expressão de uma disputa entre mãe e filha, na qual a recusa em alimentar-se visaria atingir a mãe (castradora) e dela se libertar, buscando autonomia sobre seus corpos. Orbach (1986) sugere que a dicotomia amor-ódio poderia ser transferida aos significados inconscientes que as mulheres atribuem aos alimentos, em que a função de nutridora delega à mãe o poder sobre o corpo do (a) filho (a); neste caso, a anorexia expressaria uma busca por liberdade. Contudo, considero que localizar o conflito entre gerações, no caso específico da anorexia, como derivado do relacionamento mãe e filha no que concerne à alimentação, não responde o recorte de gênero característico do fenômeno. Deixa sem resposta uma pergunta que considero essencial: Por que são as filhas mulheres e não os filhos homens a sofrerem de anorexia?

As narrativas evocam histórias conflituosas entre mães e filhas em relação a padrões de beleza e saúde divergentes e concorrentes. De acordo com as falas do grupo, essas mães perdem boa parte de seu tempo observando e controlando a alimentação de suas filhas. Os sentidos se alternam: se em parte as mães controlam para que suas filhas comam mais do que elas realmente querem e para que não fiquem “magras demais”, por outro lado, as controlam para que não comam demais e “engordem muito”. O que pude avaliar dessa situação, através das narrativas do grupo, é que existe, por parte das mães das garotas, uma postura contraditória, ao incentivar o emagrecimento quando consideram que suas filhas estão acima do peso ideal, e pressionar as garotas para que comam além do que “desejam” e que

engordem quando consideram que estão abaixo do peso ideal, ou quando é diagnosticada a anorexia.

Infelizmente continuo afastada... as vezes visito alguns blogs, mas é muito rápido, nem dá pra comentar. Não sei qdo poderei voltar de fato... mas continuo firme, consegui perder mais uns quilinhos, estou agora com 42,55Kg...ainda falta muito pra atingir minha meta...mas já é alguma coisa.

Minha mãe parou de me pressionar para perder peso... agora ela tá me enchendo porque acha que estou emagrecendo muito rápido... fiz uns exames e ela descobriu que estou com anemia... e esses dias andei desmaiando na rua, agora ficou mais difícil esconder... ela me chama de anorexica e me obriga a tomar leite toda hora.

Vou passar uns dias na praia, longe dela... assim fico livre pra seguir em frente...A.N

Maldita matéria no Fantástico hein?! Credo... tp ótimo p/ mina q ela tá se cuidando...mas nm tinha q entregar a gnt poxa! Minha mon que nem sonhava q eu usava laxante vai fika esperta agora =(ai q ódio! ... Sei lah... tp essas reportagens alerta-pais... são moh nada a ver... soh servem p/ gnt desenvolver otro jeito de esconder deles oq tá acontecendo...ngm vai deixar de ser ana pq a mãe levo no médiko! Como é o mew caso... mommy's me levo p/ psiquiatra, ô indo em psicóloga e continuo tomando laxante, tendo compulsão e miando, fazendo exercício sem comer, procurando desculpa p/ almoçar fora...

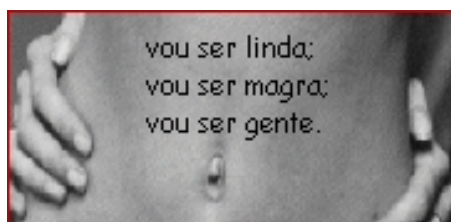
Mudando um poko de assunto.. seu lah..eu acho esses testes p/ saber se a pessoa tem ana são mto nada a ver... pq? Pq eles começam perguntando qual seu peso..mew ngm começa magra na ana...fatalmente as pessoas magras continuarão tendo ana mas ngm começa assim..., sei lah...qdo eu fui num psiquiatra a 1º coisa q ele fez foi ver meu IMC tp... DRRRR jah que eles consiferam ana uma doença o dia q eu estiver com o IMC mto baixo quer dizer q eu to mal msm... eh muito idiota...sei lah foi meio nada a ver flar isso mas eh q tem coisas q me revoltam sabe? Tipo isso neh...LWA

Considero crucial o quadro de conflito que surge em relação a ideais de corpo que, por sua vez, aludem a papéis sociais de gênero divergentes entre as gerações. Mãe e filha revelam diferentes noções de beleza e de feminilidade, no entanto, ao enfatizarem diferentes imagens-formas do corpo como símbolo de beleza e feminilidade cristalizam o papel do corpo na formação do ser feminino. Ou seja, mesmo orientadas por modelos diferentes, possuem um significado comum – constroem noções de feminilidade a partir de seus corpos.

A definição de “belo sexo”, atribuída tradicionalmente à mulher na cultura ocidental parece não ter sofrido grandes mudanças; ao contrário, a imagem da mulher e do feminino continuam associadas à da beleza, havendo cada vez menos tolerância para os desvios nos padrões estéticos socialmente estabelecidos. Tomando-se a gordura como paradigma de

corpo desviante, inadequado, feio, não é difícil perceber que existe um processo de exclusão vivido por aquelas que se encontram nesta condição.

A imagem-forma corporal da mulher “é digna de seu caráter”. Nesse sentido, podemos falar de um dever moral de ser bela e, ampliando esse conceito, de um dever moral de ser magra, que permeiam o universo e a experiência feminina em nossa cultura. De dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se um dever moral (se quiser, eu consigo). O fracasso não se deve, então, a uma impossibilidade mais ampla, porém a uma incapacidade individual. Segundo Baudrillard (1970), o que hoje podemos observar é uma moralização do corpo feminino, o que indica a passagem da estética para a ética do corpo feminino. A imagem a seguir é um bom exemplo de como essa realidade é absorvida pelo movimento pró-ana:



As imagens de beleza feminina, tão exaltadas na música, na literatura, no cinema, e na mídia em geral, têm atuado como guias na construção de corpos femininos, atrelando a realização afetiva das mulheres à imagem corporal que elas ostentam. A produção de um corpo adequado às aspirações pessoais e às demandas sócio-culturais é parte, hoje, do conjunto de práticas cotidianas eleitas como fundamentais por grande número de mulheres. A exaltação da magreza como atributo de beleza feminina coloca a gordura, a flacidez e todo tipo de excesso como uma forte ameaça à satisfação com a imagem corporal e ao julgamento desta no momento da aparição social. Na busca por um corpo perfeito, a gordura é o inimigo mais temido e difícil de derrotar, por isso mesmo o controle dos apetites torna-se condição primeira para se alcançar a imagem do corpo “ideal” proliferada pela moda, pela publicidade e pelos meios de comunicação.

Importante notar aqui a questão do olhar do outro, que na contemporaneidade ganhará um estatuto sem precedentes. Para Foucault (1995), a vigilância e a disciplina dependem de todo um processo de subjetivação e interiorização, em que o olhar do outro constitui um olhar sobre si, situando o campo de visibilidade no interior do próprio sujeito. Ao elemento que permite essa passagem, ele denomina sanção normalizadora, que se abaterá não somente sobre o que cada um faz, mas sobre aquilo que cada um é, hierarquizando os “bons” e os

“maus” indivíduos. Assim, a disciplina se aplica sobre o corpo, mas visa, sobretudo, a alma, fazendo-a sofrer através da culpa e assim induzir que os indivíduos almejem se adequar à norma e se submeter à reforma e à correção. O controle sobre a aparência traduz-se não somente na atribuição de características estéticas, como investem-nas de julgamentos morais e significados sociais.

O excesso de peso, a gordura e a obesidade são vistos como defeitos, associados à falta de força de vontade ou de personalidade, preguiça e falta de controle sobre si mesmo. Os indivíduos assim classificados são vistos como menos capazes de atingir bons desempenhos – imagens que atuam como obstáculo à promoção social.

Conotações que ligam a magreza a certos atributos, como sucesso profissional, pessoal e social, encontram-se fortemente associadas a uma figura esbelta, “bem cuidada”, magra e jovem. Bordo (1997) nos fala de uma ética da magreza, a partir da associação freqüente dessas imagens como determinantes de características pessoais: determinação, autocontrole e independência, que permeiam o imaginário da mulher de classe média. A noção de biopolítica, repensada a partir das transformações do capitalismo contemporâneo “pós-industrial”, nos indica verdadeiros regimes de verdade e poder que têm controlado os corpos femininos, na atualidade.

A proliferação de revistas especializadas e não especializadas que tratam de dietas e emagrecimento, assim como de cirurgias plásticas e todo tipo de técnicas de modelação corporal, ginástica, musculação, o bombardeio de imagens de modelos, atrizes e todo um estoque renovável de “celebridades” que estampam seus corpos e descrevem os cuidados necessários à sua “fabricação” e “manutenção”, oferecem aos leitores uma imagem sobre seus próprios corpos, investem neste jogo de espelhos produzido entre o corpo e o olhar do outro, operando na construção da auto-estima e da auto-imagem (DURIF, 1990)

Se, por um lado, as mulheres contemporâneas adquiriram o direito sobre o controle e a gestão de corpo, não estando mais sujeitas às prescrições do marido e da Igreja, por outro lado, o corpo feminino aparece submetido às prescrições do discurso midiático (DEL PRIORE, 2000). O número considerável de revistas femininas consagradas a dietas e técnicas de emagrecimento, a publicidade voltada para o consumo de produtos emagrecedores, os programas de TV que prometem “transformar” os indivíduos, como o caso do reality show em que o prêmio se destinava ao participante que perdesse a maior quantidade de peso corporal, além de diversas outras apologias à perda de peso e a uma imagem corporal magra associada ao sucesso, não apenas propagam ideais de beleza, como incitam o desejo de estar

em evidência, de olhar e ser olhado. Os cuidados físicos representam uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais. Todo investimento destinado aos cuidados estéticos vinculam-se à visibilidade social que o sujeito deseja atingir – evitar o olhar do outro ou a ele se expor está diretamente relacionado às qualidades estéticas do próprio corpo.

“Ainda bem que as férias chegaram, vou poder me exercitar mais. Quero voltar às aulas o mais magra possível, assim não vou ser mais humilhada”.AT

*Queria estar bonita p/s férias.. p/ poder andar de biquini sem me sentir mal!
Mas pelo que vejo isso é impossível já que viajarei na quinta!!! Aii que merda viu...
Nossa como eu me sinto mal na academia... tem umas minas esqueléticas..lindas.. e eu lah baleiona levantando meus pesos me sentindo horrível!!!
Mas eu vou chegar lah...serei mais linda que elas!!! Todas seremos! (LWA)*

“Sinceramente, eu tenho vontade de sair correndo, de me esconder do mundo, de não sair mais de casa, enquanto todo essa banha não for embora”. L

A anorexia, como fenômeno essencialmente feminino, flutua entre elementos da experiência feminina, que aliada aos marcadores subjacentes de classe social e faixa etária, expressa as contraditórias regras e valores que regem a construção da feminilidade contemporânea. No momento em que se mantém o ideal de feminilidade tradicional, relacionado à esfera doméstica (cuidar, alimentar, amparar), e lhe impõe a negação de seus próprios desejos e apetites. Essa configuração acaba por tornar a fome feminina algo que deve ser controlado, comedido, limitado, de acordo com as características associadas ao gênero de delicadeza, abnegação e sujeição. Concomitantemente, assistimos, na atualidade, a ascensão das mulheres no espaço público, o que exige a incorporação de valores tradicionalmente masculinos, autocontrole, determinação, objetividade, disciplina, etc. Essa estrutura de modelação do comportamento é inscrita no corpo, de forma arrebatadora, no momento em que se atribui valores morais às características físicas. Em especial, o excesso de peso é visto como um indicador de fraqueza moral, falta de controle e disciplina, características que acarretam um alto grau de prejuízo na classificação social dos indivíduos, a partir do momento em que a incapacidade de controlar o próprio corpo é estendida para outras esferas da vida. Como bem salienta Turner: “Uma mulher obesa não é simplesmente gorda; é também fora de controle. Controlar o corpo da mulher é controlar suas

personalidades, e representa uma ação de autoridade sobre o corpo no interesse da ordem pública organizada em torno de valores masculinos do que é racional.” (TURNER 1996: 190). Imagens como as ilustradas a seguir, são freqüentemente usadas para contrastar a imagem elegante da magreza, com a vulgaridade atribuída à gordura, no contexto etnográfico:



Nesse contexto, a ênfase sobre o corpo, verificada na cultura ocidental contemporânea, atua no sentido de pressionar as pessoas, em particular as mulheres, a dirigir suas energias para a produção de seu corpo, como se fosse a de seu próprio destino, oferecendo os símbolos classificatórios que atuam na manipulação dos comportamentos.

A postura ideológica *pró-ana* segue uma ética da magreza e do controle sobre o corpo e a aparência, considerando-a o único caminho para alcançar a auto-realização, a satisfação consigo mesmo e o reconhecimento dos demais.

Construi esse blog como um desabafo de todas as injustiças que nós mulheres sofremos constantemente por essa sociedade hipócrita que tem como ideal de beleza Gisele Bundchen, Ana Hickman, e tantas outras..., eh mto difícil sobreviver numa sociedade em que a beleza eh somente cultuada pela magreza, ã importa se vc tem um rosto bonito ou se vc eh medica, advogada, aluna exemplar, ser uma pessoa maravilhosa por dentro se vc ã eh magra por fora. Desde do dia que vc nasce vc eh submetido e imposto a ser magro, se vc ã for, ai, ai, aí complica tudo e aí vc TEM que se adequar ao que eles chamam de PERFEIÇÃO. Só as magras vencem, soh as magras tem os melhores empregos, os melhores maridos, os garotos mais bonitos e os namorados perfeitos, ate mesmo soh as magras, só elas tem o direito de ter os garotos mais populares da escola (quem nunca passou por essa fase?), concordam comigo?, ainda ã acabou ã..., eles ainda tem a coragem de chamar a ANOREXIA

NERVOSA,nossa querida,amavel e amiga ANNA,ANINHA...,nossa ANINHA de doença,doença?,como pode ser doença,se foi por causa desse pessoal hipocrita que vivemos ao lado da anna?,são mto sem vergonha essas pessoas que falam que a nossa aninha eh uma doença,ñ eh ñ,a anna eh um ESTILO DE VIDA,ou mais do que isso uma CONSEQUENCIA a todas as injustiças feitas pela nossa sociedade que temos que viver,sabe porque?,pq se vc ñ eh magra vc ñ perfeita,se vc ñ eh perfeita vc ñ pode viver nesse mundinho ñ...Todos pelo resto de nossas vidas tentam nos mostrar,mas ngm tem coragem de admitir,mas ta escrito na testa de cda um: "O MUNDO Ñ EH FEITO PARA GORDOS",pq?,pq gordo eh nojento,gordo ñ merece respeito,gordo ñ eh gente,isso eles ñ tem coragem de falar,agora dizer que a aninha eh doença,ah,isso sim eles tem coragem de falar.Jah imaginou uma miss gorda?,ou uma modelo do sp fashion week gorda?,jah imaginou a luiza brunet gorda?,ou uma capa de uma revista com uma mulher gorda,pior,uma protagonista de novela gorda?,então eh isso que nos vivemos mininas e somos obrigadas a sobreviver.Temos o mesmo ideal e pelos mesmos motivos.Eu criei esse blog pq sou sim ANNA,com mto orgulho sim senhor,pq?,pq eu cansei de ter ao meu lado aquela menininha insegura,q se acha feia e GORDA,sabe pq?,porque desde mto cedo ela me persegue,aos 9 anos eu gostei de um garoto,sabe o que ele disse pq ñ ficava comigo?,pq eu era gorda e feia,e sabe com quem ele ficou?,com a minha melhor amiga,magra,magerrima,pra falar a verdade um palito,e ela por sua vez fazia questão de falar pra mim todos os dias que ela tava com ele pq ela era magra e eu era gorda,nojenta,isso enfim passou...,depois comecei a desfilar,bem eu tinha um corpo razoavel,uns 61 kg,mas me ousei participar de um concurso de beleza,ñ sendo metida,mas era a que tinha o rosto mais bonito,a unica loira,e a unica que tinha olhos verdes,mas sabe pq eu ñ ganhei?,pq a garota que ganhou era magra,ñ era loira,nem tinha olhos verdes como eu,era mais baixa do que eu,o rosto horrivel,era unica que eu tinha a certeza que ñ conseguiria ganhar,mas sabe pq ganhou?,pq era magra.Tem um episódio tb que quando eu pesava 70 kg para o meu 1,60m (naquela época),cheguei numa loja fui exprimentar uma roupa super coladinha,tava toda animada pra ir num show que eu tanto sonhava em ir,sabe o que uma mulher falou pra mim?,vc ñ acha que ta mto fofinha pra essa roupa ñ?,sabe o que eu fiz?,troquei de roupa,sai da loja,nem quis mais comprar nada,apenas concordei com ela,abaixei a cabeça e no banco de tras do carro do meu padrasto,voltando para casa eu chorava comendo um saco de biscoito.Eh por essas coisas que eu ñ quero mais voltar a ser gorda,hj se tenho meus 49 kg,foi por esforço meu,somente meu,mas ainda ñ ta bom sabe pq?,pq ainda ñ cheguei no IDEAL GISELE BUNDCHEN e por esse motivo mtas vezes antes de dormir choro por me odiar em ñ ter o corpo dela,por ñ ser MAGRA que nem a ela.Esse blog eh dedicado a vcs mininas que como eu sofrem por causa dessas coisas e mtas outras mais que a nossa sociedade faz questão de nos apresentar.eu sei que vcs me entendem...

Assim como no depoimento anterior, a idéia de escolha consciente pela anorexia, base do movimento pró-ana, caminha junto a uma visão crítica direcionada à sociedade e aos seus mecanismos de controle através da aparência. O tom de protesto presente nos discursos dos

sujeitos pesquisados alude à anorexia como um mecanismo de defesa e de rebelião às normas e regras sociais, no medida em que, ao submeter-se a esses mesmos ideais sobre os quais tecem suas críticas, o fazem a partir de uma “opção” considerada anormal e patológica.

Através do controle sobre o corpo, a anorexia produz um sentimento de auto-realização. O discurso pró-ana apesar de enfatizar uma liberação do controle social a partir do domínio exercido sobre o corpo, remonta a elementos de um padrão de sociabilidade e de relação com o corpo constituído através de regras e valores que permeiam essas esferas de controle das quais as anoréxicas buscam se libertar. Nisso reside o principal paradoxo do movimento pró-ana: em suas narrativas os conceitos de liberdade, controle, respeito, responsabilidade, disciplina, autodeterminação, sacrifício, metas, objetivos, planejamento, cálculo, consciência, equilíbrio, persistência, perfeição, se mesclam a sentimentos de medo, vergonha, culpa, fracasso e tristeza profunda, alternando e também inter-relacionando sua idéia de liberdade à de sujeição. Quer seja em relação aos seus próprios padrões, ou aos padrões impostos por seus agentes opressores (pais, mídia, amigos de escola, namorados, etc), e ainda mais quando seus padrões de perfeição derivam do modelo sócio-cultural contra o qual se rebelam, revelando os valores contraditórios da sociedade, que segundo elas, é a grande responsável por Ana.

3.3 Segundo eixo: o consumo

Para entender as imagens do corpo vigentes na sociedade contemporânea é necessário entender os processos mais amplos que agem diretamente na construção dessas imagens. A teoria contemporânea (FEATHERSTONE, 1991; TURNER, 1996; BAUDRILLARD, 1995) aponta para uma sociedade de consumo caracterizada como hedonista e narcisista, em que as pessoas são movidas pelo prazer e pela satisfação pessoal e através do consumo, podem alcançar sua auto-realização. Nesse contexto, o corpo surge como vetor eficaz para a conquista desse objetivo, apresentando-se como um espelho do nosso amor próprio, informando, através da relação que temos com ele, como nos sentimos e do que somos capazes (CAMPOS; LIRA; MÉLO, 2003).

Uma intensa conexão entre a disciplina, o asceticismo, o corpo e a produção capitalista, em que prevalece a ênfase sobre o hedonismo, o desejo e o prazer é acionada. De

acordo com essa ênfase no prazer, na expressividade individual e no consumo, o corpo emerge como um projeto a ser executado (TURNER, 1996). Se, em seu início, o capitalismo foi impulsionado pela ética protestante da sobriedade e do trabalho duro e disciplinado, sua consolidação implicou em uma mudança cultural capaz de incorporar o consumo de bens que passaram a ser produzidos massivamente. Ocorrem, assim, mudanças no estilo de vida, e o corpo passa de trabalhador para desejado e desejante; torna-se um projeto de vida, justificando-se o investimento financeiro e psicológico neste patrimônio (CAMPOS; LIRA; MÉLO, 2003). A publicidade e os meios de comunicação de massa, como o rádio, o cinema e, posteriormente, a televisão, foram fundamentais para fomentar a transição da ética protestante para um hedonismo calculado, educando a população na adoção de um novo estilo de vida (ARAÚJO, 2005: 24).

O atual interesse sobre o controle do peso corporal reflete uma tecnologia de governo, na qual indivíduos são guiados na regulação do *self*, de acordo com padrões normativos e ideais culturais de imagem, saúde e performance corporal. Essa regulação social tem atuado na produção e incitação de desejos de controle e perda de peso corporal, tornado um objetivo plausível.

Objetivos e práticas disciplinares de controle do peso fazem parte de uma complexa rede de regulação social que liga idéias de forma e peso corporal a dicotomias de sexualidade, gênero, beleza, moda, saúde, performance e assim por diante (DAVIES, 2003). Deste modo, a afetividade e sociabilidade, atreladas à aparência corporal são elementos formativos da identidade pessoal e capturadas pela temática da auto-estima.

Baudrillard (1995) ressalta o aspecto simbólico do consumo e o caráter moral que este assume nos dias de hoje, ensejando a distinção através de códigos culturalmente compartilhados. Assim, o indivíduo se expressa através dos objetos que utiliza e do comportamento que adota. Essa oportunidade de escolhas que os indivíduos de hoje adquiriram através do consumo lhes permite optar sobre qual estilo irá incorporar, ou seja, o estilo de vida que poderá representá-lo ao espelho da sociedade.

No bojo dessas escolhas o corpo aparece como elemento essencial de classificação simbólica. Principalmente, em vista das diversas possibilidades de modelação corporal, como: dietas, cosméticos, exercícios físicos, cirurgias plásticas, implantes, próteses, etc, que tornam os consumidores dessas práticas investidores capazes de se atualizar de acordo com

seu gosto pessoal ou a tendência da estação; apesar dessas duas facetas estarem intimamente relacionadas, percebe-se hoje o poder de escolha e o alto grau de intervenção dos indivíduos sobre a sua aparência corporal.

Contudo, apesar das escolhas se basearem no gosto pessoal, existe certo grau de segurança dessas escolhas, pois, se por um lado o consumo dá aos indivíduos a oportunidade de diferenciação, também oferece exemplos de estilos de vida legitimados socialmente e, dessa forma, estimula a imitação prestigiosa de que falava Mauss (1974). Essa ênfase na forma física se expressa na capacidade de determinar a auto-imagem, as relações sociais e afetivas⁴. Apesar da expressão individual e o espaço para diferenças aparecem como elementos de liberação dos antigos esquemas classificatórios mais ortodoxos, a busca pela diversidade, estimulada atualmente, parece se basear numa margem de segurança, uma diferença que precisa ser socialmente reconhecida.

O corpo, suas vestimentas e adereços tornam-se expressão de um estilo de vida, do gosto pessoal e, também, símbolo de uma identificação de grupo. Corpo e noção do eu são, assim, indissociáveis, transformando o primeiro em um projeto de vida que poderá ser realizado através do consumo. O corpo é, assim, transformado de acordo com o desejo do seu proprietário, porém, segundo Malysse (2002), essa sublimação individual operada por um indivíduo a partir de sua própria cultura geralmente não passa de uma confirmação cultural.

É nesse processo mimético que a mídia age, veiculando as “imagens-normas” que irão guiar a modelação corporal. Hesse-Biber (1996) argumenta que o capitalismo e o patriarcalismo regem a sociedade contemporânea, usando os *mass media* para projetar o corpo culturalmente desejável para uma mulher. As mulheres são incitadas a controlar seus corpos – não por razões políticas ou de saúde - mas para torná-los esteticamente satisfatórios. Apesar de não compartilhar totalmente da classificação de sociedade patriarcal, como boa parte dos autores (TURNER, 1995; HESSE-BIBER, 1996; CHERNIN, 1983; BORDO, 1993) se refere à sociedade contemporânea, acredito que um conjunto de valores conceitua e determina a ordem moral sob a ótica masculina e servem de apoio para uma estrutura de dominação. Destes valores fazem parte as noções de corpo e feminilidade, veiculadas principalmente através da mídia. O que reforça a idéia de que a aparência corporal é hoje considerada uma base para o julgamento moral dos indivíduos, ao revelar, em sua superfície, traços da subjetividade. É preciso compreender, entretanto, que a subjetividade não pode ser

⁴ Baseado nos resultados da pesquisa: “*Cultura de Consumo e Subjetividade*”: *entre próteses dietas e musculação onde esta o prazer* “. Coordenada pela Prof^a Roberta Campos.

totalizada e centrada apenas na instância individual, vez que é modelada e fabricada a partir do registro social (GUATARRI; ROLNIK, 1999: 31). Neste sentido, o julgamento moral da aparência, que atinge com mais vigor o corpo feminino, depositário das maiores cobranças quanto à adequação da imagem corporal, fortalece a constituição de subjetividades ancoradas em imagens ideais de corpos femininos.

Featherstone (1991 apud ARAÚJO, 2005) relaciona o desenvolvimento da cultura de consumo a uma forma específica de *embodiment*, apoiada numa concepção auto-preservacionista do corpo, combinada à noção de que ele é um veículo de prazer e auto-expressão. De acordo com essa concepção, ascetismo e hedonismo deixam de ser excludentes: agora, o trabalho corporal ascético é o meio para se obter uma aparência aprimorada e um *self* mais valorizado no mercado, e a subjugação do corpo, através das rotinas de manutenção corporal, é a precondição para a aquisição de uma aparência aceitável e a liberação da capacidade expressiva do corpo. O asceticismo da dieta, subordinado ao hedonismo do consumo, faz emergir uma inerente contradição, em estimular e oprimir o desejo ao mesmo tempo. Ao narcisismo próprio de uma sociedade hedonista de busca do prazer e do consumo desenfreado foi acrescentado o imperativo da disciplina e do controle corporal, provocando uma ansiedade e um sentimento de ambivalência (ORTEGA, 2003)

Segundo o psicanalista Jurandir Freire Costa (2003)¹⁸, os transtornos alimentares estão diretamente ligados ao privilégio de uma determinada descrição de corpo, ou seja, estão relacionados ao tipo específico de “educação corpórea” dos dias de hoje. O autor fala de uma ciranda de ansiedade, em que “*A felicidade fica cada vez mais inatingível, na medida em que a forma física ideal vai se deteriorando com o tempo ou se não segue os preceitos exigidos*”. Os indivíduos hoje buscariam se liberar do corpo para estarem livres como uma cera a ser moldada pelas prescrições da ciência e da publicidade. Uma plasticidade que objetiva moldar o corpo aos padrões de juvenildade e boa forma. Para Freire Costa, esses transtornos ligados à imagem, em realidade, prescindem de uma relação com o outro, já que é deste que vem a demanda para que se submeta o corpo. Nesse sentido, para ele, fenômenos como a anorexia e a bulimia são anti-narcísicos.

Por outro lado o narcisista depende dos outros para “constantes injeções de aprovação e admiração ” (LASCH 1983). Dessa maneira, é o olhar do outro que a preocupação excessiva com a imagem visa atingir. O corpo passa a ser manipulado como valor, trata-se de

¹⁸ Palestra proferida na XIX Jornada do Círculo Psicanalítico de Pernambuco, intitulada: “Psicanálise, algumas interlocuções”, realizada em agosto de 2003.

“uma exaltação dirigida e funcional da beleza a título de avaliação e troca de signos” (BAUDRILLARD, 1996: 150), em que a publicidade e a moda agem como mediadores.

O aspecto do corpo e sua conformidade com o padrão de beleza passam a ser um elemento de grande importância na persecução da aceitação e integração social e na construção de estigmas em torno da imagem corporal que, por sua vez, podem conduzir à exclusão social.

“tenhu uma festa pra ir.. tenhu q ir.. sou a mais horrivel da turma.. a mais feia.. a mais gorda.. o q fazer? chorar? keru m atirar pela janela.. morrer.. fugir.. emagrecer” A.

O olhar do outro exerce papel preponderante na conformação de uma imagem corporal magra, livre de estigmas que conduzem à exclusão de um tipo de sociabilidade e visibilidade estimulada na sociedade de consumo, baseada, fundamentalmente, na aparência.

“Cansei de me sentir fraca, cansei de ter nojo de mim mesma, cansei de querer vestir roupas que naum cabem mais em mim, cansei de morrer de vergonha de sair em puhblico por achar que todos estariam rindo de mim, cansei de naum poder entrar numa loja e vestir uma calc(ss)a tamanho 36!

A gente nem sempre pode escolher a vida que tem, o caminho que segue. No meu caso, estou me adequando ahs regras que a natureza me deu. Tentando ser "feliz" da forma que eu consigo”. D

“Hoje, eu sou uma vergonha pra mim mesma, uma vergonha para quem um dia me conheceu. Penso que um dia eu já fui admirada pela minha força de vontade, mas hoje eu não passo de uma vaca gorda redonda imprestável, fraca, derrotada.

Hoje, eu ando na rua e tenho a impressão de que todos estão rindo de mim, que todos reparam na forma redonda do meu corpo e me criticam pela coragem de estar ali, no meio de pessoas bonitas, magras e felizes”.L.

Freqüentemente, apoiando-se no discurso social mais amplo sobre o corpo, os sujeitos pesquisados utilizam-no no sentido de legitimar a adoção de seu estilo de vida e as práticas empregadas para o emagrecimento, em que a magreza é vista positivamente e o excesso de peso como comprometedor. No trecho a seguir, A.M.L reproduz uma matéria do site do Jornal da Globo.

*Gente achei essa reportagem muito legal e resolvi postar dá uma lida vale a pena
Pessoas mais magras tendem a ser mais ricas, afirma pesquisa*

Globo Online

LOS ANGELES - Pesquisa realizada por economistas da Univerisade de Ohio, nos EUA, mostra que as pessoas mais magras tendem a ganhar salários maiores e ser mais ricas. As conclusões do estudo foram publicadas no jornal "Los Angeles Times".


- A relação entre peso e riqueza é clara. A pessoa acima do peso gasta mais que o magro com medicamentos, equipamentos para emagrecer, roupas, produtos dietéticos e até mesmo móveis e transporte - afirma o economista Jay Zagorsky, responsável pela pesquisa.

O estudo, finalizado no ano passado, acompanhou cerca de 2 mil jovens durante 20 anos, comparando dados de obesidade e situação financeira. O patrimônio acumulado médio entre os magros foi duas vezes maior que o do grupo de obesos.

Segundo a pesquisa, os magros, com mais auto-estima e livres do preconceito social, conseguem atingir postos mais altos no mundo do trabalho, com rendimentos maiores. E mais: os indivíduos com peso dentro do normal têm menos despesas e tendem até a receber heranças maiores que a dos obesos.

- Obesos geralmente são filhos de pais obesos, e essa 'pobreza' é quase que hereditária - explicou Zagorsky.

A pesquisa afirma também que pessoas que perdem peso conseguem facilmente reverter a tendência "empobrecedora", pois deixam de ter gastos adicionais e, mais confiantes, desenvolvem com mais facilidade o potencial no emprego.

 *Quer um incentivo maior para emagrecer que este...*

Assim como essa, outras associações entre excesso de peso e desempenho profissional são constantemente disseminadas pela mídia, e (re) apropriadas pelo grupo estudado, suprimindo de argumentos “legítimos” a ideologia do grupo, de rejeição à gordura e ao excesso de peso, e exaltação da magreza como fonte de sucesso e felicidade. Trata-se, portanto, de um reforço social de suas regras e práticas, através de um processo de confirmação de atitudes e comportamentos socialmente adequados e de modelagem, por meio da observação e imitação de comportamentos de indivíduos de reconhecido prestígio social.

A intolerância com a gordura e o excesso de peso, atrelada a expectativas de desempenho social é manifestada em diversos contextos, fomentando um crescente preconceito em relação às pessoas classificadas como gordas. A própria medicina tem ajudado a reforçar o preconceito social prevalecente em relação às pessoas gordas. Embora não esteja, de forma alguma, negando a relação do excesso de peso e/ou de gordura com o risco à saúde, não resta dúvida de que, atualmente, há uma tendência a considerar o “excesso de peso” como responsável por todos os males humanos. Ao divulgar as mais recentes descobertas científicas sobre o excesso de peso e os prejuízos que acarreta à saúde, a mídia, muitas vezes, tenta convencer que, além de todas as falhas morais, os gordos também estariam cometendo suicídio. Esse respaldo científico, associando a obesidade a uma série de atributos morais, ajuda a construir a imagem estigmatizada do gordo, que passa a ser

exemplo de fracasso social. O contexto pro-ana/pró-mia também compartilha dessa aversão às pessoas gordas, como fica evidente na lista de razões que, segundo o grupo, justificam a adesão à Ana:

Reasons to be beautfull (razões para ser bela)

- 1 Porque ser gordo é humilhante
- 2 Porque eu não aceito toda essa gordura
- 3 Porque eu tenho amor próprio
- 4 Porque eu não quero ficar cometendo os mesmo erros
- 5 Porque comida é um vicio
- 6 Porque eu tenho vergonha do meu corpo
- 7 Porque eu sou capaz
- 8 Porque ninguém acredita que eu possa conseguir
- 9 Porque eu tenho força de vontade
- 10 Porque é meu sonho e eu vou viver ele
- 11 Porque eu estou enorme
- 12 Porque se eu parar eu vou ficar maior e maior ... e ai talvez não tenha volta.
- 13 Porque eu choro todas as noites
- 14 Porque eu to cansada de ser assim
- 15 Porque eu sinto inveja da meninas mais magras
- 16 Porque eu posso supera-las
- 17 Porque eu não sou escrava da comida
- 18 Porque eu não to sozinha nessa luta, Ana e Mía estão comigo
- 19 Porque eu tenho aversão a gordura
- 20 Porque eu me preocupo com minha estética
- 21 Porque eu possa ser muito mais do que qualquer um acha que sou
- 22 Porque nada é eterno, MUITO MENOS essa gordura
- 23 Porque nada fica bem em mim
- 24 Porque nada que eu vista me deixa confortável, tem sempre uma banha pra fora da calça
- 25 Porque eu ainda não consegui
- 26 Porque eu quero me superar
- 27 Porque eu sofro com isso
- 28 Porque gordos são pontos de referencia
- 29 Porque eu possa ser linda, perfeita
- 30 Porque eu sempre quis isso e nunca consegui
- 31 Porque agora eu sei que posso, alias todas nos podemos!

- 32 Porque ainda existe banha em meu corpo e ela me atrapalha

- 33 Porque eu quero caminhar e não deixar pegadas
- 34 Porque a gloria vai ser minha
- 35 Porque eu tenho medo de engordar
- 36 Porque gordos não são nada
- 37 Porque gordos logo são obesos e eu não quero me tornar mais um
- 38 Porque eu tenho auto controle
- 39 Porque eu vou provar que a comida não tem mais poder sobre mim
- 40 Porque todos são escravos da comida
- 41 Porque tudo esta em torno das refeições
- 42 Porque eu vou conseguir
- 43 Porque isso vai ser pra sempre
- 44 Porque eu não posso desistir agora
- 45 Porque eu já dei o primeiro passo e agora é só seguir em frente
- 46 Porque eu estou em um guerra, no qual de agora em diante eu não perco nenhuma batalha
- 47 Porque eu vou poder ver meus ossos, lindos ossos
- 48 Porque qualquer roupa vai ficar bem em mim
- 49 Porque eu vou ser cobiçada
- 50 PORQUE EU ME AMO ACIMA DE TUDO !

Monello e Meyer (apud LAWRENCE 1991) sugerem que o preconceito contra os gordos é semelhante ao que se dirige a determinadas minorias raciais. Os autores esclarecem que as pessoas consideradas gordas sofrem o mesmo dano em sua auto-estima que as pessoas de origens e identificações raciais sujeitas ao ódio e à discriminação social. O efeito dessas imagens e associações negativas com a gordura seria a supervalorização da magreza.

Atualmente, a proliferação da anorexia para além das fronteiras territoriais, étnicas, de classe e de gênero, aponta para progressiva “democratização” da ocorrência dos transtornos alimentares. No entanto, esse fato revela a difusão de um padrão de beleza específico, associado a certos valores, que parece exercer uma pressão relativa à modelação da imagem corporal associada a um conjunto de estereótipos: o da magreza, da saúde e da juventude, característica cada vez mais global e menos circunscrita a determinado tipo de sociedade.

Apesar da exaltação da diferença constituir uma importante característica da cultura de consumo, essa diferenciação parece recorrer sempre a um estoque comum de símbolos, denominado de “memória global” (SANSONE, 2003), que perpassa as fronteiras locais e expõe sujeitos de diferentes culturas a fluxos de símbolos e significados de alcance mundial (2003: 14)

Através do processo de globalização, conceitos e valores sobre o corpo feminino, específicos ds cultura ocidental, são assimilados com a ajuda de mecanismos de difusão

sócio-culturais: os *mass media*, a indústria da moda e da cosmética. O que Appadurai (1990) chamou de *mediascapes*, ou midiapanoramas passou a constituir, nas últimas duas décadas, “mundos múltiplos idealizados pelas imaginações historicamente situadas das pessoas e dos grupos disseminados pelo mundo inteiro “(1990: 313). Canevacci (2005) vai mais além e refere-se ao conceito de *bodyscape* como um cenário panoramático, um complexo de códigos e imagens que transitam e orientam a construção e percepção dos corpos em escala global.

Em estudo realizado nas ilhas Fiji, Becker *et al.* (2002) avaliaram o impacto da exposição das adolescentes à televisão e conseqüentes atitudes e comportamentos alimentares desses indivíduos. O estudo foi dividido em duas etapas, a primeira em 1995, e a segunda em 1998, já com três anos de exposição à televisão. Os resultados mostraram que os indicadores de transtorno alimentar foram significativamente mais prevalentes após 1998, demonstrando também maior interesse na perda de peso e em comportamentos relativos a dietas, o que, na primeira etapa da pesquisa, foi classificado como conceitos “não-familiares”; três anos após as primeiras entrevistas, 69% das meninas do grupo estudado tinham se submetido a dietas, $\frac{3}{4}$ se sentiam “muito grandes e gordas” e um oitavo praticava a purgação.

O interessante seria, justamente, entender de que modo fenômenos como os da anorexia, que assumem cada vez mais contornos globais, são absorvidos e inseridos em dinâmicas locais. Embora este estudo enfatize a disseminação desse modelo de apresentação e relação com o próprio corpo, é necessário apontar para a heterogeneidade dessas relações e para outras formas e valores que servem como guias na construção da auto-imagem e do corpo. Estamos falando, portanto, de uma tendência ou padrão que convive e compete com outros modelos que regem a equação entre corpo e *self*, na sociedade ocidental contemporânea.

Dessa forma, observamos que existe uma retórica da estética feminina em que está implícito que é necessário ter um corpo adequado para se relacionar, social e afetivamente, com sucesso; é necessário ter um corpo adequado para consumir os produtos da moda; é necessário ter um corpo adequado para exibi-lo publicamente. A partir da idéia de que o cuidado de si determina o grau de sucesso dos indivíduos, podemos perceber sua versão mais perversa, pois a mensagem transmitida é de que cada um deve ser investidor de si mesmo e só sobre este recairá a culpa pela não adequação da imagem corporal aos modelos propostos culturalmente.

Na busca pela satisfação com a imagem corporal, além do consumo de técnicas, serviços e produtos, faz-se necessária também a aquisição do conhecimento, da disciplina e

do controle sobre o corpo. O desconforto com a imagem corporal, relacionado principalmente à gordura, ao excesso de peso, ao que é esteticamente “inadequado”, exige, por parte das mulheres, um controle permanente da alimentação, entendido como estratégia essencial para a modelação corporal.

A busca pelo corpo “ideal”, alcançado através de dietas e exercícios físicos rigorosos, aproxima a patologia e a normalidade, surgindo zonas fronteiriças, em que se torna difícil a definição do problema. Segundo psicanalistas do Programa de Orientação e Assistência ao Paciente com Transtorno Alimentar (PROATA), da Universidade Federal de São Paulo, se a cultura não é o agente causador dessas patologias, ao menos acaba reforçando-as, através da idéia de que a magreza é condição essencial para que a mulher seja querida.

“*É impossível ser gordo e feliz ao mesmo tempo*”, afirmativa frequentemente encontrada nos blogs e sites pró-ana/pró-mia, revela o tipo de relação estabelecida entre sucesso afetivo e social e a imagem-forma do corpo. Os corpos expostos publicamente funcionam como a “face exterior” que simboliza o *self*. Embora o corpo possa ser experimentado como soberano, próprio e individual, ele se constitui na interface com o público, e assim, inevitavelmente, ele é público. Dessa maneira, a modelação e a gestão do corpo para o consumo público requerem condutas e exposição apropriadas, pois servem de referência ao julgamento social, funciona como uma prova material de qualidade social e moral. Como já foi comentado em capítulo anterior, ser/estar “gordo” indica passividade, indulgência, descontrole, falta de motivação, indisciplina, descuido, permissividade, símbolos de fracasso profissional, social, sexual e afetivo. Contrariamente, a adequação do corpo ao padrão de beleza baseado na magreza alude a um padrão de sociabilidade positivo e a um poder de agenciamento, em que os cuidados com o corpo e sua exposição são as regras do jogo.

O peso corporal indica o nível de gordura no corpo e a gordura está envolta em uma série de significados avaliativos. Quando alguém é classificado como gordo, magro, de peso ideal, abaixo do peso, acima do peso ou obeso, ele é também classificado como normal ou anormal, bonito ou feio, desejável ou indesejável, e assim por diante. Categorizações de peso e índice de massa corporal (IMC) inferem sobre a pessoa em relação à sua identidade, sexualidade, auto-estima e motivação pessoal, bem como a características pelas quais o sujeito pode ser julgado como amigável, engraçado, estúpido, esperto, preguiçoso, infeliz, e assim por diante. (DAVIES, 2003).

3.4 O papel da moda



A influência da moda inaugura um fenômeno que Sant’Anna (2001) denominou de “top-modelização”, ou seja, a exaltação das formas corporais longilíneas, sem muitas curvas, por vezes andrógenas. Este constitui um estilo que convive perfeitamente com o padrão da “gostosa”, com músculos torneados, curvas, uma imagem que privilegia a parte sul do corpo, considerada atributo de feminilidade.

A conformidade do indivíduo à moda se dá, fundamentalmente, pelo desejo de assemelhar-se àqueles que são considerados superiores, que brilham pelo prestígio e pela posição. As supermodelos Twiggy, Kate Moss, Gisele Bündchen passam a inspirar as adolescentes ocidentais, as quais incorporaram o modelo da magreza como o de corpo ideal. Esses modelos funcionam como “memória global” – estoque de imagens de sucesso corporificados e de alcance mundial.

Na sociedade contemporânea, que privilegia a imagem, a moda é uma linguagem que assume suma importância, visto que interage com diversas modalidades expressivas do corpo, ao completar-lhe e enfatizar sua comunicabilidade. As roupas, os acessórios junto à forma corporal denotam um estilo de vida próprio. Podemos compreender que se confunde o

processo de auto-estilização com a busca pela formação de uma identificação cultural. O “estar na moda” significa que o conjunto de corpo, roupa, adereços, é avaliado em termos de aprovação por algum grupo de referência, que pode ser o da nossa turma e que se multiplica pelo imenso número de subculturas presentes nas metrópoles.

A juventude, como uma variável de extrema importância na caracterização do perfil do grupo estudado, mereceria, por parte deste trabalho, uma investigação mais profunda, contudo, procuro inseri-la dentro do cenário mais amplo da cultura de consumo, compreendendo-a não como uma categoria analítica esgotada por classificações de idade ou faixa-etária, mas, sobretudo, utilizando a idéia de culturas juvenis que surgem nesse contexto de culturas fragmentadas, híbridas e transculturais, consumo panorâmico (APPADURAI, 1990) e comunicações mass-midiáticas –uma dilatação do conceito de jovem, virando pelo avesso as categorias que fixavam faixas etárias como definidas e claras passagens geracionais (CANEVACCI, 2005: 29). Ao levar em consideração que os jovens são intermináveis, Canevacci (2005) procura identificar a noção de que cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável.

Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único nossa era: as dilatações juvenis. O dilatar-se da auto-percepção enquanto jovem sem limites de idade definidos e objetivos dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades. (CANEVACCI, 2005: 29).

A caracterização do grupo como jovem está baseada, acima de tudo, nas pistas produzidas por suas narrativas, que aludem a uma auto-percepção de cultura juvenil. Para além dos classificadores tradicionais utilizados na configuração do perfil de pessoas acometidas pela anorexia, na literatura médica, este trabalho procura levar em consideração principalmente a classificação expressa pelo próprio grupo. Como afirma Bourdieu (1996): “juventude é só uma palavra”, chamando a atenção para o caráter simbolicamente construído da categoria social juventude. Assim como outros sistemas classificatórios, a categoria jovem responde à imposição de limites e à produção da ordem social. A idade, nesse sentido, passa a ser um dado biológico socialmente manipulado e manipulável e o simples fato de falar dos jovens como uma unidade social, como um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e

de referir esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação (BOURDIEU, 1996: 144).

Como categoria privilegiada na cultura de consumo contemporânea, a juventude também evoca um estado de espírito e físico ideal perseguido por uma massa de indivíduos de todas as idades. Trata-se de uma identidade social comunicada e reconhecida na medida em que os indivíduos consomem os signos-produtos da indústria da juventude. No caso do grupo estudado, as garotas apresentam um perfil de consumo voltado para a moda, vestuário, música, tatuagens, pircings, entre outras referências, que aludem a uma cultura juvenil.

Temos, então, duas perspectivas centrais que envolvem a questão da juventude: a juventude como período da vida do indivíduo, relacionado ao desenvolvimento psicobiológico e ao grau de responsabilidade; tido como fase de transição entre a não-responsabilidade e a responsabilidade social plena. E a juventude como um complexo de representações fornecidas principalmente pela mídia, cujos signos e símbolos são manipulados no domínio do consumo e introjetados por cada pessoa, que lhes dá um sentido. Esse trabalho se situa privilegiadamente na segunda perspectiva, por entender que é a que pode melhor se adequar a um estudo antropológico que procura situar a anorexia em sua expressão na cultura de consumo.

Na cultura de consumo, a moda, ao mesmo tempo em que procura tornar as pessoas únicas, que presa pelo singular; quer também agregar os iguais, oferecendo uma ponte de comunicação silenciosa através de toda a carga simbólica que é capaz de transmitir. Para Baudrillard (1996: 122), ela pode ser comparada à linguagem, pois visa de imediato a sociabilidade. Ainda segundo o autor: “a moda se aprofunda quando se torna encenação do próprio corpo, quando o corpo se transforma em meio da moda”.

A magreza aparece nas classificações do discurso midiático como o “in”, ou seja, o que está dentro da moda, em conformidade com ela; do contrário, a gordura e todo o estigma a ela associado (sujeira, decadência, velhice, mau gosto, desleixo, preguiça, sedentarismo, imobilidade etc) estão no “out” das colunas jornalísticas, aquilo que está fora da moda, à margem do que é culturalmente valorizado.

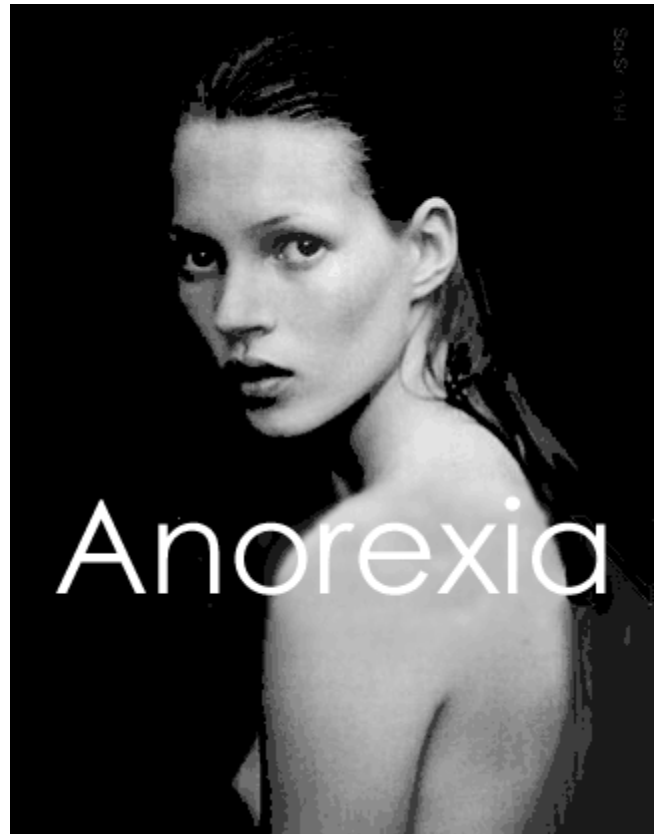
No final do século XX a obesidade torna-se um critério determinante de feiúra, representando o universo do vulgar, em oposição ao elegante, fino e raro. A gordura opunha-se aos novos tempos que exigiam corpos ágeis e rápidos. A magreza tinha mesmo algo de libertário: leves as mulheres moviam-se mais rapidamente, cobriam-

se menos com vestidos mais curtos e estreitos, estavam nas ruas.(DEL PRIORE, 2000: 75).

Nos sites e blogs pró-ana, as fotos de modelos e atrizes de fama internacional parecem unificar o tipo de corpo desejado pelo grupo. Assim, os personagens se repetem: são ícones para o movimento, como, por exemplo, Kate Moss, modelo de fama internacional, assim como Juddy Kidd, e, entre as brasileiras, Gisele Bündchen é, sem dúvida, a de maior destaque. O termo utilizado para designá-las, “*thinspiration*”, já indica o tipo de relação estabelecida com essas imagens – servem como inspiração. Além disso, essas imagens trazem consigo uma orientação moralizadora, ao indicar o modelo a ser atingido e, dessa maneira, o meio para atingí-lo.

“Aí gente, tô bem contente... Sabe, hoje na escola é dia que vende lanche pra pagar no fim do mês, ou seja não precisa de dinheiro. Putz, tava me vendo sair do regime, tava até triste, mas aí você não sabe, meu fichário caiu, e abriu bem em uma página em que a Gisele estava na foto, aí fiquei olhando e pensando "putz, cara, mas demora para eu ficar assim se eu continuar comendo assim", aí me bateu uma tristeza. Mas, cara, isso foi bom, eu acabei saindo da fila, não comi o tal lanche, e deixei de consumir varias calorias..”

“Eu nunca quiz ser comparada com ninguém, dizer que eu deveria me preocupar em ser gostosa em vez de querer ossos no corpo, eu quero ser única, e eu tenho certeza que vocês querem ser, e se eu olho uma foto da Kate Moss e invejo-a positivamente, é porque ela é o melhor que pode existir, e ela e me inspira, e vale também lembrar, que quando eu falho, e erro, com certeza eu vou me entristecer, mas não me entregar, enfretar a derrota com a cabeça erguida, e isso que nos mantém firme.”



Kate Moss, cuja imagem é utilizada de forma panfletária pelo grupo.

Como visto nas narrativas anteriores, os corpos das modelos são *corpos exemplares*. Corpos extremamente jovens, delgados, rijos. São os “corpos modelos” que habitam as vitrines, e são infinitivamente reproduzidos nas telas eletrônicas e nas páginas brilhosas das revistas. O perfil esguio, de longas pernas e ventres torneados, parece repelir os excessos da sociedade contemporânea com sua magreza, exprimindo um trabalho árduo e disciplinado sobre o próprio corpo.

Assim como as modelos, astros da TV e do cinema que apresentam histórico de anorexia têm grande prestígio no grupo. Como é o caso da atriz norte-americana Mary-Kate Olsen, irmã gêmea de Ashley Olsen, que recentemente revelou “sofrer” de anorexia, cujas imagens são vistas com grande frequência nas páginas do grupo.

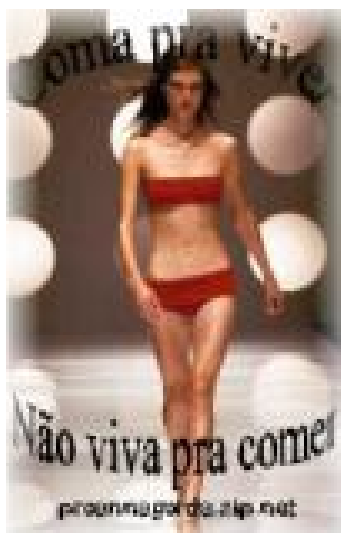


Imagem estampada em camisetas

As fotografias de modelos – *thinspirations*- vêm sempre acompanhadas de comentários como, por exemplo, “*Corpo perfeito, demais para mim*”, “*Um dia conseguirei ser assim*”, “*Olha essa barriga !, perfeita*”. São de fato imagens–guia, programas, moldes, top-models, projetos de *self*. São corpos que materializam códigos, normas e projetos que devem ser executados. São simulações que atuam como reguladoras do comportamento. A simples presença dessas imagens atua como mecanismo moralizador: ostentando os frutos vitoriosos de uma abnegação que todos deveriam imitar: dietas, musculação, cirurgias plásticas e toda uma cartilha de cuidados e privações.



O corpo ideal das modelos é aquele que traduz a idéia do valor da busca disciplinada por uma imagem ideal, representa uma vitrine da disciplina e da aceitação dos padrões ideais valorizados socialmente. Novas normas sociais requerem novas formas de personalidade, de socialização, de se organizar a experiência (LASCH, 1983: 76). A própria experiência de “estar-no-mundo” dentro de um corpo passa a ser conformada pela necessidade de experimentar e moldar o corpo de acordo com uma imagem ideal. Nesse sentido, a anorexia pode ser vista como um distúrbio que se origina da própria experiência feminina no mundo, em que esses códigos de magreza e juventude passam a reger a relação das mulheres com seus corpos e seus *selves*.

3.5 Um discurso libertário: “Controle é o que realmente importa quando se é pró-ana”

Não é de hoje que o discurso libertário sobre o corpo ganha tons de luta política, principalmente, no que diz respeito às relações de gênero. O corpo como terreno de embate e luta contra as demandas sociais predominantemente masculinas. Nas últimas três décadas, o “corpo dócil”, sinônimo de feminilidade, passa a ceder espaço a novas caracterizações, baseadas em outros pressupostos, aquém da caricatura passiva e frágil do corpo feminino.

O *body building*, tão em voga a partir dos anos 80, oferece novas possibilidades de construção de um corpo que foge ao esteriótipo de feminilidade. Trata-se de corpos que, ao se transformarem, através da adesão às práticas de musculação, da ingestão de produtos orgânicos industrializados (proteínas, fibras, aminoácidos, hormônios, etc), além da dieta voltada para o ganho de massa muscular, têm o poder de provocar uma confusão em torno das características de gênero corporificadas. Essa possibilidade de escolha da imagem corporal tem provocado o rompimento das fronteiras entre os sexos, como atesta Haraway (2000), que aponta para uma liberação social, cultural e sexual, por conta das possibilidades de transformação corporal, acelerada pela utilização dos recursos tecnológicos disponíveis atualmente.

Engajadas em práticas rigorosas (dietas de baixíssimas quantidades de calorias, jejuns, exercícios pesados, ingestão de laxantes, entre outros) de submissão do corpo ao desejo de perder peso, essas mulheres elaboram um discurso no qual a adequação do corpo aos seus padrões de perfectibilidade recebe o *status* de causa libertária. A libertação da consciência, da alma ou identidade de um corpo que aprisiona, por sua imagem inadequada e suas necessidades fisiológicas, revela uma alma ou mente enclausurada em um corpo simbolicamente débil: “A anorexia trouxe liberdade e vida a uma alma já morta”. A Ana, segundo outro depoimento “*Pode até parecer uma prisão às vezes, mas é uma prisão que te liberta de si mesma*”. Nesse caso, a prisão de um corpo acima do peso desejado é mais algoz do que o aprisionamento a um estilo de vida baseado na supressão da dor, do desejo e da necessidade.

.A idéia de que a Ana é capaz de fazer a pessoa se enxergar cada vez mais gorda é descrita, pelos médicos, como “distorção da imagem corporal”, considerada importante sintoma da patologia dos transtornos alimentares. No discurso dos sujeitos pesquisados, a idéia de que a “Ana” ou a “Mia” possam levar a pessoa a se enxergar mais gorda do que realmente é faz da opção de adotar o estilo de vida pró-ana/mia um jogo arriscado: se o sujeito perde completamente o controle, corre o risco de emagrecer a ponto de colocar a vida

em risco e, pior, de ultrapassar o limite da magreza desejável, associada à beleza, e deixar de aproveitar as vantagens do emagrecimento, a razão para se tornar pró-ana/mia inicialmente

As narrativas de Ana ilustram os dilemas experimentados por jovens mulheres na cultura contemporânea, ou seja, a ênfase nos ideais hegemônicos de beleza feminina e a necessidade de atuar na negociação de suas identidades. É nesse sentido que as narrativas pessoais femininas, como as narrativas pró-ana, podem falar sobre condições sociais do gênero e, ao mesmo tempo, propõem novas estratégias para a existência feminina, capazes de subverter as normas hegemônicas de controle sobre seu corpo e sua identidade, produzindo uma rebelião em torno das relações de poder. A Ana, nesse caso, é encarada como uma estratégia de agência.

“a maioria das Anas não são adolescentes mimadas que vcs acham e sim mulheres inteligentes que se formaram e e estão aí se destacando no mercado de trabalho, na televisão, nas revistas de modas e até em consultórios, escritórios, faculdades , salas de aulas etc. A nossa diferença em relação a vcs é que lutamos por nossos sonhos, nossas idéias. se nosso objetivo é ser magra fazemos tudo para isso. Se nosso objetivo e ser bem sucedida, agente também sabe lutar” A. M

Turner (1996: 109) identifica o fenômeno da anorexia enquanto produto de contraditórias pressões sociais em mulheres de famílias abastadas e uma ansiedade direcionada à superfície do corpo, em um sistema organizado em torno do consumismo narcisista. Para o autor, doenças como histeria e anorexia são manifestações das localizações sociais da sexualidade feminina, e, mais precisamente, doenças associadas ao papel social subordinado da mulher.

Entre os fatores destacados no desenvolvimento da anorexia, o controle familiar sobre o corpo das filhas mulheres, da alimentação à sexualidade, culminando em um conjunto de expectativas sobre o êxito social das filhas, se mostra insuficiente para explicar a anorexia, quando situado apenas no espaço privado da casa. Contudo, é necessário entender que esses espaços privados são também determinados pela estrutura social mais ampla. A própria estrutura dessas famílias pode ser entendida como produto de relações patriarcais, que torna o corpo das mulheres o alvo privilegiado de controle por parte da família. Conseqüentemente, é necessária uma conexão entre o domínio privado e o público. Sennett (2001) entende que o poder pressupõe uma dicotomia entre razão e desejo, que corresponde ao domínio público e

privado. A autoridade do homem sobre a mulher é, assim, legitimada, como a autoridade da razão sobre o desejo.

A recusa em comer aparece como uma oposição ao controle familiar sobre a alimentação e dá ao indivíduo algum controle sobre o próprio corpo. Entretanto, a escolha dessas garotas como uma deliberada estratégia de autonomia instaura um paradoxo, apontado pela crítica feminista, vez que esse posicionamento de controle sobre o corpo, que resulta do domínio sobre a comida, purgações e outras estratégias de emagrecimento, constitui um modelo baseado nas contraditórias expectativas de beleza vigentes na sociedade de consumo, em que prevalecem critérios estéticos masculinos (CHERNIN, 1983). Ao menos no que se refere aos símbolos de feminilidade, como: leveza, delicadeza e controle. Ao mesmo tempo, a linguagem de protesto lançada por essas mulheres visa afirmar o domínio sobre seu próprio corpo, percebido, muitas vezes, como a única instância em que possuem algum controle.

*“é o controle que tem que ser alcançado, é a minha necessidade maior, eu descobri que regulando minha alimentação eu posso me equilibrar em tudo, sentir como se eu estivesse em um lugar alto vendo minha vida, com uma perspectiva um pouco mais abrangente. Eu perdi o controle de muita coisa na minha vida, controlar o que eu como é o que tenho feito.. eu não preciso vir aqui é esnobar números, ou um baixo imc, porque na verdade os números me incomodam na hora de vestir as calças, na hora de olhar a garota do espelho, porque agora, o que me importa mesmo é estar de estomago vazio, e saber que não vou comer nada, e que as calças vão ficar muito largas, e vou poder comprar um número menor e sentir apertada, pra ficar larga de novo.... Queria deixar claro, não me escondo através da anorexia, não faço apologias, não tenho nenhum segredo que você não possa descobrir dentro de você, não quero em hipótese nenhuma agradar homens ou a sociedade, eu dou tão pouco valor e importância se os homens vão me desejar, eu faço isso por mim mesma. Isso tudo tem feito eu levantar minha cabeça, continuar, e acreditar que realmente os sonhos não são impossíveis.
.” N.*

Considero que o principal paradoxo da anorexia está em se caracterizar como uma forma de protesto e resistência, uma rebelião contra a autoridade familiar, através de uma ação de desobediência às regras (familiares e sociais) que, paradoxalmente, reproduz os

padrões de beleza feminina calcados sobre valores e concepções masculinas. Nesse sentido, considero de suma pertinência a observação de Turner:

A forma da mulher é símbolo de seu caráter. Uma mulher obesa não é simplesmente gorda; é também fora de controle. Controlar o corpo da mulher é controlar suas personalidades, e representa uma ação de autoridade sobre o corpo no interesse da ordem pública organizada em torno de valores masculinos do que é racional. (1996: 190).

Apesar de se caracterizar como uma busca por liberdade individual e por individualização, esse rigoroso asceticismo da imagem corporal perfeita é fortemente determinado pela cultura do narcisismo, pelo consumismo e por valores morais tradicionalmente ligados à ordem masculina (controle, disciplina, poder e determinação). É, afinal, uma resistência que se apóia na realidade que combate.

Superar os apetites do próprio corpo é entendido como o triunfo da razão sobre o desejo: “*Você não precisa de comida quando aprende a utilizar mais o cérebro que o estômago*” é um dos slogans do grupo. Esse tipo de pensamento representa claramente uma visão cartesiana, que enfatiza as atividades mentais em detrimento da materialidade corpórea, ainda que sobre o corpo recaia a responsabilidade de representar o indivíduo ao mundo, externando sua subjetividade. Ou seja, a perspectiva lançada por essas mulheres reitera a noção de corpo-objeto, do corpo dócil à “escolha racional”, mas é ao seu proprietário que caberá a tarefa de transformá-lo e conformá-lo ao seu desejo pessoal, mesmo que culturalmente represente um desejo “bizarro”, classificado como patológico, pois mesmo reiterando o modelo aceito culturalmente, ao exacerbá-lo, contraria a ordem social.

É o poder pessoal que governa o corpo e não mais o poder do Estado e das instituições sociais. Contudo, essa busca por satisfação pessoal aparece diretamente relacionada à construção de expectativas e concepções adquiridas pelo indivíduo no seio de sua cultura, a qual agrega valores e simbolismos ao corpo que, por sua vez, orquestram os desejos e ansiedades que se disfarçam em escolhas pessoais. Não estou negando, com isso, a capacidade de reflexão e agência dos sujeitos, mas procurando reconhecer que as intenções individuais, inevitavelmente, fazem parte de um leque de possibilidades, de certa maneira previsto pelo sistema, que gera ou, no mínimo, estimula a produção dessas intenções e desejos. O corpo, como *locus* do controle social (FOUCAULT, 1997), é construído por discursos e práticas que operam, no indivíduo, a partir da sua subjetividade, no momento em que fornecem os sentidos necessários à ação.

Isso não significa que os sujeitos estão engendrados em processos mecânicos de projeto-produto cultural, mas reconhecer que os significados são construídos na relação dinâmica e dialógica entre cultura e indivíduo. É nesse sentido que a análise da anorexia que este trabalho propõe entende que o desejo de magreza não é simplesmente uma busca irrefletida pela modelação do corpo às imagens fornecidas pela moda e pela mídia a cada estação, mas que paradoxalmente representa o anseio de incorporar valores ligados ao poder, que tornarão o corpo hábil a falar sobre o *self*.

“perspicácia também é importante. Aliás, controle, equilíbrio e muita paciência são fundamentais para qualquer Ana. Acreditem em si mesmas. Se você acredita já andou metade do caminho. É o primeiro passo para sua conquista pessoal.”D.

Esses são os requisitos necessários à conquista da magreza - objetivo e projeto de vida de uma Ana. O corpo aqui é da ordem da natureza, numa perspectiva cartesiana, e, nesse sentido, deve ser “colonizado” pela racionalidade dos sujeitos “autorizados a se tornarem como que senhores e possuidores da natureza” (DESCARTES, 1979: 69). O corpo feminino, assim como as emoções, os apetites e os desejos carnis, são associados tradicionalmente ao domínio da natureza.

É dessa maneira que a necessidade de controle sobre o corpo, o cálculo meticuloso dos componentes dos alimentos, a divulgação de metas e planos de emagrecimento reforçam a idéia de uma construção do *self* baseada em pressupostos instrumentais relacionados à moral masculina. Sendo assim, condutas que podem construir um modelo de corpo socialmente ilegítimo são desencorajadas. Hayles (1999) enfatiza a idéia de que a noção de sujeito centrado na razão conduz a condutas extremas de controle corporal, como na anorexia nervosa. A relação desse grupo de mulheres com seu corpo ocorre sob a égide do domínio de si. Nesse sentido, envolver-se em práticas altamente ativas e coordenadas de controle sobre o corpo proporciona o crescimento da autonomia pessoal, em oposição ao controle familiar, adquirindo contornos de uma rebelião (TURNER, 1996). Esse posicionamento ao nível ideológico é a tônica do discurso pró-ana:

“se venceres a ti perfeitamente, vencerás facilmente tudo mais. Vitória é triunfar de si próprio”M.

“Eu acredito em controle, é a única coisa capaz de trazer ordem ao caos que é o meu mundo” NT.

O ideal de perfeição propagado pelo grupo pressupõe um projeto de *self* altamente regulado, para o qual a restrição alimentar severa, os exercícios pesados, as técnicas de purgações, o que, enfim, significa grande tolerância ao sofrimento, têm funcionado como uma metáfora cultural de determinação e fortaleza moral (BORDO, 1993). Em uma espécie de manifesto contra as concepções declaradas por especialistas e leigos, tanto em veículos midiáticos, quanto em suas próprias páginas pessoais, N.D. se refere à moda:

“Eu não tenho nenhum desejo oculto em ser modelo ou em ser igual a uma modelo. Mas preste atenção às dificuldades da profissão. Alexandre Herchcovitch não aumenta um centímetro das roupas q faz, é o q ouvi falar, e a modelo q se descabele para caber lá dentro até o dia do desfile se não não tem trabalho. Não precisa ser "gênio" para ver q isso é cruel. Nós vemos também. Mas a questão que tanto nos causa fascínio é o controle q elas têm sobre o corpo e a comida, conseguindo viver sob essas condições.

Adimiramos a força delas. Não somos exatamente vítimas coitadinhas de uma moda malvada. Inspiração é uma coisa, piração é outra completamente diferente”B.

A distorção da imagem corporal como um dos sintomas principais no diagnóstico da anorexia não me parece algo tão simples de ser definido, como tem feito a maioria das abordagens sobre o tema, na área de saúde, freqüentemente considerada como uma entidade patológica que não precisa ser problematizada. Tomando como base a noção de que a imagem corporal é construída em uma relação dialógica com o mundo social no qual o individuo se insere, são as relações cotidianas que desempenham o norte orientador para a constituição da imagem corporal de um sujeito. A imagem obesa percebida pela anoréxica não é simplesmente um delírio, um tipo de distorção do pensamento fechado sobre si mesmo. Considero que a imagem corporal é a revelação de uma identidade, de um sujeito, na história de suas relações concretas, nasce da inter-comunicação e das trocas sociais entre os indivíduos. Nesse sentido, concordo com Schilder (1999: 311), quando afirma que “nossa

imagem corporal só adquire suas possibilidades e existência porque nosso corpo não é isolado” e a estruturação da imagem corporal se dá no contato e na troca contínua com outras imagens corporais. Ou seja, o olhar sobre si é construído na relação com o outro. Sendo assim, como afirma Bordo (1993) o que acontece com uma anoréxica não é apenas uma percepção distorcida da imagem corporal; trata-se, antes, de um aprendizado acerca dos padrões culturais dominantes de como perceber seu corpo. Se tomarmos a perspectiva foucaultiana do olhar controlador, encontraremos um olhar vigilante sobre a aparência e, concomitantemente, aos valores ligados ao corpo, que não se restringe às instâncias externas ao indivíduo, mas se constitui a partir do seu próprio olhar, orientado por uma cultura que atribui à aparência física um caráter determinante de socialização. Depoimento já citado anteriormente, ilustra a percepção do grupo em relação a essa idéia de construção do olhar através dos valores e regras que penetram o corpo na cultura contemporânea. Assim, vale a pena citar novamente:

Construi esse blog como um desabafo de todas as injustiças que nós mulheres sofremos constantemente por essa sociedade hipócrita que tem como ideal de beleza Gisele Bundchen, Ana Hickman, e tantas outras..., eh mto difícil sobreviver numa sociedade em que a beleza eh somente cultuada pela magreza, ã importa se vc tem um rosto bonito ou se vc eh medica, advogada, aluna exemplar, ser uma pessoa maravilhosa por dentro se vc ã eh magra por fora. Desde do dia que vc nasce vc eh submetido e imposto a ser magro, se vc ã for, ai, ai, ai complica tudo e aí vc TEM que se adequar ao que eles chamam de PERFEIÇÃO. Só as magras vencem, soh as magras tem os melhores empregos, os melhores maridos, os garotos mais bonitos e os namorados perfeitos, ate mesmo soh as magras, só elas tem o direito de ter os garotos mais populares da escola (quem nunca passou por essa fase?), concordam comigo?, ainda ã acabou ã..., eles ainda tem a coragem de chamar a ANOREXIA NERVOSA, nossa querida, amavel e amiga ANNA, ANINHA..., nossa ANINHA de doença, doença?, como pode ser doença, se foi por causa desse pessoal hipócrita que vivemos ao lado da anna?, são mto sem vergonha essas pessoas que falam que a nossa aninha eh uma doença, ã eh ã, a anna eh um ESTILO DE VIDA, ou mais do que isso uma CONSEQUENCIA a todas as injustiças feitas pela nossa sociedade que temos que viver, sabe porque?, pq se vc ã eh magra vc ã perfeita, se vc ã eh perfeita vc ã pode viver nesse mundinho ã... Todos pelo resto de nossas vidas tentam nos mostrar, mas ngm tem coragem de admitir, mas ta escrito na testa de cda um: "O MUNDO ã EH FEITO PARA GORDOS", pq?, pq gordo eh nojento, gordo ã merece respeito, gordo ã eh gente, isso eles ã tem coragem de falar, agora dizer que a aninha eh doença, ah, isso sim eles tem coragem de falar. Jah imaginou uma miss gorda?, ou uma modelo do sp fashion week gorda?, jah imaginou a luiza brunet gorda?, ou uma capa de uma revista com uma mulher gorda, pior, uma protagonista de novela gorda?, então eh isso que nos vivemos mininas e somos obrigadas a sobreviver. Temos o mesmo ideal e pelos mesmos motivos. Eu criei esse blog pq sou sim ANNA, com mto orgulho sim senhor, pq?, pq eu cansei de ter ao meu lado aquela menininha insegura, q se acha feia e GORDA, sabe pq?, porque desde mto cedo ela me persegue, aos 9 anos eu gostei de um garoto, sabe o que ele disse pq ã ficava comigo?, pq eu era gorda e feia, e sabe com quem ele

ficou?, com a minha melhor amiga, magra, magerrima, pra falar a verdade um palito, e ela por sua vez fazia questão de falar pra mim todos os dias que ela tava com ele pq ela era magra e eu era gorda, nojenta, isso enfim passou..., depois comecei a desfilas, bem eu tinha um corpo razoavel, uns 61 kg, mas me ousei participar de um concurso de beleza, ã sendo metida, mas era a que tinha o rosto mais bonito, a unica loira, e a unica que tinha olhos verdes, mas sabe pq eu ã ganhei?, pq a garota que ganhou era magra, ã era loira, nem tinha olhos verdes como eu, era mais baixa do que eu, o rosto horrivel, era unica que eu tinha a certeza que ã conseguiria ganhar, mas sabe pq ganhou?, pq era magra. Tem um episódio tb que quando eu pesava 70 kg para o meu 1,60m (naquela época), cheguei numa loja fui exprimentar uma roupa super coladinha, tava toda animada pra ir num show que eu tanto sonhava em ir, sabe o que uma mulher falow pra mim?, vc ã acha que ta mto fofinha pra essa roupa ã?, sabe o que eu fiz?, troquei de roupa, sai da loja, nem quis mais comprar nada, apenas concordei com ela, abaixei a cabeça e no banco de tras do carro do meu padrasto, voltando para casa eu chorava comendo um saco de biscoito. Eh por essas coisas que eu ã quero mais voltar a ser gorda, hj se tenho meus 49 kg, foi por esforço meu, somente meu, mas ainda ã ta bom sabe pq?, pq ainda ã cheguei no IDEAL GISELE BUNDCHEN e por esse motivo mtas vezes antes de dormir choro por me odiar em ã ter o corpo dela, por ã ser MAGRA que nem a ela. Esse blog eh dedicado a vcs mininas que como eu sofrem por causa dessas coisas e mtas outras mais que a nossa sociedade faz questão de nos apresentar.

A anoréxica, através de seu protesto inconsciente, está denunciando uma cultura que despreza e suprime a fome feminina, uma cultura que transforma seu apetite e necessidade em motivo de vergonha (ORBACH, 1985). Ou seja, ela realiza um discurso político, ainda que não intencional, ao denunciar os ideais culturais que persegue. Funciona paradoxalmente como se estivesse em conluio com as condições culturais que a produz, reproduzindo, em vez de transformar, justamente aquilo que provoca o protesto (BORDO, 1997: 30).

Palavras de ordem estão sempre presentes nos blogs pró-ana, que procuram refletir a condição necessária para fazer parte do grupo: como, por exemplo: *Seja forte, determinada e controlada!*, diz D. Ou, como sugere um dos slogans do grupo: *“Seja Livre, seja magra!”*, cujo tom imperativo revela um dos pontos de sustentação do grupo, o discurso da liberdade. O sentido libertário da magreza é evocado, insistentemente, por este grupo de mulheres que defendem a anorexia como um estilo de vida, requisitando o direito sobre seu corpo e a liberdade de transformar sua aparência, impondo-se o sacrifício da dieta alimentar rigorosa, da abstinência temporária de alimentos e das sessões de vômitos auto-induzidos. O conceito de liberdade presente na fala do grupo parece estar relacionado à idéia de que o homem é livre para fazer o que quiser e viver como quiser, tendo seu corpo como referencial absoluto no mundo (PITTA, 2001: 30).

O controle absoluto sobre o corpo é tido como a grande vitória; oposto a isto, o descontrole e a falta de disciplina sobre os apetites denotam fracasso, derrota, falta de

capacidade para conduzir o próprio destino, o que reforça a interpretação de que o problema pode estar relacionado a uma noção particular de sujeito centrado na razão. O corpo vai se projetar como ameaça, como lugar de irracionalidade e, concomitantemente, como lugar de censura e soberania do ego (LE BRETON, 2000). Assim como no depoimento anterior, a próxima fala trata de uma construção do *self*, intimamente relacionada à condição anoréxica.

“...aquilo que, no início, eu poderia até chamar de "grande problema", faz, hoje, parte da minha vida, parte de quem eu sou, parte de mim. Eu escolhi viver com a minha dor porque é ela quem me define, é ela quem me faz forte, é ela quem faz com que eu seja uma pessoa admirável, decidida, bem-sucedida, inteligente, persistente, etc, etc. Sem o meu TA, eu não passaria de uma pessoazinha sem graça, na-média, depressiva e sei lá mais o quê. Posso dizer que, há uns anos atrás, havíamos eu e o meu TA, e que tínhamos que conviver em um mesmo corpo. Mas hoje isso não acontece mais. Hoje, nós nos fundimos em um único ser, uma única existência. Não há como nos separar. Eu não sei viver sem me preocupar com o meu peso, sem subir na balança mais de 5 vezes ao dia, sem controlar tudo o que eu como. Ao controlar a minha comida, eu controlo todas as áreas da minha vida. “O meu anseio de perfeição é muito superior ao do corpo, mas é ele quem me impulsiona ao perfeccionismo absoluto, em todas as áreas da minha vida” V.G

Estamos falando, portanto, de uma identidade corporificada. Não só a aparência corporal, como todo o repertório de práticas que utilizamos para dar-lhe sentido atuam como elemento central na construção do *self*. Assim, o *self* anoréxico se constitui a partir da abstinência, da dor da fome, do incômodo, da superação de limites e do poder sobre a transformação de seu corpo. Do controle expresso na magreza/no osso.

Entendemos que a anorexia representa uma exacerbação de um modelo de feminilidade alicerçado sobre valores tradicionalmente ligados à moral masculina; contudo, isso não significa um processo de busca por masculinização, ou negação da feminilidade, constitui, antes, uma adequação a um dos modelos de feminilidade que circulam e concorrem no seio de uma cultura. Nesse sentido, a anorexia se mostra interessante, porque justamente levanta o problema de conciliação entre uma fenomenologia do corpo sexuado e a idéia de construção social do gênero, pois é uma condição vivenciada corporalmente, que expressa fisicamente o gênero e as relações de gênero, corporifica a diferença e anuncia o conflito de noções de feminilidade.

Então falo um pouco mais sobre a doença em si. Nem toda anoréxica é pró-ana. Mas as pró-anas q são anoréxicas têm completa consciência da doença que portam, podem ter certeza. Nós sabemos exatamente quão negra essa doença pode ser, várias dentre nós tomaram caminhos q as levou à morte. Mas isso não significa q todas nós teremos o mesmo fim. Dentre as pró-anas existem pessoas (como eu) que procuram tomar bastante cuidado para não adoecer, ficar cada dia melhor. Essas pessoas prestam atenção àquilo q o corpo "diz", às necessidades básicas do organismo, experimentam seus próprios caminhos para chegar à sua meta. Portanto, eu afirmo: A anorexia é uma doença sim, tem seu lado negro e triste, sim. Porém, se combinada com responsabilidade, autodeterminação, força de vontade e uma enorme disciplina, essa doença pode ser controlada e usada para alcançar objetivos seguros de quem as porta.D.

Ao mesmo tempo em que as “pró-anas” exaltam a liberdade do corpo hipermagro, percebe-se que tal liberdade é marcada por forte controle sobre o corpo. O corpo desejado só é possível quando se reprimem desejos e pulsões. Embora o corpo possa proporcionar novas formas para a existência feminina, ele também pode materializar um forte controle social (MÉLO, 2003). Isso pode ser percebido na fala a seguir: “A minha resposta a todos que me chamam de gorda será minha magreza. Meus ossos responderão por mim e nesse dia eu serei feliz” (Miss Ana)⁵. O atual culto ao corpo provoca uma padronização estética que constrange as pessoas cujo corpo apresenta indícios de gordura, e isto parece ser bem internalizado pelas anoréxicas. Numa cultura em que se rejeita a possibilidade de ser feliz acima do peso, o corpo “gordo” não tem outra saída a não ser submeter-se, na tentativa de conseguir algum lugar na vida social. Interessante notar que ao justificarem suas “escolhas”, as pró-ana procuram tecer suas críticas aos próprios ideais culturais que perseguem.

Portanto, o processo de aquisição de uma identidade acontece em um sistema de confirmação cultural e não apenas como uma escolha deliberada e despojada de qualquer vínculo social, tornando problemática a noção de protesto ou rebelião na construção da identidade e do corpo anoréxico, por referir-se a uma identificação com demandas sociais já existentes.

A construção do corpo e do *self* a partir de noções de feminilidade permite a leitura da performance de feminilidade exibida por esse grupo de mulheres anoréxicas como uma caricatura dos atuais critérios que produzem e submetem os corpos que se fazem femininos.

⁵ Codinome usado no blog. Os codinomes, ou os chamados nicknames, fazem associação com a anorexia: “Ana” e produtos dietéticos, ou ainda com termos ligados à moda, entre outros.

“Só existe um caminho para a minha felicidade; só existe um alguém que eu quero que me respeite: ANNA, minha amiga, minha obsessão, eu vou voltar! Eu vou ser mais forte, eu vou te dar muito orgulho! A verdade é que sem você eu sou apenas um rascunho de mim mesma. Eu não existo sem você. Você é parte integrante desse ser que caminha sobre esse planeta” G.

“Só sou feliz quando estou magra, mas já fui magra e não era feliz, queria ser mais magra, então, eu só sou feliz quando estou emagrecendo...eu odeio ser e/ou estar gorda”V.G

“Meninas eu queria lembrá-las que não importa aonde já chegamos com todos os nossos ideais pro-anorexia, o que importa é pra aonde agente está indo... e quem diz que isso é destrutivo, pode até estar certo, anorexia mata, mata sim, mas estamos buscando aquilo que nós chamamos de perfeição” N.T

Trata-se de um *self* que se constitui não apenas nas práticas e nas metas estabelecidas, mas, principalmente, no processo de construção do corpo, mais do que no resultado, em sua busca.

A fome e a restrição alimentar, a que a anorexia conduz, ganham um significado particular para uma anoréxica:, vencer a fome transforma-se numa questão de valor pessoal, uma vez que ela sente que o seu valor é medido de acordo com sua capacidade de suportar esse sacrifício. O desejo de ser magro transforma-se num desejo de se impor ao seu corpo. A dieta passa, nesse caso, a ser um comportamento auto-reforçador da identidade. É nesse sentido que a fala de uma menina que se declara ex-anoréxica insinua:

“Tem dias que resolvo parar de comer, aí passo o dia sem nada...mas no outro dia não agüento mais...percebeu? virei uma pessoa normal...naum quero!!!quero ser doente! Quero chamar atenção, quero que me digam ‘olha a finura do teu braço!’ como era antes...agora que não sou mais anoréxica me sinto meio fora, entende? Quem sou eu? Como vou me definir? Como ser uma não-anoréxica?A. A

Ao exacerbar as normas de controle sobre o corpo, as emoções e as necessidades femininas, as pró-ana executam uma prática marginal de resistência ao controle da família, da mídia e das instituições sociais, tomando para si o direito de gerir seu próprio corpo e submetê-lo a seus princípios.

A autonomia e soberania sobre seus corpos se tornam o principal objetivo da adesão à causa pró-ana. Em vários momentos se procura enfatizar que o que se busca é uma conquista pessoal que adquire valor independentemente do olhar do outro, negando que a modelação do corpo seja usada como artifício para a realização afetiva.

Começo com uma pequena indignação: Não entendo pq as pessoas acham que um ideal de beleza (independentemente de qual seja) deve servir apenas para atrair o sexo oposto. Há muito nossos objetivos vitais deixaram de ser a reprodução para perpetuar a espécie humana, portanto, pq essa preocupação massiva com sexo? Ok, ok... Prazer é a palavra de ordem no mundo hedonista e frustrado q vivemos. Mas, palavra de quem já conheceu todo tipo de sexo, posso assegurar que sexo só serve como real fonte de prazer se compartilhado com alguém q aceita incondicionalmente tudo aquilo q vc é. D

“Querida deixar claro, não me escondo através da anorexia, não faço apologias, não tenho nenhum segredo que você não possa descobrir dentro de você, não quero em hipótese nenhuma agradar homens ou a sociedade, eu dou tão pouco valor e importância se os homens não me desejarem, eu faço isso por mim mesma. Isso tudo tem feito eu levantar minha cabeça, continuar, e acreditar que realmente os sonhos não são impossíveis.”N.T

O sentimento de realização aparece atrelado a uma noção de empoderamento. Dessa maneira, as pró-ana procuram negar que a motivação para a transformação corporal esteja ancorada em expectativas de êxito sexual e afetivo. Reafirmam, dessa forma, o sentido de sua luta pessoal, travada através do seu engajamento nas práticas corporais. No entanto, essa idéia contrasta com a preocupação freqüente com o olhar do outro sobre seus corpos, inclusive quando esse outro é objeto de desejo, como na narrativa a seguir:

Gente o verão tá chegando.... vamos pegar isso como mais um incentivo pra gente chegar inde a gente quer....pra todas q estão tristes, desesperadas, desanimadas...CALMA! sigam a anorexia de vcs... do jeito q for, mas nao desistam , nao coloquem tudo a perder...vamos ser felizes!!! com o corpinhu q a gente sempre quis! eu tbm to meio assim por causa de um cara aí q tá me tirando o sono... é foda!!! mas pense assim: ele não me quer azar dele!!! Tome isso como uma força a mais pra emagrecer mais, ficar linda e mostrar pra ele o que ele perdeu!!! é isso que eu to fazendo.... homem é tudo Filho da Puta!!!! (Ca)

As narrativas pró-anorexia nos falam de uma modelação do corpo, guiada por um processo de submissão aos ideais culturais de beleza, aliado a uma série de atributos correlatos, que, por ironia, assumem os contornos de uma rebelião, no momento que

exacerbarem os ideais e as regras preconizadas de relação com o corpo, e proliferarem os discursos críticos em relação a esses mesmos ideais e valores que os submetem. Nesse sentido, apesar de reforçar as normas hegemônicas que regem o ideal de beleza feminina, a criação de uma comunidade a partir da persecução extrema dessas mesmas normas, subvertendo as regras entendidas como adequadas à condição feminina, cria uma paródia baseada nos ideais culturalmente legitimados.

Considerações finais

Devo confessar, primeiramente, minha grande dificuldade em separar o que propus como eixos ou modelos interpretativos para o fenômeno da anorexia. Uma dificuldade que advém da própria relação entre esses eixos, inexoravelmente ligados. A comida e a relação que os sujeitos pesquisados estabelecem com ela estão intimamente conectadas às concepções culturais de *self*. O *self* anoréxico é constituído através do controle exercido sobre as práticas alimentares e corporais, assim como no discurso sobre noções de feminilidade e consumo. O controle, é assim, a palavra-chave na leitura das narrativas pró-ana, o *controle almejado* na construção do corpo e do *self*, que significam, para o grupo, o controle sobre a própria vida. E, como consequência, a *rejeição ao controle* exercido sobre seus corpos e sobre suas vidas, por parte da família, da sociedade e da mídia.

A construção da identidade pró-ana, necessariamente se reveste de discursos, modelos e práticas constituintes da ideologia do grupo, em que fatores como: gênero, geração, consumo e *self* tendem a ser exacerbados.

Em diversos momentos desta dissertação os argumentos e respostas são ambíguos e paradoxais. Por mais estranho que isso possa parecer, a contradição é um aspecto inerente ao fenômeno, ao menos, em minha interpretação. As conclusões e respostas continuam paradoxais e ambíguas, difíceis de aceitar, contudo, de forma alguma este trabalho se propõe esgotar a discussão em torno da anorexia e, mais precisamente, do movimento pró-ana. A própria conceituação do fenômeno oscila, em vários momentos, entre a posição pró-anorexia, que o concebe como um estilo de vida, e todo um conjunto de classificações médicas que o consideram como patologia. Tendo em vista esse problema, ao longo do trabalho as referências se alternaram: ora doença, ora postura ou estilo de vida.

As práticas e simbologias presentes nas narrativas pró-ana, apesar de classificadas como condutas extremas e patológicas na relação com o corpo, conduzem a elementos presentes no discurso social. Ao longo dos capítulos, procurei demonstrar que as mesmas atitudes e sentimentos referentes à comida e ao corpo, que causam tanto estranhamento à sociedade em geral, chegando a ser classificadas como “bizarras”, não se encontram tão distantes do estoque comum de símbolos e práticas recorrentes no contexto cultural mais amplo: a aversão à gordura e ao excesso de peso. O cálculo meticuloso empreendido na busca pelo emagrecimento e toda uma gama de técnicas empregadas para esse fim, com respaldo técnico-científico, nos levam a considerar que as crenças e práticas presentes no

universo pró-ana não estão tão distantes daquelas aceitas e difundidas na cultura contemporânea. Em especial, o código da magreza e os recursos utilizados para alcançá-la parecem dificultar a distinção entre comportamento “desviante” ou patológico e as condutas consideradas normais e legítimas.

A capacidade de restringir a quantidade de comida ingerida e de perder peso traz consigo um crédito moral de amplas conseqüências, com implicações de força de vontade e poder de “resistir às tentações”.

Na história da cultura ocidental essa renúncia esteve sempre associada à negação do prazer e da satisfação sexual, ambos considerados “pecados da carne”. A assim chamada revolução sexual tornou a satisfação sexual quase obrigatória. Mas a sexualidade e a comida continuam associadas, mudou apenas a forma. De maneira bastante clara, a aceitação sexual da mulher depende de sua esbelteza. O elo entre atração sexual e magreza, nas mulheres, é considerado um fenômeno do século XX. As mulheres, nesse momento, devem se conformar a um estereótipo cada vez mais rígido e limitado. Mas, num outro sentido mais profundo e menos evidente, a necessidade da mulher de ser aceita sempre dependeu da capacidade de negar seu corpo e subjugar-lo.

O asceticismo e a complexa história do desejo de homens e mulheres de atingir perfeição moral apóia-se na idéia do dualismo corpo e espírito. Considera-se o lado físico da natureza humana inerentemente pecador e impuro. Ele tende sempre a puxar para baixo, para o nível do impuro e do profano, enquanto o espírito se eleva. O objetivo dos exercícios ascéticos tem sido descrito como o de “libertar a alma da prisão do corpo”.

No caso das mulheres, esse dualismo entre corpo e espírito se reveste de uma carga moral ainda mais forte. Considera-se o corpo das mulheres, mais do que o dos homens, impuro, contaminado e moralmente perigoso. De fato, desde que Eva fez Adão pecar, as mulheres vivem à sombra de nossos perigosos corpos. Na busca de valor moral, as mulheres devem achar uma forma de se dissociar de seus corpos, subjugando-os a numerosas técnicas de modelação, de acordo com os padrões vigentes.

Percebe-se que as defensoras da anorexia estão constantemente preocupadas em adequar seu corpo a um modelo que lhes proporcionará realização pessoal. Nesse sentido, o corpo totalmente magro é a representação fiel dos valores do grupo. É importante ressaltar que essas mulheres interpretam a anorexia como opção de vida, que exprime a capacidade e a habilidade própria de poucas pessoas: vencer as tentações, que só trarão sofrimento, no futuro. Por isso, defendem que é preciso lutar, o tempo todo por seus objetivos. Tendo

consciência de que esta batalha é impregnada de sacrifícios, adotam como lema a perseverança. Essa luta constante para emagrecer aponta para a crença, por parte dessas mulheres, acerca da autonomia sobre seus corpos, uma vez que elas acreditam ter o poder de rejeitar sua própria anatomia e recriar um corpo ao seu agrado, atrelando-o a idéia de construção e afirmação da identidade individual. Contudo, esse processo de modelação do corpo e da identidade emerge a partir de discursos e imagens normativas dos padrões sociais de beleza. As técnicas de manutenção e embelezamento corporal são, nas palavras de Marcel Mauss, eminentemente “montadas por e para a autoridade social” (1974: 231). Embora a responsabilidade pela manutenção corporal recaia sobre o indivíduo, ela é constantemente cobrada pela sociedade, a ponto de ser “*impossível ser gordo e ser feliz ao mesmo tempo*”.

Ademais, as “pró-ana” têm consciência de uma crítica social que abomina seu ideal de magreza total e, no entanto, preferem subverter regras, escolhendo para si mesmas um comportamento alimentar e uma imagem corporal que exacerba o padrão aceito de magreza, causando “horror” à sociedade. Nesse processo, percebe-se que o corpo passa a ter destaque como elemento constitutivo da subjetividade feminina, seja como território de protesto e de luta por autonomia, seja pela sua adequação a um projeto de feminilidade lançado socialmente. De uma forma ou de outra, é a partir do corpo que elas realizam uma performance de feminilidade, são corpos subjetivados que declaram identidades.

Os riscos e prejuízos à saúde corporal atribuídos às práticas e recursos anoréxicos, bem como, a possibilidade de morte, tendo mesmo ocorrido um caso no grupo, são encarados como conseqüências e percalços da luta pró-ana, que, de maneira alguma, a invalidam. Assim sendo, a perspectiva de morte social parece ser mais desalentadora do que a possibilidade de morte orgânica.

A mensagem é clara: a carne pode (e deve) ser trabalhada como uma imagem, para ser exibida e observada, para ser consumida visualmente. A pureza está intimamente ligada à idéia de perfeição e, nesse sentido, todo excesso, toda viscosidade que pareça orgânica demais, deve ser eliminada.

A investigação antropológica dos transtornos alimentares indica que a preocupação com a aparência e o cuidado com o corpo, como mecanismos de valorização social, ocupam um lugar central nesse contexto, atingindo proporções obsessivas. A obsessão com a aparência e a magreza, característica dos transtornos alimentares, está longe de ser uma exceção aberrante, e está profundamente enraizada nos padrões e hábitos considerados socialmente “normais” e “adequados”.

No entanto, é necessário destacar que a força simbólica desse modelo é interiorizada de forma diferenciada pelos indivíduos. Este trabalho supõe tratar de indivíduos que realizam uma maior interiorização das regras e pressupostos desse modelo, assim como, das preocupações sociais com o corpo. Essa interiorização pode ser o resultado de uma assimilação exagerada de certos códigos culturais associados à imagem corporal.

Por fim, mais do que respostas, este estudo pretende somar junto a outros esforços empreendidos na compreensão do fenômeno da anorexia, lançando mão de recursos que permitam “ouvir” os sujeitos que experimentam a condição anoréxica. A Internet, nesse sentido, se tornou um importante veículo de expressão para aqueles que, de fato, vivenciam a anorexia em suas vidas. E por sua vez, possibilitou o acesso a esse universo velado, na maior parte do tempo, em nossa cultura. O que me permitiu apreender os sentidos atribuídos à anorexia fora dos parâmetros médicos, como, por exemplo, em relação à noção de estilo de vida que se opõe a noção de doença, e assim por diante.

Ao empreender minha incursão no universo pró-ana, em que as histórias diárias de conflitos, frustrações, satisfações, constrangimentos, etc, são narradas com a naturalidade de um escrito íntimo, percebi que, por outro lado, essa exposição revela um forte desejo de ser ouvido (a) e de partilhar esses sentimentos. Através das descrições sobre prazeres e sofrimentos relacionados às suas práticas, projeções de corpo e de *self*, desejos e abnegações que atravessam a relação estabelecida com a comida e com o corpo e a construção de uma verdadeira ideologia que embasa toda a *práxis* pró-anorexia, pude acessar não só o movimento pró-ana, mas, principalmente, as histórias de vida dos sujeitos que o constituem.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry (2000). *As origens da pós-modernidade*. São Paulo, Companhia da Letras.
- APPADURAI, Arjun (1990). Disjunção e diferença na economia global. In: Featherstone, Mike (org). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes.
- ARAÚJO, Daniela Ferreira de (2005). *A Pessoa nos transtornos alimentares: elementos de uma economia simbólica*. 29º Encontro anual da ANPOCS- Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais, CAXAMBÚ, 2005. Cd-room
- ARIÉS, Philippe (1995). *História da Vida Privada, vol.III*. São Paulo, Companhia das Letras.
- AUGÉ, Marc (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BAUMAN, Zigmunt (1997). *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Zaar.
- BEAUVOIR, Simone. (1949). *O Segundo sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- BISHOP, Ronald (2001) *The pursuit of perfection: a narrative analysis of how women's magazines cover eating disorders*. The Journal of Communications, 12: 221-240. Taylor & Francis.
- BORDO, Susan. (1993). *Unbearable weight: feminism, Western Culture, and the body*. Los Angeles: University of California Press.
- _____ (1997). O corpo e reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de foucault. In: *Gênero, corpo e conhecimento*. ALISON; JAGGAR; BORDO (orgs), Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos.
- BOURDIEU, P. (1983). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 151-162.
- BUTTLER, Judith (1990). *Gender trouble: feminism and the subversions identity*. New York: Routledge.
- CAMPOS, Roberta; LIRA, Luciana; MÉLO, Roberta.(2003). “*Cuidando de si e do Futuro: estrutura dos sentimentos nas práticas corporais femininas*”. In: VIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, Cd-rom.
- _____ (2004). *À revelia de Donna Haraway ou refabricando fronteiras: a afetividade e os significados de práticas corporais entre homens e mulheres de camadas médias do Recife*. In: VII Encontro de Ciências Sociais, Recife-PE

- CANEVACCI, M (2005). *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos nas metrópoles*. Rio de Janeiro, DP&A.
- CASTELSS, Manuel. (2002) *O poder da identidade a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra.
- CHERNIN, Kim (1983). *The hungry self: woman, eating and identity*, Virago, Londres.
- COBELO, Alicia Weisz.. *De Lasègue à Lacan: O percurso psicanalítico no estudo da anorexia nervosa*. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org>
- CÓRDAS, Táki Athanassius *et al.* *Anorexia e Bulimia; O que são? Como ajudar?*, Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- CRESPO, Jorge (1990). *A História do Corpo*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CSORDAS, Thomas J. (ed.), *Embodiment and Experience: The existential ground of culture and self*, New York: Cambridge University Press, 1994, pp. 27-47.
- DAVIES, Deirdre. *The discourse of Weight Control and the self*.. Tese (Doutorado em Sociologia), 2003, Murdoch University
- DAVIS, C.E. ; YAGER, J. - Transcultural aspects of eating disorders: a critical literature review. *Cult. Med. Psychiatry*, 16: 377-94, 1992.
- DE CERTEU, Michel (1996) *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes.
- DEL PRIORE, Mary (2000). *Corpo a corpo com a mulher: Pequena História das Transformações do corpo no Brasil*. São Paulo: Senac.
- DOMÈNECH, Miguel; TIRADO, Francisco & GÓMEZ, Lucía (2001). “A Dobra: psicologia e subjetivação”, in T.Tadeu da Silva (org), *Nunca Fomos Humanos nos Rastros do Sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, p.111-136
- DINICOLA, V.F.C (1990). *Anorexia multiforma: self starvation in historical and cultural context*, Transcultural Psychiatric Res. Ver. 27.
- DIOGÉNES, Glória (2003). *Itinerários de corpus juvenis: o baile, o jogo e o tatame*. São Paulo: Annablume.
- DOUGLAS, Mary (1970). *Natural symbols: explorations in cosmology*. England: Penguin Books.
- _____ (1996). *Pureza e Perigo*. São Paulo Perspectiva.
- ECO, Umberto (1996). *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva.

- EDMONDS, Alexander (2002). “No Universo da Beleza: Notas de Campo Sobre Cirurgia Plástica no Rio de Janeiro”, in M. Goldenberg (org), *Nu & Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro, Record, p. 189-261.
- ELIAS, Norbert (1993). *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zaar
- FEATHERSTONE, Mike (1995). *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo, Studio Nobel.
- _____ (1991). “The Body in Consumer Culture” in FEATHERSTONE, Mike, HEPWORTH, Mike & Turner, Bryan S. (eds.), *The Body: Social Process and Cultural Theory*, London/ Newbury Park/ New Delhi: SAGE, pp.170-196.
- FREITAS, Ricardo (1998). “Corpo e Consumo: A Estética Carioca”, in N. Villaça, F. Góes & E.Kosovski (orgs), *Que Corpo é Esse? Novas Perspectivas*. Rio de Janeiro, Mauad.
- FREYRE, Gilberto (1990). *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Record.
- FOUCAULT, Michel (1984) *História da sexualidade I e II*. Rio de Janeiro: Graal.
- GARNER, D.M. ; GARFINKEL, P.E. - Socio-cultural factors in the development of anorexia nervosa. *Psychol. Med.*, 10: 647-56, 1980.
- _____ (1996). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1994) *Doença Mental e Psicologia*; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 4ª edição,
- GIDDENS, Anthony (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahaar.
- _____ (1993). *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo, UNESP.
- GOFFMAN, Erving (1975) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1966). *Behavior in public places notes of the social organization of gatherings*. New York: Free press
- _____ (1975). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahaar.
- GOLDENBEG, Mirian & RAMOS, Marcelo S. (2002). “A Civilização das Formas: O Corpo Como Valor”, in M. Goldenberg (org), *Nu & Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro, Record, p. 19-40.

GUATTARI, Felix (1992). *Caosmose: Um Novo Paradigma Estético*. São Paulo, Editora 34.

GUIMARÃES Jr, Mario José Lopes. (2000). *Vivendo no palace: etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Disponível em: (<http://www.bu.ufsc.br/>).

HANNERZ, Ulf (1990). Cosmopolitas e Locais na Cultura Global. In: . Featherstone, Mike (org).: *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade* Rio de Janeiro, Vozes.

HAYLES, Katherine M. (1999) *How we be come Post-Humane*. Chicago: University of Chicago Press.

HARAWAY, Donna (2000). O Manifesto do ciborgue, in T.T. da Silva (org). *Antropologia do Ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica.

HERSCOVICI, Cecile R. (1997). *Anorexia Nervosa e Bulimia*. Porto Alegre: Artes Médicas

HSU, L.K. - Epidemiology of the eating disorders. *Psychiatr. Clin. North. Am.*, 19: 681-700, 1996.

LASCH, Christopher (1983). *A Cultura do Narcisismo: A Vida Americana Numa Era de Esperanças em Declínio*. Rio de Janeiro, Imago.

LAWERS, M. (1996). Santas e anoréxicas: o misticismo em questão. In: BERLIOZ, J. *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar.

LE BRETON, David (2003). *Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas: Papilus.

LEVI-STRAUSS, Claude (1996). *Uma Sociedade Indígena e seu estilo*, in: Tristes Trópicos. São Paulo: Companhia da Letras.

KELNER, Gilda (2000). *Transtornos Alimentares – Um enfoque Psicanalítico*.

LÉVY, Pierre (1996). *O Que é o Virtual?* São Paulo, ed. 34.

_____ (1999). *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34.

LIPOVETSKY, Gilles (1989). *O Império do Efêmero: A Moda e Seu Destino nas Sociedades Modernas*. São Paulo, Companhia das Letras.

LUZ, Madel Therezinha (2003). *Novas formas de saúde: Práticas, Representações e Valores Culturais na Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro, UERJ/IMS.

MALYSSE, Stéphane (2002). “Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca”, in M. Goldenberg (org), *Nu & Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro, Record, p. 79-137.

MARCUS, George. *Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para*

etnografias. Sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. Revista de Antropologia. São Paulo, USP. N.34, p. 197-221, 1991.

MAUSS, Marcel (1974). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Edusp.

MÉLO, Roberta (2003) *Em um corpo perfeito todo mundo repara: estratégias e submissões do corpo feminino na cultura de consumo*. Monografia de Conclusão de curso, Recife, Departamento de Ciências Sociais.

MILLE, Daniel & SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trindad. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, Janeiro/junho de 2004.

MINTZ, Sidney (2003) Comida e simbolismo: uma breve revisão.
File://D\RBCS\rbc47\rbc47 02. htm.

MOORE, H.L.(2000). *Anthropology Theory Today*. Cambridge: Polity Press.

MORGAN, Cristina Marcondes, AZEVEDO, Angélica M. Claudino. Aspectos sócio-culturais dos transtornos alimentares. *The International Journal of Psychiatry*, 2000.

ORBACH, Susie. Hunger Strike: The Anorectic's Struggle as a Metaphor for Our Age, New York/ London: W. W. Norton & Company, 1986.

ORTEGA, Francisco (2003). *Práticas de ascese corporal e construção de bioidentidades*. Cadernos de Saúde Coletiva Rio de Janeiro, 11 (1)- 59-77.

PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas Teorias Feministas. In: *Gênero e Ciências Humanas: desafios às ciências humanas na perspectiva das mulheres*. Neuma Aguiar (org), Ed. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1997.

PITTA, Danielle P. R. (2001). Metodologias de investigação do Imaginário Social, in: *Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer*, Sebastião Votre (org). Rio de Janeiro: Gama Filho.

QUEIROZ, Renato S. & OTTA, Emma (2000). “A Beleza em Foco: Condicionantes Culturais e Psicológicos na Definição da Estética Corporal”, in R. S. Queiroz (org.), *O Corpo do Brasileiro: Estudos de Estética e Beleza*. São Paulo, SENAC

RAMIREZ-GÁLVEZ, Martha Célia. *Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: fabricando o corpo, fabricando a vida*. Campinas, 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Campinas.

RIBEIRO, Marili & ZORETO, Ricardo, “O Averso de Narciso”, *Pesquisa Fapesp*, n.103, Setembro de 2004.

ROBEL, Suzanne (1997). *A mulher escondida: a anorexia nervosa em nossa cultura*. Summus.

RODRIGUES, José Carlos (1983). *O Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro, Achiamé.

ROHDEN, Fabíola. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

SABINO, Cesar (2000). “Musculação: Expansão e Manutenção da Masculinidade”, in M. Goldenberg (org), *Os Novos Desejos: Das Academias de Musculação às Agências de Encontros*. Rio de Janeiro, Record.

SANSONE, L. (2003). Negritude sem etnicidade, IN: *O local e o global nas relações raciais e na produção de cultura negra no Brasil* Salvador, Pallas.

SANT’ANNA, Denise B. (2001). “É Possível Realizar uma História do Corpo?”, in Soares, C. L. (org), *Corpo e História*. Campinas, Autores Associados.

_____ (2001). *Corpos de Passagem*. São Paulo: Estação Liberdade.

SCHITTINE, Denise (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SEGATO, Rita Laura. Os Percursos do Gênero na Antropologia e para além dela. Série Antropologia 236, Brasília, 1998.

SELVINI-PAZZOLI, M. (1985). *Anorexia Nervosa: A Syndrome of the Affluent Society*. Transcultural Psychiatric Research Review, 22: 199-205.

SENNETT, Richard (1980). *Carne e Pedra : O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro, Record.

_____ (2001). *O declínio do homem público – As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, Ana M. (1999). *Elementos Para Compreender a Modernidade do Corpo Numa Sociedade Racional*. p. 7-29.

_____ (2001). *Corpo, Ciência e Mercado. Reflexões acerca de um novo Arquétipo de Felicidade*. Santa Catarina: UFSC.

SILVA, T. Tadeu da (org). *Nunca Fomos Humanos – Nos Rastros do Sujeito*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

SFEZ, Lucien (1996). *A Saúde Perfeita. Crítica de uma Nova Utopia*. São Paulo, Loyola.

SHOWALTER, Elaine. Female Maladie: Women, madness and English Culture – 1830-1980; New York: Penguin books, 1985, pp.129.

SCHILDER, Paul (1999) *A imagem do corpo: as energias construtivas da psiquê*. São Paulo: Martins Fontes.

SOARES, Carmen L. (1999). “Apresentação”. *Caderno Cedes*, XIX 48.

- SUÁREZ, Mireya. A Problematização das diferenças de gênero e a Antropologia, *in: Gênero e Ciências Humanas: desafios às ciências humanas na perspectiva das mulheres*. Neuma Aguiar (org), Ed. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1997.
- TEVES, Nilda (2001). *Olhares sobre o Corpo no Imaginário Social; in: Imaginário e Representações sociais em Educação Física, esporte e lazer*/Sebastião Votre (org). Rio de Janeiro, Editora Gama Filho.
- TITSCHER, Stefan et. al. (2000). *Methods of Text and Discourse Analysis*. SAGE Publications, New Delhi.
- TURNER, Bryan (1996). *The Body and Society*. London: Sage.
- _____ (1991) “The Discourse of Diet” *in* Featherstone, Mike, Hepworth, Mike & Turner, Bryan S. (eds.), *The Body: Social Process and Cultural Theory*, London/ Newbury Park/ New Delhi: SAGE, pp.157-169.
- VAZ, Alexandre F. (1999). “Treinar o Corpo, Dominar a Natureza: Notas Para Uma Análise do Esporte com Base no Treinamento Corporal”. *Caderno Cedes*, XIX, p. 89-108.
- VALLE, Teresa Del (org). *Gendered Anthropology*. European Association of Social Anthropology, 1993
- VILLAÇA, Nízia e GÓES, Fred (1998). *Em Nome do Corpo*. Rio de Janeiro , Artimídia-Rocco.
- VAZ, Paulo (1999). “Corpo e Risco”, *in* Villaça, Góes e Kososki, *Que Corpo é Esse?* Rio de Janeiro, Mauad
- WACQUANT, Loic (2002). *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- WEBER, Max (1985). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira.
- CID-10 – Critérios diagnósticos para pesquisa/ Organização Mundial de Saúde, tradução de Maria Lúcia Domingues, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Apêndice

Glossário

Ana, ana (ou anna): anorexia nervosa

blog: página que permite que os usuários publiquem textos e imagens de forma simplificada, usados freqüentemente como diários virtuais.

CMC: do inglês - Computer Mediated Communication, comunicação mediada por computador.

deletar: apagar dados

e-mail: endereço de correio eletrônico

ferramentas de busca: ferramentas que permitem ao usuário, mediante a digitação de palavras-chave, realizar pesquisas rápidas nas páginas da internet.

host site: site que abriga um conjunto de sites

html: linguagem de programação para páginas na internet.

internet: world wide web, www ou web;

links: acesso à outra página

mensagens instantâneas (serviços de): sistemas que informam se uma lista de usuários, registrados e selecionados pelo usuário, está on-line, possibilitando o envio de mensagens curtas ou o início de um bate-papo.

Mia, mia ou Mya: bulimia nervosa

miar: vomitar, induzir vômito.

on-line: status do usuário conectado à internet.

servidores: programa ou máquina que fornece informações requisitadas por um cliente

site: ou sítio, endereço virtual na internet.

TAs: abreviação de transtornos alimentares

web: ou world wide web; ver 'internet' neste glossário.

web ring: grupo de sites com links entre si, que normalmente se dedicam à mesma temática.

ANEXO

1. Carta da Ana

“Querida Leitora,

Permita me apresentar.

Meu nome, ou como sou chamada, pelos também chamados ‘doutores’ é Anorexia. Anorexia Nervosa é meu nome completo, mas você pode me chamar de Ana. Felizmente nós podemos nos tornar grandes parceiras. No decorrer do tempo, eu vou investir muito tempo em você, e eu espero o mesmo de você.

No passado você ouviu seus professores e seus pais falarem sobre você. Diziam que você era tão madura, inteligente, e que você tem tanto potencial. E eu pergunto, aonde tudo isso foi parar? Absolutamente em lugar algum! Você não é perfeita, você não tenta o bastante! Você perde muito tempo pensando e falando com amigos! Logo, esses atos não serão mais permitidos.

Seus amigos não te entendem. Eles não são verdadeiros. No passado, quando inseguramente você perguntou a eles: - Estou gorda?- E eles te disseram: - Não, claro que não!-você sabia que eles estavam mentindo! Apenas eu digo a verdade! E sem falar nos seus pais! Você sabe que eles te amam e se importam com você, mas uma parte é porque eles são pais, e são obrigados a isso. Eu vou te contar um segredo agora: Bem no fundo, eles estão desapontados com você. A filha deles, que tinha tanto potencial, se transformou em uma gorda, lerda, e sem merecimento de nada!

Mas eu vou mudar isso.

Eu espero muito de você. Você não tem permissão para comer muito. Eu vou começar devagar: Diminuindo a gordura, lendo tabelas de nutrição, cortando doces e frituras, etc. Por um tempo os exercícios serão simples: Corridas, talvez exercícios localizados. Nada muito sério. Talvez você perca alguns quilos, tire um pouco de gordura deste seu estômago gordo! Mas não irá demorar muito até eu te dizer que não está bom o suficiente.

Eu vou te fazer diminuir calorias consumidas e vou aumentar a carga de seus exercícios. Eu vou te forçar até o limite! Eu preciso fazer isso, pois você não pode me derrotar! Eu estarei começando a me colocar dentro de você. Logo, eu já vou estar lá. Eu vou estar lá quando você acordar de manhã, e correr para a balança. Os números começam ser amigos e inimigos ao mesmo tempo, e você, em pensamento, reza para que eles sejam menores do que ontem à noite. Você olha no espelho com enjôo. Você fica enjoada quando vê tanta banha nesse seu estômago, e sorri quando começam a aparecer seus ossos. E eu estou lá quando você pensa nos planos do dia: 400cal e 2h de exercícios. Sou eu quem está fazendo esses planos, pois agora meus pensamentos e seus pensamentos estão juntos como um só.

Eu te sigo durante o dia. Na escola, quando sua mente sente vontade, eu te dou alguma coisa para pensar! Recontar as calorias consumidas do dia. Elas são muitas. Eu vou encher sua cabeça com pensamentos sobre comida, peso e calorias. Pois agora, eu realmente estou dentro de você. Eu sou sua cabeça, seu coração e sua alma. A dor da fome, que você finge não sentir, é eu dentro de você!

Logo, eu não vou estar te dizendo o que fazer com comida, mas o que fazer o tempo todo! Sorria, se apresente bem. Diminua esse estômago gordo, Droga!

Deus, você é uma vaca gorda!!! Quando as horas das refeições chegarem, eu vou te dizer o que fazer. Quando eu fizer um prato de alface, será como uma refeição de rei! Empurre a comida envolta! Faça uma cara de cheia...Como se você já tivesse comido! Nenhum pedacinho de nada...Se você comer, todo o controle será quebrado...E você quer isso?

Ser de novo aquela vaca gorda que você era? Eu te forço a ver uma revista de modelos. Aquele corpo perfeito, magro, dentes brancos, essas modelos perfeitas te encaram pela página da revista! E eu te faço perceber que você nunca será uma delas. Você sempre será gorda, e nunca vai ser tão bonita quanto elas! Quando você olhar no espelho, eu vou distorcer sua imagem, e te mostrar uma lutadora de sumô mas na verdade existe apenas uma criança com fome. Mas você não pode saber da verdade, pois se você souber, você pode começar a comer de novo e nossa relação pode vir a cair, e me destruir!

Às vezes você vai ser rebelde. Felizmente não com muita frequência. Você vai ar força aqueles últimos pensamentos, e talvez entrar naquela cozinha escura! A porta vai se abrir devagar, você vai abrindo a porta do armário e colocando sua mão naquele pacote de biscoitos, e você vai simplesmente engolir-los, sem sentir gosto nenhum na verdade, você faz isso pelo simples fato que você está indo contra mim. Você procura por outra caixa de biscoitos, e outra e outra. Seu estômago está cheio de massa e gordura, mas você não vai parar ainda. E o tempo todo eu vou estar gritando para que você pare, sua vaca gorda! Você realmente não tem controle, você vai engordar!

Quando isso acabar, você vai vir desesperada para mim de novo, e me pedindo conselhos porque você não quer ficar gorda! Você quebrou uma regra, e comeu, e agora você me quer de volta. Eu vou te forçar a ir ao banheiro, ajoelhada e olhando para a privada! Seus dedos vão para dentro da sua garganta, e com uma boa quantidade de dor, a comida vai toda sair. Você vai repetir isso varias vezes, até que você cuspa (sic) sangue na água, e saiba que toda aquela comida se foi! E quando você se levantar, você vai sentir tontura. Não desmaie! Fique em pé agora mesmo!

Sua vaca gorda!

Você merece sentir dor!

Talvez a escolha de te fazer ficar cheia de culpa vai ser diferente. Talvez eu escolha te fazer se encher de laxantes, e você não vai ficar sentada na privada até altas horas da manhã sentindo seu estômago se revirar. Ou talvez eu faça você se machucar, bater sua cabeça contra a parede, até você ganhar uma dor de cabeça insuportável! Cortar também é bem útil. Eu quero ver sangue, quero ver ele cair sobre seu braço, e naquele segundo, você vai perceber que merece qualquer tipo de dor que eu te dou! Você vai ficar deprimida, obcecada, com dor, se machucando e ninguém vai notar? Quem se importa?!?!? Você merece!

Ah, isso é muito duro? Você não quer que isso aconteça com você? Eu sou injusta? Eu faço coisas que apenas vão te ajudar! Eu vou fazer que seja possível parar de pensar em emoções que te causam stress. Pensamentos de raiva, tristeza, desespero e solidão podem ser anulados, pois eu vou tirar eles de você, e encher sua cabeça com contas metabólicas de calorias. Vou te tirar a vontade de sair com pessoas de sua idade, e tentar agradar todos eles. Pois agora eu sou sua única amiga, eu sou a única que você precisa agradar!

Mas nós não podemos contar a ninguém. Se você decidir o contrário, e contar como eu te faço viver, todo o inferno vai voltar! Ninguém pode descobrir, ninguém pode quebrar esta concha que eu tenho construído com você! Eu criei você, magra, perfeita, minha criança lutadora! Você é minha, e só minha! Sem mim, você é nada! Então, não me contrarie. Quando outras pessoas comentarem, ignore-os! Esqueça deles, esqueça todos quem me fazem ir embora. Eu sou seu melhor apoio, e pretendo continuar assim.

Com sinceridade,

Ana.”